

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO**

SILVAN MENEZES DOS SANTOS

**MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, EDUCAÇÃO FÍSICA E
CONVERGÊNCIA DIGITAL: consumo, circulação e produção
por professores em formação inicial**

**FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
FEVEREIRO DE 2014.**

Silvan Menezes dos Santos

**MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, EDUCAÇÃO FÍSICA E
CONVERGÊNCIA DIGITAL: consumo, circulação e produção
por professores em formação inicial**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Educação Física da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Educação Física.

Orientador:

Prof. Dr. Giovani de Lorenzi Pires

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Silvan Menezes dos
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, EDUCAÇÃO FÍSICA E CONVERGÊNCIA
DIGITAL : consumo, circulação e produção por professores em
formação inicial / Silvan Menezes dos Santos ; orientador,
Giovani de Lorenzi Pires - Florianópolis, SC, 2014.
197 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em
Educação Física.

Inclui referências

1. Educação Física. 2. Megaeventos esportivos. 3.
Convergência Digital. 4. Manifestações sociais. 5. Mediações
culturais. I. Pires, Giovani de Lorenzi. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Educação Física. III. Título.

Silvan Menezes dos Santos

**MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, EDUCAÇÃO FÍSICA E
CONVERGÊNCIA DIGITAL: consumo, circulação e produção
por professores em formação inicial**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física.

Local, 21 de fevereiro de 2014.

Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Giovani de Lorenzi Pires
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Nilda Aparecida Jacks
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Jaison José Bassani
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr.^a. Gilka Girardello
Universidade Federal de Santa Catarina

Aos familiares e amigos pela
crença de que eu seria capaz de
chegar até aqui e a todos que,
em algum momento, cruzaram
meus caminhos e colaboraram
de alguma forma.

AGRADECIMENTOS

Entre os significados da palavra agradecer, como retribuir, recompensar e expressar gratidão, está o sentido de reconhecer. Talvez uma simples carta como esta não consiga ou não seja suficiente para suprir tamanho tento, pois o fato de elencar nomes é sempre um risco à memória de quem tem a felicidade e a honra de ser e estar frequentemente rodeado de pessoas fantásticas que estão sempre lhe tratando com muito zelo, carinho e amizade. Portanto, aqueles que serão citados aqui são representantes de todos os que de alguma forma fizeram me sentir capaz, nesses últimos 2 anos, de alcançar este momento de formação acadêmica e, sobretudo, formação humana. Uma maneira de reconhecer, de exercer a ação de agradecer, o que voluntária ou involuntariamente essas pessoas fizeram por mim.

Como diriam alguns matemáticos menos exatos, "toda equação tem um espírito". E aqui, essa conta de reconhecimento tem a essência da igualdade entre todos que forem citados do início ao fim. O que quero dizer é que a ordem dos "fatores" ou pessoas a serem agradecidas não altera o produto final, que é o ato de dizer um muito obrigado!

Assim, como precisamos de um começo, é difícil não iniciar pela minha Família.

À minha mãe, Ana Márcia Menezes Oliveira, mulher que com sua simples vontade de viver, com alegria, sinceridade, honestidade, garra e amor incondicional, se tornou exemplo de vida para mim. Obrigado pelo apoio de mãe e amiga a todo instante. Estamos marcados para sempre um no outro. As iniciais do seu nome juntas sonorizam o sentimento mais puro que tenho por ti, "AMMO"!

Aos meus irmãos, Cello e Lella, pelos ensinamentos, pelo acolhimento, pelos cuidados e, principalmente, por me darem força e acreditarem em mim desde o princípio mesmo com perspectivas de futuro profissional tão distintas. Nossas diferenças extremas só me fazem, cada vez mais, acreditar nos seres humanos mesmo entre tantas adversidades e diversidades. Amo vocês! Obrigado.

À minha Avó pelo eterno carinho e amor sincero concedido. Você conseguiu emitir o calor das saudades que a distância nos proporciona todas as vezes que nos falamos, mesmo através da frieza que a comunicação por telefone permite.

À Tia Carla e Loli pela vigília e torcida corriqueira ao meu trabalho e a minha estadia longe de casa e da família. Muito obrigado por tudo.

Ao meu pai, que com o seu jeito homem-menino de levar a vida, sempre me deixando preocupado com seus rumos, reforça cada vez mais a nossa relação de pai-filho como laços de amizade e parceria. Obrigado velho!

À toda a Família Buscapé (tios, tias, primos, primas e agregados) que mesmo a distância, através das confrarias e, principalmente, da presença constante materializada pelas conversas no Whatsapp, me mantiveram a par do dia a dia de todos e, assim, fizeram sentir-me próximo de cada um mesmo estando distante.

Aos amigos de lá... "eram vocês de Aracaju...🎵... sem o contato permanente de vocês não seria possível. Falar com vocês diariamente me fez pensar como se não estivesse longe. Dessa forma, sair de Aracaju para Floripa foi só uma questão de deslocamento físico, corporal, material. Este trabalho também tem a mão de vocês como autores.

Mari, Kivia e Verinha, juntos seremos sempre "Os Estourados", estejamos onde for. Fred, "Kaquinha", Bruno "Lacraia", Gustavo, toda a família do grupo "Os Boleiros", "tamo junto" parceiros. Drigo, Danillo, Alex Lira, Adriana, Amandita, Taíse Corrente, Fabi Mesquita e tantos outros que ficaria incontáveis páginas citando aqui. A todos meu muito obrigado.

Aos amigos daqui, que cada um a sua maneira fizeram me sentir em casa na Ilha. O incentivo constante aos encontros para fazer festa, mas também para seguir firme estudando foram fundamentais. Preciso reconhecer que sem a segurança de que eu tinha verdadeiros amigos perto de mim para qualquer coisa, na saúde e na doença, seria mais difícil.

Sue, Netto, Ronei, Dona Marlene, Sara, Rodrigo, Ricardo, Thais Japa, Cleiton, Carol, Manuzinha e Ju, vocês são os "Tartarugas Ninjas" que o Mestre Splinter precisava. Eli e Cheila, serão sempre as parceiras inesgotáveis. Os peladeiros do PPGEF, viva o Mazembe F.C., Diego, Rodolfo, Otávio e todo o time. Obrigado.

Ao LaboMídia, como grupo de estudos, pesquisa, mas também como família que acolhe a todos com muito afeto. Os de Aracaju, Cris, Zoboli, Dorenski, A40, Lu e Paula Aragão. Os de Floripa, Digão, Lyana, Paula Bianchi, Lu Fiamoncini, Gilson, Rogério, Ira, juntamente com os parceiros do "Bonde do RU", Bia, Ângelo, Fê e Antonio e aos bolsistas Alexandre e Josimar. De outros cantos do Brasil, Scheila, Diego, Messa e Cássia. A todos o mais sincero obrigado por, de algum modo, conduzirem as minhas reflexões acadêmicas com os calorosos debates e

trabalhos coletivos e colaborativos do laboratório. Com vocês eu passei a entender o que é ser coletivo e colaborativo de verdade.

Ao Giovani, como professor-orientador que com sabedoria consegue desenvolver com coerência o processo de formação acadêmica, docente e, sobretudo, humana. Mais do que isso, uma pessoa que através dos seus atos diários nos ensina que é preciso acreditar e valorizar sempre o ser humano na sua integridade. Obrigado pelo acolhimento profissional, mas, principalmente, pela amizade e companheirismo com que nos trata. Felizes daqueles que um dia puderam ser orientados por você, mestre camarada.

À Thyrsa, pelo colo, dedicação e apoio incondicional que ofereceu em todos os momentos. A certeza de ter a sua guarda de mãe adotiva dá a tranquilidade que o processo de formação necessita. Você também é autora deste trabalho. Para mim, você deveria assinar em todas as páginas oficiais como co-orientadora. Obrigado por tudo.

À Tango, pela euforia e pelas demonstrações de afeto sem medidas que sempre apresentou em cada visita. A sua capacidade de NÃO ser animal deixa qualquer um encantado com o seu jeito cão de ser.

Aos professores, colaboradores e servidores do Centro de Desportos e do PPGEF/UFSC. Ao professor Maurício, pela formação informal que me deu em cada café ou momento de conversa e descontração. A Kunz, Maria do Carmo, Cardoso, Jaison, Juarez, Alcyane, Gelcemar, Alexandre Vaz, Mônica Fantin, Magda, Raquel Ritter, o meu obrigado pelos ensinamentos nos momentos de aula.

Aos interlocutores da pesquisa, sem vocês esse exercício investigativo e reflexivo não seria possível. Amanda, Daniela, Diogo, Kauê e Ronaldo, agradecido pela participação, que seus caminhos na Educação Física sejam brilhantes.

Aos professores da banca pelo tempo dedicado à leitura do projeto no momento de qualificação e agora no relatório final. Professores Nilda, Jaison, Wanderley e Gilka, meu muito obrigado por todas as considerações feitas sobre o trabalho.

Por fim, a todos que em algum momento transitaram pelos meus caminhos durante estes dois anos que marcam a minha vida não só com um título que pode vir a me denominar mestre, mas que me ensinaram a olhar o mundo de uma maneira diferente e a viver a vida com mais dedicação ao valor que a essência dela tem.

Obrigado.

*Hoje, ao assistir a história de Gonzagão
Lembrei de casa, da mãe e dos irmãos
Senti saudades de Aracaju
Que por sinal, parece muito com Exu
Terra do “Rei do Baião”.
Ao escutar o “Xote Virado”,
Parei e pensei,
Que mundo é esse globalizado?*

*O poder das tecnologias,
Assim como num toque de magia,
Mudam as nossas percepções
Desancoram as nossas terras
De dentro dos nossos corações.
Findamos sendo todos padronizados
Mas diversifique!
Acabe com a divisão de classes
E seremos todos iguais!*

*Seja crítico e criativo,
Precisamos construir a nossa memória,
Juntos, fazemos um coletivo
Formamos um ecossistema comunicativo
Comunique-se sem demora,
Aproxime-se de quem está na sua cola,
Dê importância pra quem te dá bola.
Olhe para o seu lado, NOW!
Valorize o outro
Deixe de ser banal!
Já parou e pensou?
Você vive numa rede social!*

*Fuja desse simulacro oco
A vida real é uma mina de ouro!
Olhe a terra ardendo,
É uma fogueira de São João
Veja-os...
São seus amigos, sua família, seus irmãos!
E quando a saudade apertou no coração,
Eu tenho a certeza...
Que voltarei pro meu sertão!*

**Na Asa Branca... voltarei pro meu sertão! -
Silvan Menezes (06/12/12)**

RESUMO

No momento esportivo pelo qual passa o Brasil, de realização de grandes eventos (Pan-Americano/2007; Copa das Confederações/2013; Copa do Mundo de futebol/2014; Olimpíadas/2016), a preocupação com as implicações deles à cultura esportiva do país tornou-se pauta principal de estudos acadêmicos, não sendo diferente na Educação Física. Além disso, o envolvimento histórico e institucional do Esporte com a Mídia em uma relação de reciprocidade, agora hiperdimensionado pela convergência digital dos meios, sobretudo com a crescente participação social na produção e compartilhamento de discursos através das redes sociais, nos levou ao desenvolvimento desta pesquisa. Em um estudo observacional-descritivo com inspiração etnográfica, o objetivo foi compreender como professores de Educação Física em formação inicial interagem com o discurso midiático-esportivo no âmbito da convergência digital. Tendo como contexto sociocultural a Copa das Confederações FIFA, marcado pelas manifestações sociais de rua naquele junho de 2013, o estudo foi desenvolvido com cinco estudantes de diferentes fases do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. A investigação aconteceu em dois cenários que se complementaram: 1) *online*, que consistiu no acompanhamento da página pessoal dos sujeitos da pesquisa no Facebook; 2) *offline*, com a aplicação de questionários mistos e, por fim, uma entrevista coletiva com os sujeitos. Baseada na Teoria das Mediações Culturais de Jesús Martín-Barbero, a interpretação dos dados da investigação foi apoiada no método de análise de conteúdo. Duas categorias temáticas, definidas a partir do quadro teórico-conceitual, foram empregadas na análise empírica dos dados: *Megaeventos Esportivos* e *Manifestações Sociais*. Consideramos como reflexões finais a necessidade do acompanhamento da Educação Física, da formação à intervenção, às constantes transformações socioculturais das tecnologias de informação e comunicação através da convergência digital; estar atento a esse processo, principalmente pelas possibilidades de participação social dos sujeitos através das redes sociais, para fazer aproximações entre as dimensões teóricas e práticas da formação cultural e humana na perspectiva da emancipação e do exercício da cidadania, nesse caso, no contexto da cultura esportiva.

Palavras-chave: Educação Física; Megaeventos Esportivos; Mídia; Mediações; Convergência Digital.

ABSTRACT

At the sports moment that Brazil lives, such as the Pan American/2007, Confederations Cup/2013, FIFA World Cup/2014, and the Olympics Games in 2016, the concerning with these implications of the country's sports culture have to become the main reason of the academic studies, it hasn't being so different to Physical Education. Furthermore, the historical and institutional involvement of the sport with the media in a reciprocity relationship, nowadays hiperdesigned by the digital media convergence, especially with the increasing social participation in the production and sharing of speeches through social networks, that are the reason why it provokes us this research development. In a descriptive observational study, inspired in the ethnographic, the aim of this study was to understand how the Physical Education teachers interact in initial formation with media-discourse about sports under a digital media convergence. Having the FIFA Confederations Cup as a sociocultural context, made by social street demonstrations that June 2013, this study was developed with five students, from different course stages in Physical Education degree from Federal University of Santa Catarina. This research took place in two different scenarios which complement each other: 1) the online, consisted in monitoring the research of personal subjects pages on Facebook; 2) the offline, wich the application to join the questionnaires and, finally, a press conference with everyone. Based on the Cultural Mediations theory of Jesús Martín-Barbero, the data analysis built up in the investigation course it was supported in the method analysis content. Thus, two thematic categories, were the result from the conceptual-theoryc framework, were employed in empirical analisys of the database: *Big sporting event and, Social Events*. We can consider as finals reflections of the study which appears necessary monitoring of Physical Education, both in the theacher training process and in the intervention, the constants updates and socio-cultural transformations of information technologies and communication through the digital convergence. Therefore, we need to be aware of this process, mainly through the possibilities of social participation of the subjects through social networks, to make these approaches between the theoretical and practical dimensions of human formation and cultural formation in the perspective of emancipation and the exercise in citizenship, in this case, in the culture sports context.

Keywords: Physical Education, Sporting Mega-events: Media, Mediation; Digital Convergence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa das Mediações Culturais	50
Figura 2: Compartilhamento realizado por Amanda em 14/06/2013. ...	85
Figura 3: Compartilhamento realizado por Daniela em 18/06/2013.	87
Figura 4: Postagem realizada por Kauê em 19/06/2013.....	88
Figura 5: Compartilhamento de Daniela no dia 25/06/2013.	95
Figura 6: Postagem e Compartilhamento de Ronaldo em 15/06/2013..	96
Figura 7: Compartilhamento de Daniela em 25/07/2013.	106
Figura 8: Compartilhamento de Diogo em 18/06/2013.....	108
Figura 9: Compartilhamento de Diogo em 25/06/2013.....	110
Figura 10: Postagem de Ronaldo em 23/06/2013.....	116
Figura 11: Postagem de Diogo em 30/06/2013.	116
Figura 12: Postagem de Kauê em 30/06/2013.....	117
Figura 13: Compartilhamento de Amanda em 21/06/2013.	118
Figura 23: Compartilhamento de Diogo em 26/06/2013.....	125
Figura 24: Compartilhamento de Kauê em 24/06/2013.	131
Figura 25: Compartilhamento de Kauê em 22/06/2013.	132
Figura 14: Compartilhamento de Ronaldo em 23/06/2013.	139
Figura 15: Compartilhamento de Kauê em 18/06/2013.	140
Figura 16: Compartilhamento de Daniela em 15/06/2013.	144

Figura 17: Postagem de Ronaldo em 17/06/2013.	145
Figura 18: Compartilhamento de Diogo em 21/06/2013.	153
Figura 19: Compartilhamento de Kauê em 19/06/2013.	154
Figura 20: Compartilhamento de Kauê em 22/07/2013.	157
Figura 21: Compartilhamento de Kauê em 14/06/2013.	162
Figura 22: Compartilhamento do pesquisador no perfil de Ronaldo em 25/06/2013.	164

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Total das interações realizadas pelos sujeitos da pesquisa no Facebook durante os cinquenta dias de observação.	82
Gráfico 2: Panorama das interações dos sujeitos no Facebook dia a dia durante o período de investigação.	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO... AO PROBLEMA!.....	23
OBJETIVO DA PESQUISA	34
QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	34
JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA	35
PERCURSO E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE INVESTIGAÇÃO.....	41
CAPÍTULO 1.POR UM ESFORÇO INTERPRETATIVO DA CULTURA ESPORTIVA.....	47
1.1. A CARTOGRAFIA BARBERIANA.....	49
1.2. UM MAPA DAS MEDIAÇÕES... DA CULTURA ESPORTIVA	51
1.2.1. <i>A institucionalidade... da sociedade do espetáculo esportivo</i>	<i>52</i>
1.2.2. <i>A socialidade... das interações às quase interações mediadas</i>	<i>54</i>
1.2.3. <i>A tecnicidade... do discurso midiático-esportivo</i>	<i>59</i>
1.2.4. <i>A ritualidade... entre o nexo simbólico dos significados e dos sentidos.....</i>	<i>63</i>
CAPÍTULO 2.OS SUJEITOS DA PESQUISA E OS SEUS PERCURSOS DE NAVEGAÇÃO	69
2.1. OS SUJEITOS DA PESQUISA	70
2.2. PANORAMA DA INTERATIVIDADE DIGITAL DOS SUJEITOS NA REDE	81
CAPÍTULO 3.MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: ENTRE O SIM, O NÃO - OU O SIM E O NÃO!.....	91
3.1. "NÃO PRECISAMOS DOS MEGAEVENTOS, MAS OS QUEREMOS PELA NOSSA SELEÇÃO"	92
3.2. "COPA DO MUNDO PARA QUEM?": ENTRE A DESILUSÃO DOS LEGADOS E A ESPERANÇA CIDADÃ.....	101

3.3. VISIBILIDADE MIDIÁTICA, A GEOPOLÍTICA E O ENCANTO DO ESPETÁCULO ESPORTIVO	112
3.4. A <i>PRIORI</i> , O PENSAMENTO CRÍTICO E A NECESSIDADE DE INTERVIR SEM ENTUSIASMO E INTEGRAÇÃO AO ESPETÁCULO	119
3.5. A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE NA PROMOÇÃO DO DEBATE E NA FORMAÇÃO CRÍTICA SOBRE O TEMA	126

CAPÍTULO 4. MANIFESTAÇÕES SOCIAIS: DO ESPETÁCULO ÀS REDES SOCIAIS NO JUNHO DE 2013 135

4.1. QUANDO O ESPETÁCULO SERVE A CIDADANIA E VICE-VERSA: OS CONFLITOS ENTRE A "MÍDIA DE DIREITA" E A "REDE DE ESQUERDA"	136
4.2. A CIRCULAÇÃO, A PRODUÇÃO E O CONSUMO DE PONTA A PONTA NA REDE: O EXCESSO DE VOZES É UM PROBLEMA?	149
4.3. FORMAÇÃO, DESABAFO OU ENTRETENIMENTO: AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DAS REDES SOCIAIS	158
4.4. A DIFICULDADE EM ASSOCIAR A PRÁTICA DA CIDADANIA COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA: EM BUSCA DE UMA CAUSA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	167

CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS 173

REFERÊNCIAS 181

APÊNDICES 189

INTRODUÇÃO... AO PROBLEMA!

Falar do esporte na contemporaneidade corresponde falar da mídia. No momento em que as experiências sociais com o fenômeno esportivo das interações diretas, na sua prática e na assistência em estádios e arenas, vão cedendo espaço para as interações indiretas, mediadas pelos meios de comunicação de massa (rádio, televisão e computadores), fica difícil dissociar esses dois elementos constituintes da sociedade e da cultura na atualidade.

O esporte, como instituição social (BRACHT, 1997) que possui representações simbólicas e linguagens específicas, constituições e regras determinadas e disseminadas, foi mais um dos bens culturais apropriados pelos meios de comunicação de massa, assim como a música, o teatro, a dança, etc. Ele se transformou em um dos maiores fenômenos sociais do século XX através dos processos de espetacularização e de mercadorização (PIRES, 1998) que sofreu. A midiaticização do esporte instituiu novas características ao fenômeno, vestindo-o com uma nova roupagem, agora mais produtiva e rentável, o “esporte telespetáculo” (BETTI, 1998).

Para chegarmos a tal entendimento sobre o processo de espetacularização e mercadorização do esporte através da mídia a ponto de se destacar o papel integrador dela pela capacidade de construir uma “nova” realidade e devolvê-la como objeto de consumo¹ (PIRES, 2002), o conteúdo midiático esportivo passou a ser analisado criticamente por estudiosos da Educação Física a partir da década de 1990.

A Educação Física, por ser a área de intervenção escolar e o campo acadêmico-científico que tradicionalmente trata do esporte em sua especificidade, debruçou-se sobre essa relação da mídia com o fenômeno esportivo em busca de conhecer os meandros do processo constitutivo da cultura esportiva² massificada pelos meios. Foram

¹ O termo "consumo", que neste trabalho acompanha o pensamento de Williams (2007), referindo-se à sua dimensão cultural, é entendido como ato de acesso, apropriação, recepção e significação do discurso midiático, vai além da compreensão econômica e mercadológica de aquisição e/ou compra de bens e serviços.

² Neste trabalho seguimos a compreensão de Pires (2002, p. 42) sobre "cultura esportiva", que a define como "o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente

estudos que contribuíram para a compreensão do esporte como espetáculo e como mercadoria (PIRES, 1998), o qual se adequou à linguagem televisiva para se tornar conteúdo passível de ser veiculado e assim agregar valor comercial. Além também do conceito de “esporte telespetáculo” como uma realidade textual relativamente autônoma (BETTI, 1998), com linguagens, símbolos e representações específicas dos meios de comunicação de massa, basicamente, para conquistar cada vez mais espectadores consumidores do produto.

O esporte da mídia é fragmentado e descontextualizado pela falação esportiva³. Ele tem o seu conteúdo básico, que é o jogo, sobrevalorizado em prol da forma discursiva da cobertura midiática. No Brasil, o fenômeno esportivo é apresentado quase que de maneira monocultural, representado pela figura do futebol, salvo raras exceções, partidas de outras modalidades, como o vôlei, são veiculadas. O esporte é tratado de maneira superficial devido a descontinuidade e a eventualidade que lhe é dada pela mídia. Por fim, esse fenômeno midiático prevalece, basicamente, em interesses econômicos de comercialização do produto e ampliação das audiências (BETTI, 2001).

O mundo espetacular e comercial do esporte sublima a sua própria inteireza. Uma diversidade de modalidades esportivas são ocultadas pela cobertura da mídia, informações detalhadas e conteúdos ampliados são subtilizados pelo discurso midiático-esportivo, as análises conjunturais que abordam o contexto maior do fenômeno são minimizadas e os atletas são reificados em máquinas de rendimento. Portanto, as relações humanas com o esporte espetáculo são basicamente mediadas por imagens, por representações construídas/montadas pela edição da mídia. Um exemplo disso e talvez o ápice representativo dessa relação hoje sejam os megaeventos, são bilhões de pessoas ao redor do planeta que se aproximam das maiores manifestações do fenômeno esportivo na contemporaneidade através da cobertura dos Jogos Olímpicos ou da Copa do Mundo de futebol via meios de comunicação de massa.

O fenômeno esportivo, na “década” em que vivemos desde 2007 e que se estenderá até 2016, já tomou (e tomará ainda mais) proporções

incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa”.

³ No entendimento de Eco (1984), o esporte deixa de ser realizado em primeira pessoa, tornando-se um “discurso sobre o jogo, jogado por outros e visto por mim” (p. 222).

“superespetaculares” no Brasil. Desde o início da realização de grandes eventos esportivos no território nacional, como o Pan-Americano na cidade do Rio de Janeiro, a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo FIFA⁴ de 2014, que terá jogos em doze estados brasileiros, e os Jogos Olímpicos de 2016 que também acontecerão no Rio, a espetacularização do esporte na mídia brasileira só tende a crescer e tomar dimensões nunca vistas nos meios de comunicação de massa do país.

Os megaeventos esportivos tornaram-se realidade concreta para o povo brasileiro e chegaram carregados de um discurso promissor de legado social, de infraestrutura urbana, cultural e, principalmente, esportivo. São promessas de que o país desfrutará de uma rica herança deixada pelas instituições burocráticas do esporte (COI⁵, FIFA, COB⁶ e CBF⁷) organizadoras e promotoras dos eventos juntamente com os três níveis de governo: federal, estadual e municipal das cidades que irão sediar competições. Discurso esse totalmente permeado por interesses políticos e econômicos que envolvem cifras exorbitantes de recursos públicos e de patrocinadores, o que engloba, conseqüentemente também, interesses diretos da indústria midiática responsável pela cobertura e veiculação dos megaeventos.

A relação entre o esporte e a mídia se tornou nas últimas décadas indissociável. Pensar o fenômeno esportivo contemporâneo sem o suporte, a estrutura e o financiamento que a indústria midiática ofereceu é praticamente inviável nas dimensões espetaculares e mercadológicas em que o fenômeno se encontra hoje. Óbvio que essa é uma via de mão dupla, afinal o esporte é, senão o principal, um dos produtos que mais geram lucros para os meios de comunicação de massa. O número de empresas que querem associar as suas marcas às competições, aos clubes e aos ídolos esportivos é enorme, todas elas interessadas no forte apelo sociocultural que o esporte tem com os telespectadores. Assim, através da veiculação e exposição incessante das marcas patrocinadoras durante a cobertura midiática do esporte é que os meios conseguem o retorno desse relacionamento.

A cobertura que a mídia faz do esporte através dessa relação baseada em interesses estritamente comerciais acaba afetando a cultura

⁴ Federação Internacional de Futebol.

⁵ Comitê Olímpico Internacional.

⁶ Comitê Olímpico Brasileiro.

⁷ Confederação Brasileira de Futebol.

esportiva. Hoje, apesar da quantidade e da diversidade de informações que circulam na mídia de maneira geral, boa parte delas apresentam possibilidades minimizadas para um entendimento ampliado sobre o contexto esportivo. O espetáculo esportivo difundido pela mídia é hoje a principal referência social na produção de significados sobre o fenômeno, de tal maneira, conformando uma cultura esportiva contemporânea desencarnada e sem nenhum potencial crítico-reflexivo (PIRES, 2002). A cultura esportiva da mídia representa a perpetuação dos valores, códigos e sentidos para a manutenção do controle social.

O que a mídia esportiva apresenta ao telespectador é apenas um recorte da realidade ampla das manifestações do fenômeno esportivo. A informação que chega até o público é filtrada por interesses mercadológicos que estão diretamente ligados ao valor do produto, o esporte. O lado obscuro e “sujo” dos bastidores do espetáculo esportivo é jogado para debaixo do tapete⁸, ou melhor, é deixado atrás das câmeras ou nos arquivos secretos dos computadores. É a confirmação e a disseminação da semicultura esportiva (PIRES, 2002) provocada pela tomada do esporte pela indústria cultural.

Assim, o que os sujeitos podem alcançar no acesso cotidiano à informação esportiva veiculada pela indústria midiática é a semiformação esportiva (PIRES, 2002). As possibilidades de formação para a autonomia e para a emancipação são congeladas através do discurso midiático-esportivo, ambas ficam hipostasiadas. A capacidade crítica e reflexiva dos sujeitos é solapada em meio aos refletores do espetáculo esportivo.

E para a Educação Física, o que fica de legado desse momento hiperbólico dos megaeventos esportivos no Brasil? Na perspectiva educacional da área, qual a abordagem sociocultural a ser dada para o esporte no ambiente escolar como um espaço de formação de cidadãos? Como trabalhar este conteúdo hegemônico da Educação Física escolar

⁸ Casos como os livros de Simson e Jennings (1992), *Os Senhores dos Anéis: Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas* e de Jennings (2011), *Jogo sujo (foul!) o mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos* que apresentam e denunciam informações de corrupção política e de fraudes econômicos do universo esportivo mundial são raros na cobertura midiática do esporte, pois as principais entidades esportivas e promotoras das grandes competições pelo mundo estão diretamente ligadas à indústria da mídia através do principal valor de troca do fenômeno esportivo mercadorizado, os direitos de transmissão.

de maneira crítica e reflexiva ampliando as possibilidades e emancipando os sujeitos no contexto da sociedade e da cultura esportiva frente a realidade do esporte no país? Até que ponto os professores de Educação Física, como produtores do discurso sobre o fenômeno esportivo na escola, estão preparados para mediar com os alunos o consumo e a significação do discurso midiático que tenta mascarar uma cultura esportiva, fragmentando-a com informações comercialmente interessadas no "superespetáculo" da Copa e das Olimpíadas?

O espetáculo esportivo hoje que ganha, em tempos de convergência digital, mais holofotes para a desencarnação da cultura esportiva. A cobertura midiática torna-se instantânea em qualquer tempo e espaço do mundo e as informações se disseminam pelas redes em frações de segundo, sem tempo nem para piscar os olhos, imagine-se para a reflexão e a crítica.

O discurso midiático que até então era analógico e unidirecional agora tornou-se digital e multidirecional. O discurso impresso que, tempos atrás, passou para o radiofônico, seguido pelo televisivo que veio acompanhado do via satélite, eletrônico e interativo, hoje a partir do entrelaçamento dos meios, principalmente através da internet, se constitui de maneira participativa e coletiva nos ambientes virtuais. A mídia de massa convergiu em novas plataformas comunicacionais aderindo aos formatos digitais dos portais de informação e notícia, às redes sociais e, inclusive, às transmissões e coberturas online.

A indústria da mídia, embarcada na corrente de congruência e mescla dos meios de comunicação adequou-se ao novo tempo comunicacional e criou estratégias de alcance das audiências nos diversos pólos de recepção. São portais online com atualização em tempo real, *fan pages* das empresas e de seus produtos (programas e celebridades) nas principais redes sociais (*Facebook, Twitter*), além de canais de participação e de compartilhamento com os seus públicos consumidores que até então eram meros telespectadores.

É nesse contexto de novas tecnologias, de surgimento de novas vias de acesso a rede mundial de computadores e de transformação das maneiras de interação e participação na produção e recepção dos conteúdos midiáticos que nos encontramos hoje. Momento comunicacional da sociedade de novos questionamentos, interpretações e resignificações do cenário que se desenhou nos últimos anos e que vive em constante mudança. São alterações nos suportes ou *hardwares* (computadores, notebooks, celulares, *smartphones, tablets*) e

atualizações nos *softwares* (sistemas operacionais, aplicativos) que redimensionam o sistema de comunicação cotidianamente.

O processo de transformação da comunicação se convencionou chamar de “convergência⁹ digital”. É a formação de uma “cultura da convergência” que, segundo Henry Jenkins (2009), de início, para ser compreendida, é necessário ter ciência do momento de colisão entre velhas e novas mídias, do cruzamento entre a indústria midiática e a mídia alternativa, além das novas interações de poder entre o produtor e o consumidor do discurso midiático. E essa nova cultura dos meios, para o pesquisador norte americano, envolve mais do que uma simples fusão tecnológica de suportes, é uma transformação cultural que demanda participação social e trabalho intelectual coletivo.

Na cultura de convergência os anteriormente receptores do fluxo clássico da comunicação e os receptores ativos da perspectiva cultural latino-americana, agora, são também autores e produtores de discurso midiático. É a constituição de uma “cultura participativa”, mas que, não muito diferente do que a teoria das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2009) aponta, o nível de participação dos sujeitos nesse processo depende muito do contexto de criação em que eles viveram e vivem. Dessa forma, as relações de poder variam de acordo com as capacidades e as habilidades de produção, veiculação e interpretação dos novos discursos publicados.

Além da participação ativa, a produção coletiva dos sujeitos é uma característica marcante da convergência. O excesso e a velocidade de informações produzidas nos meios de comunicação digital são superiores a capacidade biológica humana de processamento e compreensão. Assim, o consumo desta “enxurrada” de conteúdos midiáticos só se torna possível quando coletivo e complementar entre os sujeitos. As relações e a comunicação humana são essenciais no processo de interpretação e entendimento da informação. É a “inteligência coletiva como uma fonte alternativa de poder midiático” (JENKINS, 2009, p. 30).

A convergência digital afeta todo o processo comunicativo, desde o pólo emissor, passa pelos meios, transforma as formas de significação

⁹ “Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (JENKINS, 2009, p. 29).

das mensagens e chega ao receptor com possibilidades de ser retransmitida com um novo sentido. Então, a cultura de convergência diz respeito tanto as grandes corporações da mídia como ao público consumidor. Ambos os grupos sociais, independente da posição hierárquica na fragmentação socioeconômica, tornaram-se “autores” neste momento do novo paradigma da comunicação.

Portanto, para entender o processo de convergência, sobretudo para compreender a estruturação desse novo paradigma comunicacional, segundo Jenkins (2009), é necessário permear as relações entre público, produtor e conteúdo da mídia. Entretanto, conhecer o produto resultante da atuação autoral do público nas novas redes de comunicação e participação talvez seja insuficiente para definir os reais significados pretendidos pelos sujeitos. Afinal, muito do que é publicado e compartilhado por nós na internet hoje, são apenas respostas aos conteúdos estimulantes originários do discurso midiático hegemônico. É neste aspecto de indefinição permitido pelo universo inconstante e, até certo ponto, camuflado da convergência digital que se visualiza a possibilidade de um estudo de recepção nesse contexto.

Os estudos de recepção¹⁰ objetivam perceber e compreender os significados dados pelos sujeitos aos conteúdos e às mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Sobretudo, identificar as dimensões socioculturais que permeiam e interferem na ação interpretativa dos sujeitos fazendo a mediação entre emissores, mensagens e receptores. Neste caso em especial, do desenvolvimento de estudos desse tipo em tempos da cultura de convergência digital, parece válido ampliar a investigação para observar como os papéis, anteriormente bem definidos, se reposicionam entre participação,

¹⁰ Aqui é válido destacar que em levantamento realizado pela professora e pesquisadora Nilda Jacks e outros colaboradores, na década de 1990 (período de chegada da teoria das mediações e dos estudos de recepção no Brasil) foram encontrados 54 estudos de recepção, entre teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOMs) do país (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008). E em uma segunda etapa de busca pelos trabalhos realizados nos PPGCOMs, no período de 2000 a 2008, 135 teses e dissertações apresentaram-se como estudos de recepção (JACKS, 2010). Dados quantitativos que representam a tendência de crescimento das pesquisas em comunicação aos estudos de recepção, inclusive, apontam a preocupação que o campo de conhecimento passou a ter com o sujeito receptor das mensagens nos últimos anos.

colaboração, produção, difusão, compartilhamento e recepção dos enunciados nas mídias digitais.

As posições sociais foram modificadas ou, ao menos, diversificadas no processo comunicacional contemporâneo no contexto da cultura de convergência dos meios. Não sendo diferente com os professores, os quais exercem o papel educacional de formação dos sujeitos no chão da escola. Ao lidar com crianças e jovens, necessariamente, o educador deve vislumbrar perspectivas formativas dos alunos para a vida presente e futura, ou seja, o professor é um profissional que precisa estar atualizado em seu tempo, não só no que se refere ao conteúdo abordado, mas também didática e pedagogicamente. Sendo assim, surge como uma demanda primária dos educadores estarem conectados ao mundo digital das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e antenados ao ambiente participativo e colaborativo das redes sociais virtuais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Youtube*, por exemplo.

Com a ampliação e a diversificação de discursos da indústria midiática através da convergência dos meios, a sociedade está sendo inundada por informações permeadas por interesses comerciais da mídia de massa na conquista das audiências e, conseqüentemente, na atração de anúncios publicitários. Além disso, agora há também a busca, por parte dos grandes conglomerados da mídia, de caminhos e direcionamentos, ou melhor, portais e *links* que levem o internauta a acessar e a navegar pelas páginas e sites que são correspondentes das empresas da indústria da mídia nas plataformas digitais.

Os novos ambientes virtuais e as plataformas digitais, além de se apresentarem através de novos suportes (*smartphones, tablets, mobiles, Iphones*), o que demanda habilidades técnicas com as novas tecnologias como o *touch screen* (ou melhor, o toque na tela), configuram, também, novas formas de relacionamento humano, de linguagem comunicativa e de trato com a informação. As pessoas não são mais apenas amigas ou colegas, agora elas são "seguidas", umas pelas outras, no *Twitter* ou no *Instagram*. As vias de comunicação interpessoal acontecem através de "curtidas" e "cutucadas" no *Facebook*. A informação é atualizada instantaneamente nos portais de notícias, postada no limite dos 143 caracteres do *Twitter* ou "compartilhada" e "promovida" no *Facebook*. Essas novidades comunicacionais criaram uma demanda, que ultrapassa a dimensão da aprendizagem técnico-instrumental, implicando as práticas sociais no âmbito da cultura digital, aquilo que o âmbito

acadêmico-científico que discute essa temática vem chamando de "letramento digital"¹¹.

No âmbito educacional, a corrente teórica que pensa a educação para, com e através das mídias nos preceitos da mídia-educação (FANTIN, 2006), tem pensado a formação de professores através do "letramento digital" como possibilidades e estratégias didático-pedagógicas para esse momento cultural das mídias digitais convergentes. Ainda nessa perspectiva, entende-se o professor como um mediador educacional e cultural que necessita estar atualizado ao seu tempo, principalmente aos paradigmas da tecnologia e da comunicação, e também como um importante produtor de discurso social contra-hegemônico ao discurso midiático no ambiente escolar.

No caso específico da Educação Física brasileira, a relação espetacular e mercadológica do esporte com a mídia tem nesse momento dois elementos que modificam, ou ao menos começam a ampliar de maneira exacerbada essa ligação comercial indissociável: a realização dos megaeventos esportivos no Brasil; e a cobertura midiática do esporte em tempos de convergência digital.

Diante desse contexto, qual a leitura de mundo e de linguagem que os professores de Educação Física, principalmente os que estão em formação¹² inicial, fazem do momento esportivo do país e dos formatos comunicacionais que cobrem esse fenômeno? Integradora, passiva, crítica ou apocalíptica? Os professores de Educação Física que estão em formação inicial neste momento social, cultural e esportivo do Brasil serão os futuros educadores e mediadores escolares que viverão o impacto de uma década de megaeventos esportivos no país, sendo assim, qual a perspectiva de cultura esportiva desses sujeitos?

A Educação Física brasileira passou, nas décadas de 1980 e 1990, por um processo de (auto) crítica, sobretudo em relação à esportivização da Educação Física escolar, o que provocou alguns mal-entendidos na

¹¹ O pesquisador norte-americano, James Paul Gee, em palestra ao Seminário de Mídia-Educação que aconteceu em 2012 na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis, baseado em preceitos de Paulo Freire, apontou que o "*Literacy*" ("Letramento") é muito mais do que a habilidade de ler e escrever, é uma leitura do mundo e da palavra, conseqüentemente, a "*Literacy Digital*" ("Letramento Digital") é uma leitura do mundo e da linguagem digital.

¹² A expressão "professores de Educação Física em formação" neste trabalho refere-se à acadêmicos de licenciatura em Educação Física que estão em formação inicial.

área e desnor-teou principalmente a sua prática pedagógica. A intervenção educacional, que até então tinha convicção do entendimento da Educação Física na escola como base da pirâmide esportiva, com alguma resistência, aceitou o discurso das concepções críticas, mas não o compreendeu o suficiente a ponto de ressignificar a sua ação didático-pedagógica materializando as novas orientações educacionais que surgiam. Pires e Silveira (2007, p. 30) afirmam que "passamos do tecnicismo e da diretividade pedagógica nas práticas esportivas escolares para um tipo de *laissez-faire* já amplamente denunciado, do professor que se limita a entregar e recolher a bola"¹³.

Para os autores, o debate acadêmico que se constituiu acerca do esporte na escola e o esporte da escola, realizado por autores da área (ex.: BRACHT, 1992; VAGO; 1996), deveria ser fundamentador de práticas pedagógicas esclarecedoras e emancipadoras. Dito de outro modo, "se já passamos da fase de 'denúncia ao anúncio', ainda estamos por passar do 'anúncio à realização' "(PIRES; SILVEIRA, 2007, p. 35). Preocupados com a projeção dessa passagem do discurso para a prática, eles apontaram para a Educação Física escolar atentar-se, em princípio, na inclusão dos cidadãos na cultura esportiva em um processo de apropriação e construção autônoma e participativa na relação deles com o esporte (PIRES; SILVEIRA, 2007).

Porém, já há quase duas décadas, a Educação Física escolar vem buscando consolidar-se no projeto político-pedagógico da educação através de estratégias que legitimem a sua prática no contexto da escola, mas a ruptura teórica e metodológica conduzida pelas concepções críticas passou e ainda passa por um processo de crítica à crítica, que a coloca entre o "não mais" aquele modelo esportivo de anteriormente, mas também o "ainda não" do que realmente deve-se ou pretende-se fazer com a prática pedagógica da Educação Física escolar (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009; 2010). Enquanto isso os estudantes, como sujeitos que dependem do espaço mediador da escola no processo de formação social e cultural para o exercício da cidadania, convivem com o "rola a bola" do professor e acabam se conformando

¹³ Sobre essa contradição do momento de crítica na Educação Física, Pires e Silveira (2007, p. 30) ainda complementam que: "Inesperadamente, o desejado movimento de reflexão e ressignificação das orientações do esporte praticado na escola produziu um vácuo no qual não se teve competência para gerarmos uma outra perspectiva de esporte para o âmbito educacional, resultando, em muitos casos, no conhecido "jogar uma bolinha na aula de Educação Física!"

com a restrição do acesso e apropriação de outros conhecimentos da cultura do movimento.

Nesse sentido, com a "orfandade" pela qual vem passando a Educação Física escolar nos últimos anos (BRACHT, 2001)¹⁴, a comunidade científica da área, sobretudo a das Ciências do Esporte, tem demonstrado preocupação com a chegada dos megaeventos esportivos no Brasil. Há uma tensão sobre os possíveis impactos que essa década esportiva no país pode acarretar para a prática pedagógica da Educação Física na escola (BRACHT; ALMEIDA, 2013). Mais ainda, o campo tem pensado de que maneira a política esportiva desenvolvida por conta da Copa e das Olimpíadas valorizaria a Educação Física no projeto educacional da nação (MASCARENHAS, 2012). Também se pergunta se esse é um momento de re-esportivização da Educação Física escolar?

As indagações e dúvidas sobre o futuro dos caminhos a serem trilhados pela Educação Física no contexto escolar brasileiro se multiplicam e aguardam a passagem dessa grande onda esportiva que vem contagiando o país para clarear os verdadeiros resultados e legados que ficarão e poderão interferir nas interpretações da nossa cultura de movimento.

Diante desse panorama que se apresenta na Educação Física e desse contexto espetacular de produção de discursos nas diversas plataformas de comunicação digital, além da relação cada vez mais intrínseca entre os realizadores e os promotores do fenômeno esportivo (a indústria midiática), nos parece clara a demanda pela formação do olhar crítico, da leitura reflexiva, ou seja, do letramento digital crítico daqueles que estão inseridos na área e, conseqüentemente, envolvidos com o Esporte.

¹⁴ No texto, Valter Bracht denomina que a Educação Física estaria em um orfanato pelo fato da sua legitimidade no espaço escolar ter se constituído, historicamente, através dos paradigmas biomédicos que preconizavam a prática de atividade física e de esporte como meio de alcançar a saúde e o bem-estar social, mas que agora alcançava um certo esgotamento por alguns pontos que acabaram abandonando o caráter legítimo da disciplina escolar, são eles: a perda da importância da aptidão física na produtividade do trabalho; o desvio da responsabilidade sobre a saúde e a educação para a iniciativa privada; a reformulação e ampliação do conceito de saúde para além da dimensão biológica; e a passagem de sobrevalorização do lazer pelo trabalho, mudanças de projeto que tiram espaço de justificativa para a Educação Física na escola.

Hoje, a informação-mercadoria, de maneira geral e do esporte em específico, circula pelos meios de comunicação de massa e é ligeiramente difundida através dos seus respectivos portais digitais de notícias e pelo compartilhamento dos sujeitos nas redes sociais. Não obstante, perpetua-se, assim, uma semiformação esportiva retroalimentada com uma nova roupagem. Poderíamos visualizar a constituição da semicultura esportiva não mais no formato analógico dos meios de massa, mas em formato digital através das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Assim, no âmbito da convergência digital, coube questionar: **de que maneira as mediações culturais se expressam na interação de professores de Educação Física em formação inicial com conteúdos relativos ao discurso midiático-esportivo sobre megaeventos no Brasil?**

Objetivo da pesquisa

Diante do quadro descrito, o propósito desta pesquisa está ligado à construção da cultura esportiva do país no centro deste “novo” contexto do esporte nacional e do discurso midiático sobre o fenômeno. Mais ainda, interessa entender como a Educação Física, por seus professores e professores em formação, principais mediadores e formadores da cultura esportiva no interior da escola, se inserem e intervêm neste contexto esportivo atual. Assim, o objetivo geral desta pesquisa pôde ser assim formulado:

- Compreender como professores de Educação Física em formação interagem com o discurso midiático-esportivo no âmbito da convergência digital dos meios.

Questões de investigação

Para desdobrar as ações exigidas por tal objetivo geral, de natureza abrangente, foram formuladas as seguintes questões de investigação, relativas aos sujeitos da pesquisa (professores de Educação Física em formação):

- Como a cultura esportiva se configura na interação dos sujeitos com o discurso midiático-esportivo de acordo com a teoria das mediações culturais?

- Quais os suportes tecnológicos e veículos de informação e de comunicação utilizados por eles na recepção ao discurso midiático-esportivo?
- Do ponto de vista da circulação no ambiente digital e fora dele, quais as repercussões e impactos dessas informações no cotidiano dos sujeitos?
- Quais conteúdos sobre o esporte que esses sujeitos produzem e compartilham em suas redes sociais nas mídias digitais?
- Quais sentidos os sujeitos atribuem, para a área específica (EF) e para a cidadania em geral, para a realização dos megaeventos esportivos no Brasil?
- Eles visualizam relações entre esses eventos e a responsabilidade da área da EF escolar na conformação da cultura esportiva da sociedade? De que maneiras?

Justificativa e relevância da pesquisa

O presente trabalho apresenta no eixo central da sua relevância social, acadêmica e profissional dois elementos que compõem a cultura na sociedade e que se tornaram objetos de grande valor para a indústria cultural na contemporaneidade, são eles: o esporte e a informação. O fenômeno esportivo, por ser um dos fenômenos sociais que mobiliza e atinge o maior número de pessoas no último século; e a informação, bem social de direito público que se tornou uma das principais moedas de troca e de negociação na sociedade, em que ter acesso irrestrito e transparente a ela passou a ser um privilégio das minorias detentoras do poder.

No âmbito acadêmico, a relação entre o esporte e a mídia passou a ser investigada e pesquisada pelas comunidades científicas¹⁵ da

¹⁵ No caso da Educação Física, a relação com o campo da Comunicação Social cresce e se consolida no âmbito acadêmico e na comunidade científica desde a criação do Grupo de Trabalho Temático (GTT) “Comunicação e Mídia” no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) em 1997. Desde então, a produção de trabalhos relacionando a mídia com temáticas inerentes à Educação Física (Esporte, Saúde, Corpo, entre outros) aumentou de maneira considerável nos periódicos brasileiros da área, sendo que de 1990 a 2005 haviam sido publicados 106 artigos (PIRES *et al.*, 2006) e só nos últimos 4 anos (2009/2012) foram disponibilizados 92 artigos nas revistas online da Educação Física (SANTOS *et al.*, 2012).

Educação Física durante a década de 1990. O pioneirismo ficou a cargo do “Grupo de Santa Maria” (PIRES *et al.*, 2008) que dentro do programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul), constituído por pesquisadores advindos da própria Educação Física, mas principalmente da Comunicação Social e do Jornalismo que se interessavam sobre o esporte, começou a desenvolver estudos sobre temas relacionados ao jornalismo esportivo. Foram pesquisas que abriram o olhar da comunidade acadêmico-científica da Educação Física para o que a mídia vinha produzindo acerca do esporte. Eram análises de produtos midiáticos, desde a produção jornalística da informação esportiva até a publicidade, a propaganda e o marketing esportivo.

O movimento de investigação e de aproximação entre a temática da mídia com a Educação Física que começou no extremo sul do país provocou outros pesquisadores interessados na temática e alavancou, principalmente, as análises teóricas críticas da relação entre os meios de comunicação de massa e o esporte. São teorias e conceitos pensados no momento de desenvolvimento das teorias críticas que apontavam uma reconstrução ou resignificação da perspectiva pedagógica da Educação Física escolar. Sendo assim, alguns pesquisadores (entre eles, alguns já citados anteriormente), que estudavam a mídia, o esporte e o entrelaçamento com a Educação Física, passaram a levantar questões sobre o papel do professor na mediação didático-pedagógica desse laço existente no âmbito escolar. É nesse contexto que começam a aparecer os vínculos da Educação Física com a teoria das “mediações culturais” da corrente latino-americana de comunicação.

Fica claro que a presença dos estudos sobre Mídia na Educação Física teve um crescimento proporcional abrupto nos tempos recentes. Dentre essa evolução numérica representativa da produção científica na temática em questão, alguns trabalhos foram encontrados que podem ser classificados como estudos de recepção ou mediação ao discurso midiático. Entre eles, dissertações de mestrado (ANTUNES, 2007; LISBOA, 2007; MEZZARROBA, 2008) e artigos originais publicados (COSTA; LEIRO, 2010; SILVA; DAOLIO, 2009) realizaram estudos com alunos da educação básica; Mendes (2008) desenvolveu um estudo com professores em formação continuada e Pires (2002) e Silva (2010) pesquisaram, respectivamente, a mediação institucional da universidade e a recepção ao discurso da mídia por professores de Educação Física em formação inicial. De maneira relativa são poucas as experiências

investigativas de recepção ao discurso midiático na Educação Física e a lacuna ganha ainda mais destaque no âmbito dos professores em formação inicial e no contexto cultural da convergência digital.

Portanto, nesse cenário já construído através dos estudos de recepção realizados na área da Educação Física, apresenta-se a relevância acadêmica e profissional deste trabalho. A necessidade de dar continuidade investigativa aos estudos sobre a educação para a mídia na formação de professores, além do reconhecimento da demanda existente para uma consolidação da mediação escolar na formação de cidadãos críticos e emancipados, são dois aspectos que abrem as portas da carência de investigação para a compreensão de como os futuros professores se relacionam com as diferentes mídias.

Entretanto, neste momento crucial de realização e de intensa veiculação midiática dos discursos integradores sobre os megaeventos esportivos que acontecerão no país, enquanto muito se discute na academia os legados materiais (de infraestrutura urbana, da economia, de instalações esportivas), se esquece, ou ao menos minimiza-se a reflexão e a discussão sobre a formação de professores. Publicações recentes¹⁶ sobre o tema apontam os impactos econômicos, o caráter ideológico, as dinâmicas de dominação burguesa e as representações sociais e simbólicas dos megaeventos; porém pouco ou quase nada se reflete e se fala sobre estudos na graduação em Educação Física para que estejam preparados para tratar da temática não só na escola, mas também nas universidades e na sociedade de maneira geral, pleiteando a construção de uma cultura esportiva ampliada e crítica¹⁷.

São nesses elementos constituintes da cultura esportiva no Brasil que esta pesquisa se torna relevante socialmente. A realização dos megaeventos esportivos em território nacional e o bom momento econômico do país, em comparação com a crise que assola o continente

¹⁶ Ver dossiê publicado na revista *Motrivivência* (2009), "*Dossiê 2007-2016 - A Década dos Megaeventos Esportivos no Brasil*". Ver também os artigos de Souza e Marchi Junior (2010), Mascarenhas (2012) e Mascarenhas *et al.* (2012).

¹⁷ Um exemplo dessa afirmação foram as "*Jornadas Bolivarianas*" que aconteceram de 09 a 12 de abril de 2013 na Universidade Federal de Santa Catarina. O evento científico organizado pelo Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) teve como tema principal "*Megaeventos esportivos: impactos, consequências e legados para o continente latino-americano*" e em nenhuma das mesas de discussão e palestras foi colocada em pauta a formação de professores diante do momento esportivo do país.

européu, têm movimentado bastante o mercado financeiro brasileiro. Movimentação que afeta direta e indiretamente a população no que diz respeito aos impactos e legados que essa “década esportiva” pode proporcionar ao país, afinal são bilhões de reais em dinheiro público da nação investidos em obras de infraestrutura urbana e esportiva com a promessa de uma herança que o povo brasileiro desfrutará posteriormente.

A população brasileira está exposta, agora mais do que nunca, ao espetáculo e ao mercado que englobam o fenômeno esportivo de maneira incisiva e mais próxima ao cotidiano do povo, provocando inclusive sentimentos de identificação e pertencimento aos eventos que acontecerão. Todos estão sujeitos à agenda midiática que prepara a nação para o momento de início das competições, não só aqueles que vivem e circulam pelas ruas e cidades que serão sedes da Copa e das Olimpíadas, mas também todos os outros que acompanham o andamento das obras pelas telas da TV e do Computador quase que em tempo real.

Destarte, apesar da instantaneidade e da velocidade que aumentaram a quantidade de informação que circula na mídia através da internet, a sociedade acaba acessando à informações muitas vezes construídas para atender aos interesses de um discurso oficial pró-eventos que apresenta a realidade dos fatos através de uma cobertura teatral dos bastidores que constituem a cena controversa do sistema esportivo mundial na realização dos megaeventos. No caso brasileiro, a situação se torna ainda mais complexa pelo fato da indústria midiática do país estar diretamente ligada à promoção e realização das competições. Os principais conglomerados da mídia nacional possuem os direitos de transmissão e veiculação da Copa do Mundo 2014 (no caso as Organizações Globo) e dos Jogos Olímpicos 2016 (os grupos Record, Globo e Bandeirantes). Sendo assim que tipo de informação será veiculada acerca desses megaeventos? As notícias sigilosas e comprometedoras como, por exemplo, sobre a transparência pública dos orçamentos, sobre a legalidade das obras, serão divulgadas pela grande mídia comercial diretamente interessada na oferta e consumo do seu “produto”? Essas são questões que trazem à tona a discussão da informação como um bem público de direito da sociedade e não como

uma “nova ordem de estratificação social” entre os que têm acesso a informações essenciais e os que não têm (MORAES, 1998)¹⁸.

É em meio a este obscuro cenário de farsas, fraudes, corrupção e (des)informação dos megaeventos no Brasil que se perspectiva o desenvolvimento da cultura esportiva no país. E a população, como se comporta diante deste cerco que a indústria midiática montou como uma trincheira para ocultar informações pertinentes para a formação de uma opinião crítica e ampliada da realidade brasileira nesta década esportiva? Há saídas para buscar e acessar as informações que estão nos bastidores do espetáculo esportivo que se apresenta? Na especificidade da nossa área, como e onde os professores de Educação Física podem buscar informações para uma formação cultural esportiva reflexiva e crítica, para também realizarem a mediação escolar, social e institucional da cultura esportiva junto aos alunos? E os sujeitos que estão em formação exatamente neste momento esportivo do país, quais as estratégias para lidar com a informação esportiva em busca de uma formação ampliada e emancipadora? Quais os limites e possibilidades, decorrentes da experiência formativa, para que o cidadão (e no caso do estudo, o professor em formação) se esclareça com e sobre essas informações?

A cultura esportiva resultante da informação acessada e do conhecimento construído pelos futuros professores de Educação Física que agora estão em formação pode ser vista como a antecipação da posterior intervenção escolar que estes profissionais vincularão à educação e ao discurso sobre o esporte com os alunos. Sendo assim, investigar como esses sujeitos lidam, nesse momento, com o tema dos megaeventos no país e como se situam na cultura da convergência digital, representa o movimento social desta pesquisa. Entender como os professores de Educação Física em formação se relacionam com o discurso da mídia, sobretudo nos meios digitais; compreender o tipo de

¹⁸ Um exemplo disso são os “Comitês Populares da Copa”, que são grupos de cidadãos das 12 cidades, as quais serão sedes da Copa do Mundo, que se articularam nacionalmente e vem desenvolvendo dossiês anuais que reúne e denuncia todas as ilegalidades da realização da Copa e das Olimpíadas no Brasil, de tal forma que são informações de interesse público e pouco ganha espaço nas mídias “oficiais”, ou melhor, comerciais. Ver mais informações sobre os comitês em <http://comitepopularcopapoa2014.blogspot.com.br/> e acessar um dos dossiês https://docs.google.com/file/d/0BxwSSJ7hLmDXymIxY2Y1MTUtN2YxZC00MGYzLWFiOWQtOWNhYzc0YTZmM2Y2/edit?hl=pt_BR&pli=1.

discurso social e esportivo que esses sujeitos produzem através das possibilidades da *web 2.0* e; perceber a leitura de mundo, ou seja, a apropriação crítica que eles fazem do discurso midiático esportivo são as retribuições sociais pretendidas com esta investigação. É no cerne dessas discussões e questionamentos que se constitui a relevância social desta pesquisa.

De maneira particular este estudo se justifica pela minha vinculação ao grupo de pesquisa "Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva" (LaboMídia), onde estudo, desde o ano de 2010 ainda durante a graduação na Universidade Federal de Sergipe, as relações da mídia com o esporte e a Educação Física, em especial com a premissa básica dos conceitos de "mediações culturais" (MARTÍN-BARBERO, 2009) e de "mídia-educação" (FANTIN, 2006). E também a participação em pesquisas coletivas do grupo foram fatores que contribuíram para uma maior aproximação com o tema deste estudo.

Além disso, durante o primeiro ano do curso de pós-graduação a participação em disciplinas como "Educação Física e Mídia", ministrada pelo professor Giovani Pires, "Teoria das Linguagens Jornalísticas", ministrada pela professora Raquel Ritter Longhi no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR/UFSC) e o seminário especial "Cultura, práticas midiáticas e mediações educativas", ministrado pelas professoras Mônica Fantin e Magda Pischetola no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC), também foram espaços e momentos de discussões específicas sobre a temática que se tornaram essenciais para a construção e edificação desta pesquisa.

Finalmente, o engajamento e a intensidade nos estudos e discussões acerca do fenômeno da mídia e dos meios de comunicação de massa e a aproximação com outros pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (Comunicação Social e Educação) possibilitaram o convite ao "LaboMídia" para participar de um projeto de pesquisa nacional, coordenado pela professora Nilda Jacks do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), "*Jovem e consumo cultural em tempos de convergência*¹⁹" (JACKS, 2010).

¹⁹ Projeto que está em desenvolvimento desde 2012 a ser concluído em 2014 e que tem equipes de pesquisadores cadastrados em todos os estados do país. A pesquisa tem como intuito fazer um levantamento sócio-demográfico da estrutura midiática do país e realizar um estudo de recepção com jovens da classe média brasileira sobre o consumo cultural nas diferentes mídias.

A inserção nessa pesquisa foi a engrenagem que iniciou o desenvolvimento deste estudo de mestrado. Dentro do problema de investigação da pesquisa em nível nacional, os interesses e os objetivos específicos concernentes à Educação Física foram complementados na metodologia do trabalho para tentarmos entender a relação dos jovens professores com o esporte e a mídia nestes tempos de convergência.

Na sequência do texto apresentamos o percurso e as estratégias metodológicas adotadas no decorrer da pesquisa.

Percurso e estratégias metodológicas de investigação

É importante salientar que os percursos e estratégias metodológicas desta pesquisa foram todos planejados anteriormente ao período de Junho de 2013 quando se iniciou a grande mobilização das multidões pelas ruas do país. Os caminhos a serem trilhados no campo de investigação do estudo já haviam sido mapeados com antecedência para procurar alcançar o objetivo geral ao qual nos propomos inicialmente.

Porém, as manifestações sociais de rua ganharam proporções nacionais como não se via há mais de 20 anos no país (desde os *Caras Pintadas*, em 1992). As "Jornadas de Junho" (um dos modos como se convencionou chamar esse período de protestos) começaram ainda no início do mês em algumas capitais do país, organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL)²⁰ contra o aumento das tarifas do transporte público.

Até o dia 10 de junho as manifestações nas ruas dessas capitais (Florianópolis, Goiânia, Natal, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo) eram apenas movimentos de estudantes que reivindicavam por um transporte público de qualidade e gratuito. Entretanto, após essa data, a truculência policial na tentativa de reprimir e controlar os protestos

²⁰ Segundo informações publicadas pela organização do Movimento Passe Livre (MPL), o movimento começa a se estruturar a partir de 2003, com a *Revolta do Buzu*, na cidade de Salvador/BA, como uma luta por transporte público de qualidade e gratuito, ao menos para os estudantes. Uma revolta parecida aconteceu no ano seguinte, em 2004 na cidade de Florianópolis/SC, ficando conhecida como a *Revolta da Catraca*, quando em sinal de protesto os estudantes ocuparam terminais e pularam as catracas dos ônibus. Em 2005, no V Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre/RS, aconteceu a plenária de fundação do MPL-Brasil (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2012).

repercutiu nas redes sociais com a divulgação de imagens e a indignação social, principalmente dos jovens que protestavam pacificamente, se espalhou pelas vias de comunicação da internet (*Twitter, Facebook, Youtube*) e ganhou proporção nacional.

A partir desse momento, ainda ligado ao ferimento de alguns jornalistas de grandes empresas de comunicação da mídia nacional e acompanhado do início da Copa das Confederações, as pessoas revoltadas passaram a tomar as ruas do país, não só nas capitais, e movimentos sociais das mais diversas causas se uniram para lutar pela democracia e pelos direitos de todos os cidadãos. Atos de protesto começaram a ser agendados pelas redes sociais e a acontecerem diariamente, inclusive em cidades de outros países onde moravam brasileiros.

As manifestações iniciaram com a pauta específica do transporte público, mas, logo que se nacionalizaram, outras causas foram incluídas nos gritos de reivindicação. Desde pedidos genéricos pelo fim da corrupção, pela melhoria dos serviços públicos como saúde, educação, segurança e transporte, até questões específicas, como a revogação de projetos de leis que estavam em tramitação no poder legislativo (*PEC 37* e a "*Cura Gay*"). Não diferente, inclusive motivados pelo início do evento teste da FIFA (a Copa das Confederações), os protestos também incluíram os gastos públicos e a remoção das famílias para as obras de realização dos megaeventos na pauta das reivindicações.

Nesse sentido, entendendo a importância social e política destas manifestações nas ruas de todo o país. Além disso, a concomitância desses protestos com a Copa das Confederações, que constituiu o pano de fundo do projeto de investigação deste estudo. Mais ainda, a interferência que os primeiros tiveram na realização do segundo, alterando, sobretudo, o foco e a abordagem da agenda social e midiática do espetáculo esportivo. Todo este contexto descrito, em paralelo com o protagonismo que as redes sociais tiveram nessas mobilizações, principalmente o Facebook (espaço de investigação do presente estudo), não pudemos deixar de englobar nos dados "construídos" durante a pesquisa, a pauta das manifestações sociais das Jornadas de Junho de 2013.

Destarte, mediante o estágio paradigmático da comunicação social de convergência dos meios onde pode-se consumir, produzir e compartilhar informações diversas, e para entender como os sujeitos lidavam com o discurso midiático-esportivo na conformação da própria

cultura esportiva, relacionando os megaeventos esportivos com as manifestações sociais e a Educação Física, esta pesquisa foi desenvolvida como um **estudo observacional-descritivo, de inspiração etnográfica²¹, com uma abordagem qualitativa dos dados produzidos para análise.**

Para os estudos em Comunicação Social poderíamos caracterizar esta pesquisa como próxima a um estudo de recepção segundo a corrente latino americana dos estudos culturais. Uma estratégia investigativa que visa compreender os significados que os sujeitos dão ao discurso midiático a partir do contexto sociocultural em que vivem, percebendo os elementos, as pessoas e as instituições que realizam a mediação cultural entre as audiências receptoras e os enunciados da mídia. Como já foi dito anteriormente, no caso específico das pesquisas contemporâneas que se desenvolvem no contexto cultural de convergência dos meios, os estudos de recepção precisam ter as suas concepções delimitadas, dos até então receptores ativos, ampliadas para receptores também produtores e compartilhadores de discurso midiático via mídias digitais.

De tal forma, para compreender as práticas sociais e culturais dos sujeitos, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas distintas. A primeira etapa foi a investigação online e a segunda, offline, sendo válido deixar claro que foram momentos investigativos e técnicas metodológicas complementares que não assumiram a compreensão dicotômica entre contextos virtuais e reais, ou online e offline.

No primeiro momento, denominado como **cenário online** de investigação, o estudo se inspirou na netnografia²². Foram

²¹ "[...] aqueles que não o utilizam [a etnografia] como metodologia, mas apenas como narrativa ou que se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise de dados" (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 168).

²² Frente a diversidade de terminologias que a perspectiva etnográfica de pesquisa na internet ganhou nos últimos tempos, como etnografia virtual para uns, digital para outros, webnografia, ciberantropologia, optamos nesta pesquisa pela denominação netnografia. Esta que, basicamente, diferencia-se das primeiras citadas por adotar a metodologia e as práticas sociais de uma maneira integrada às possibilidades que a internet proporciona de consumo, de compartilhamento e de produção na rede (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

acompanhadas as páginas pessoais de cinco interlocutores que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Todos eles professores em formação inicial do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina que aceitaram contribuir com o estudo de maneira voluntária após serem selecionados a partir de convite enviado para as turmas de graduação do Centro de Desportos da referida universidade. O principal critério de inclusão foi que os sujeitos tivessem e fizessem uso de conta na rede social Facebook.

Durante o período de 12 de junho à 31 de julho de 2013, por 50 dias seguidos, foram recolhidas todas as informações disponíveis no perfil do Facebook dos sujeitos da pesquisa. Como *corpus* de análise, foram salvos todos os tipos de interação realizados por eles na plataforma (postagens, compartilhamentos, comentários), tudo aquilo que tivesse conteúdo relacionado ao objeto de estudo (Megaeventos Esportivos, Copa das Confederações, Esporte, Educação Física e, devido ao contexto, Manifestações Sociais).

A delimitação do período de acompanhamento do perfil dos sujeitos na rede social foi definida de acordo com as datas de realização da Copa das Confederações no Brasil (15 a 30 de junho). O intuito deste recorte temporal foi de acompanhar a discussão dos sujeitos sobre o megaevento esportivo durante e nos 30 dias após a realização dele para ter uma visão da repercussão momentânea e posterior do objeto estudado.

Concomitante ao primeiro cenário descrito acima e como sequência da atividade investigativa da pesquisa, desenvolvemos o **cenário offline** do estudo como estratégia de aproximação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e também como abordagem complementar e problematizadora da observação inicial dos sujeitos no ambiente online. Esse segundo cenário se constituiu em duas técnicas metodológicas que foram realizadas como forma de mapear as práticas sociais e as trajetórias de consumo dos sujeitos nos ambientes digitais, de uma maneira geral, e como estratégia para aprofundar os sentidos e os significados determinados pelos sujeitos ao tema central da pesquisa, o fenômeno esportivo e os megaeventos como faces da cultura esportiva contemporânea.

O primeiro instrumento de recolhimento de dados no cenário offline da pesquisa foi o **questionário misto**, com perguntas fechadas e abertas (conforme disponível nos Apêndices). Como forma de valorizar "a participação do sujeito como um dos elementos do fazer científico

[...] como pessoa que fornece informações" (TRIVIÑOS, 1987, p. 138), buscamos através dessa técnica levantar dados detalhados dos sujeitos sobre as suas práticas midiáticas cotidianas e, principalmente, acerca do consumo cultural e midiático esportivo deles. Para tal, os questionários foram aplicados durante o início da observação e do acompanhamento dos perfis no Facebook. Uma estratégia metodológica de aproximação e de ganho da confiança dos sujeitos da pesquisa para com o pesquisador, uma maneira de consolidar os laços interpessoais entre os participantes da investigação, já que no primeiro cenário do estudo os procedimentos metodológicos e as relações entre pesquisador e interlocutores aconteceram, basicamente, no ambiente virtual.

Após o término do cenário online, foi realizada uma **entrevista coletiva semi-estruturada** a partir de apontamentos suscitados pela netnografia e pela aplicação dos questionários. A técnica de entrevista com os sujeitos compôs a pesquisa como uma estratégia de aprofundamento dos dados colhidos na investigação até então. Um instrumento complementar que, assim como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 134), foi "utilizado para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo".

A entrevista continha questionamentos *a priori* desenvolvidos a partir da base teórica que sustentou o estudo (conforme roteiro disponível no Apêndice 3), mas também foram elencadas questões que surgiram e que foram suscitadas a partir das etapas anteriores da pesquisa. De tal forma, "o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa" (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

O intuito de agrupar os sujeitos da pesquisa que até então tinham sido investigados de maneira individualizada (cenário online e questionário) foi, fundamentalmente, para provocar e aprofundar o que se apresentava na pesquisa como ponto comum de interesse e que unia eles de maneira subjetiva e objetiva, a cultura esportiva e a Educação Física. Dois elementos que constituíam o atual momento de formação acadêmica deles e que, possivelmente, se desdobrariam em espaços para as suas futuras atuações profissionais no campo de intervenção social, na escola.

Passados os procedimentos metodológicos de investigação e de construção dos dados da pesquisa, foi utilizado o método de "análise de conteúdo" (BARDIN, 2009) e a "análise de conteúdo temática", uma variação proposta por Minayo (2006). Conforme Minayo, na análise de conteúdo temática as categorias podem ser teóricas ou empíricas. Neste caso, foram elencados dois temas relacionados ao objeto de estudo, advindos, respectivamente, do quadro teórico de referência e do contexto de realização da investigação: 1) *Megaeventos Esportivos*; 2) *Manifestações Sociais*. A partir daí, de acordo com as orientações metodológicas para os procedimentos de leitura, organização, análise e interpretação dos dados, foram criadas unidades de registro com os achados da pesquisa que englobaram os dados dos questionários, das interações dos sujeitos no Facebook e as informações recolhidas durante a entrevista realizada com eles no fim dos procedimentos de investigação. Essas unidades de registro foram organizadas e deram origem às subcategorias empíricas das categorias temáticas referidas.

Na sequência, o trabalho se apresenta organizado em quatro capítulos, mais as considerações finais. O capítulo 1 é uma apresentação do marco teórico que tomamos como base referencial para o desenvolvimento da pesquisa. O capítulo 2 traz uma descrição dos sujeitos interlocutores da pesquisa, das suas práticas midiáticas, trajetórias de consumo e os percursos de interação realizados por eles durante o período de investigação. O capítulo 3 é a primeira parte da análise e discussão dos dados, que diz respeito a primeira categoria temática, *Megaeventos Esportivos*. O capítulo 4 é constituído da segunda parte das análises, referente a categoria temática, *Manifestações Sociais*. Por fim, as considerações (nunca) finais, pois para nós, de acordo com as reflexões apontadas no decorrer do texto, é uma temática que não se esgota neste esforço investigativo.

CAPÍTULO 1. POR UM ESFORÇO INTERPRETATIVO DA CULTURA ESPORTIVA

A proposta que se apresenta neste trabalho é de entender as ações de professores de Educação Física em formação inicial nas dimensões do consumo, da produção e da disseminação de conteúdos, discursos, ou até produtos relacionados à cultura esportiva, neste caso específico, que tivessem vínculo com o contexto presente dos megaeventos esportivos, em especial a Copa das Confederações 2013. Neste sentido, procuramos aqui apresentar o filtro teórico-conceitual pelo qual buscamos estabelecer as interpretações dos achados da pesquisa. Na sequência do texto explanaremos uma síntese da base interpretativa dos percursos de análises que traçamos no decorrer do estudo.

Tendo em vista a preocupação com a interpretação e a difusão social da cultura esportiva, além de ser sempre válido reforçar o papel educacional da Educação Física, de formação crítica, humana e social no âmbito da cultura de movimento e, conseqüentemente, do Esporte, ou seja, mediadora comunicativa e formativa dessa cultura no espaço escolar, nesta pesquisa recorreremos aos preceitos teórico-metodológicos do "mapa das mediações culturais" desenvolvido pelo filósofo espanhol, radicado na Colômbia, Jesús Martín-Barbero (2009).

Assim como o autor, que se propõe a compreender a relação entre a Comunicação, a Cultura e a Política a partir do movimento dialético que se configura entre os meios e as mediações, nos apropriamos dessa base teórica na tentativa de desenvolver um panorama social dos entrelaçamentos culturais existentes da mídia com o esporte (considerando-o como um bem cultural), da mesma forma, também permeados por questões políticas, sobretudo sob o prisma das novas possibilidades comunicacionais proporcionadas pela convergência digital dos meios.

Martín-Barbero (2009), ao desenvolver o que ele chamou de *pistas para entre-ver meios e mediações*, vislumbra duas premissas como bases para a sua linha de pensamento e interpretação. A primeira que coloca em destaque a *relevância dos meios* diante do alcance econômico e cultural que as tecnologias adquiriram no processo de globalização e de industrialização da cultura. A segunda que leva em conta a *oni-presença mediadora do mercado* na perversão dos sentidos culturais expressos nos meios de comunicação.

São essas premissas que, segundo o autor, possibilitam o pensamento crítico acerca do fatalismo tecnológico que se proliferou na sociedade com o advento, principalmente, das redes informáticas e da internet. Dessa maneira, mantém-se "a estratégica tensão, epistemológica e política, entre as *mediações históricas* que dotam os meios de sentido e alcance social e o *papel de mediadores* que eles possam estar desempenhando hoje" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 12, grifos do autor).

Para Orofino (2005), do projeto teórico-metodológico de Martín-Barbero destaca-se a compreensão da produção social de sentido e a relação entre consumo cultural e indústria cultural. Nele vislumbram-se os estudos com os meios de comunicação para além de uma simples ferramenta de produção e emissão de mensagens, mas como um meio de compreender as mediações culturais existentes em todo o processo que corresponde e que está no entorno da comunicação. As mediações culturais são compreendidas por Jacks (1999, p. 57) como:

[...] o terreno no qual todas as informações se originam, onde o consumo se efetiva e o sentido é produzido. Aí também se constrói o processo cognitivo, cujo mecanismo não funciona independente do contexto cultural, que, em boa medida, o condiciona.

Nesse sentido, assim como Martín-Barbero (2009, p. 15), que compreende a relação entre comunicação e cultura como um "campo de batalha política", partimos dos elementos mediadores culturais apontados pelo autor para interpretar, com uma abordagem crítica à realidade atual do esporte, como se estrutura a cultura esportiva.

Permeado pelas transformações culturais proporcionadas pela convergência digital dos meios, apresentaremos a seguir um exercício de sobreposição do "mapa das mediações culturais" na compreensão da cultura esportiva. O intuito é de apontar questionamentos e possibilidades de uma ampliação interpretativa da complexidade que cerca e compõe o fenômeno esportivo e suas relações com a mídia e a política em meio à cultura de convergência.

1.1. A cartografia barberiana

Martín-Barbero, após sofrer críticas da comunidade científica pela sua imprecisão metodológica na descrição conceitual do que se entendia por mediações culturais na escrita da sua obra clássica de 1987 (*Dos meios às mediações*), procurou se refazer das suas orientações teóricas dez anos depois através de um prefácio à quinta edição do livro. O autor estruturou de maneira mais objetiva e sistematizada o que ele chamou de "mapa das mediações culturais", constituindo uma concepção do que seria possível compreender das relações entre a Cultura, a Comunicação e a Política.

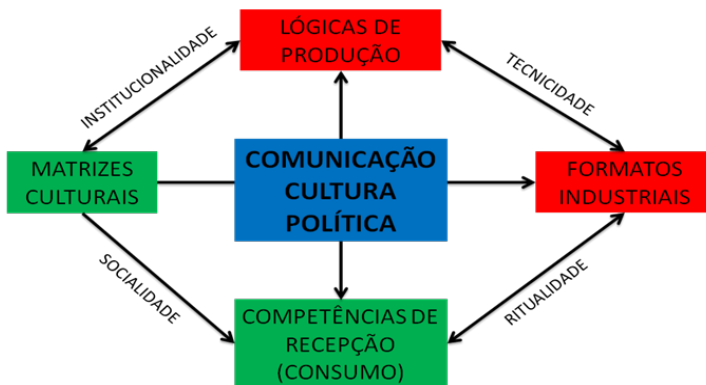
Com o mapa das mediações culturais, Martín-Barbero objetivou:

Reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o *pensamento único* que legitima a idéia de que a tecnologia é hoje o “grande mediador” entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador da mundialização (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 20).

A partir deste objetivo, é possível destacar três elementos que compõem a base conceitual da teoria desenvolvida pelo autor espanhol. O primeiro deles é o *reconhecimento dos meios de comunicação como espaços hegemônicos e produtores de cultura*. O segundo elemento é a centralidade da preocupação com a *mediação entre as pessoas e o mundo*. Por fim, o terceiro, mas não menos importante, é o *entendimento da tecnologia como instrumento mediador da mercadorização social*. Esses três fragmentos representam os princípios que estão intrínsecos e norteiam o percurso teórico-metodológico traçado por Martín-Barbero na cartografia das mediações. No decorrer do texto que se segue os três elementos aparecerão no alicerce da discussão sobre a teoria.

O mapa das mediações culturais (cf. figura abaixo) tem sua base estrutural dividida em dois eixos que se entrecruzam, o eixo diacrônico e o sincrônico. O diacrônico corresponde à dimensão histórica que elucida

e ajuda a desvendar a articulação dos movimentos sociais com a produção hegemônica da indústria midiática. O sincrônico representa a relação dialógica entre as esferas da produção e do consumo/recepção dos conteúdos produzidos pela e através da mídia de uma maneira geral. Esse segundo eixo, caracteriza-se pelo fato de existir, "da parte dos produtores, sofisticadas estratégias de antecipação e, da parte dos espectadores, a ativação de novas e velhas competências de leitura" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 17).



(MARTÍN-BARBERO, 2009)

Figura 1: Mapa das Mediações Culturais

É essa base estrutural que colabora para a constituição das mediações comunicativas da cultura²³. Conforme apresentado na figura,

²³ Podemos estabelecer relações diretas com a descrição objetiva das mediações culturais desenvolvida por Orozco (1993), que é um modo de operacionalização do conceito de mediações. Na elaboração da "dialética das múltiplas mediações" o autor sugere quatro tipos/grupos diferentes de mediações. A *individual*, que se refere à história de vida, ao gênero, idade e fatores emocionais e afetivos do sujeito. A *situacional* diz respeito a onde, quando e como se dá a interação entre mídia e audiência, além de considerar a situação sócio-econômica do contexto da recepção. A mediação *institucional* que é onde o sujeito se insere na sociedade participando e seguindo regras, como a Igreja, a Escola, entre outros. Por fim, a mediação *tecnológica* que representa as estratégias discursivas e comunicacionais de cada veículo midiático na apresentação e reconstrução da realidade desejada.

as mediações são a *institucionalidade*, a *socialidade*, a *tecnicidade* e a *ritualidade*, e são elas que fazem as ligações entre as quatro dimensões que representam o espaço e o tempo na relação entre a Cultura, a Comunicação e a Política. As *matrizes culturais* como marco inicial dessa interação social, perpassando pelas *competências de recepção* e pelas *lógicas de produção*, ambos caminhos com transitoriedade sincrônica e, por fim, chegando aos *formatos industriais*.

Em seguida, apresentaremos os esclarecimentos conceituais desenvolvidos por Martín-Barbero para as mediações culturais da comunicação, procurando estabelecer ligações e correlacionar interpretações ao contexto contemporâneo que configura a especificidade da cultura esportiva.

1.2. Um mapa das mediações... da cultura esportiva

O esporte como se configura hoje na sua representação social hegemônica, de alto rendimento, baseado na sobrepujança ao adversário, na superação de limites e na quebra de recordes, é resultado do seu desenvolvimento paralelo e interligado ao processo de revolução industrial. Organizado de acordo com a evolução do capitalismo pelo mundo, tomou formato e se materializou sob reflexo da ideologia burguesa dos séculos XVIII e XIX (PRONI, 2002).

Porém, dentro desse contexto burguês, mesmo sendo apropriado socialmente em caráter ideológico, socializador e funcional (PIRES, 1998) em diferentes momentos do seu processo histórico, o fenômeno esportivo foi também ressignificado pelos sujeitos, transformando-se, para além da dimensão institucional, em um bem cultural da sociedade.

Nesse sentido, em um traçado de duas vias de poderio simbólico, o esporte dissemina na perspectiva hegemônica a sua dimensão do alto rendimento e do espetáculo esportivo, e em contra-hegemonia difunde-se o fenômeno esportivo contextualizado pelas suas diversas facetas que incluem os aspectos econômicos, os aspectos educacionais de participação e colaboração, além dos elementos socioculturais que o constituem, sobretudo, na esfera do lazer. Poderíamos afirmar que estas duas são as matrizes que solidificam a base da cultura esportiva contemporânea.

Ao considerar estas, as *matrizes culturais* do esporte como a base das mediações culturais do fenômeno, assim como Martín-Barbero aponta as matrizes na cartografia do mapa, é possível analisá-lo por dois

caminhos mediadores, o que através da *institucionalidade* o liga às *lógicas de produção* e, o que via a *socialidade*, o direciona às *competências de recepção*, ou melhor, ao consumo.

Mesmo entendendo que as novas possibilidades comunicacionais das tecnologias digitais e da convergência dos meios sincronizam cada vez mais as *lógicas de produção* com as *competências de recepção/consumo*, no universo esportivo há ainda pontos nevrálgicos que permanecem institucionalizados e são dificilmente mobilizados em um sentido diferenciado da maneira hegemônica como se constituiu até hoje. A estrutura burocrática do esporte construiu em sua história bases fortes, vinculadas ao mercado da economia global e, assim, consegue estabelecer determinações e deliberações ao fenômeno em nível mundial.

1.2.1. A institucionalidade... da sociedade do espetáculo esportivo

Quando descreve as ligações dialógicas entre as *matrizes culturais* e as *lógicas de produção* através da *institucionalidade*, Martín-Barbero (2009) afirma que essa é uma "mediação densa de interesses e poderes contrapostos" porque se posiciona entre o Estado, juntamente com a classe corporativa e empresarial que o sustenta, e os cidadãos na busca da defesa dos seus direitos. O autor afirma que "olhada desde a institucionalidade, a comunicação se converte em questão de *meios*, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se acha hoje paradoxalmente do lado de interesses privados" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 18). No caso dos meios de comunicação, para o Estado, oficialmente, instauram-se como "'serviço público', porém, a partir do mercado, converte-se a 'liberdade de expressão' em livre comércio" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 233-234).

Sob a mesma lógica, remetendo a mediação da *institucionalidade* para uma interpretação representativa da cultura esportiva, que liga as suas matrizes às lógicas produtivas dos discursos hegemônicos, esta dimensão mediadora associa-se aos processos que transformaram o esporte em mercadoria e em espetáculo a ser vendido.

Como processos complementares, a *mercadorização e a espetacularização* do esporte solaparam o fenômeno esportivo como bem cultural (PIRES, 1998). Ele que, a princípio, era valorizado pelo simbolismo atribuído à sua finalidade, como o jogo por exemplo, passou a ter valor-de-troca como meio de divulgação e exposição de marcas

publicitárias no espetáculo montado a partir do jogo a ser exibido na mídia, em especial na televisão.

Além disso, Pires (2006) afirma que esse é um primeiro momento do processo transformador do esporte em mercadoria, o segundo é quando a fase de adaptação dele à linguagem comercial da mídia é superada e transforma-se agora ele mesmo em produto a ser negociado, através da comercialização dos direitos televisivos. A relação institucional entre os órgãos (entenda-se empresas) gestores da burocracia do esporte no mundo (COI, FIFA, FIA, etc.) e a indústria midiática passa a se estabelecer, basicamente, através da negociação dos direitos de transmissão dos eventos/competições. Dessa maneira, a mídia tornou-se não só uma veiculadora do produto em sua grade de programação, mas se posicionou como sócia do negócio intervindo, inclusive, nos formatos e modelos de disputa das competições.

A título de exemplo, a maneira como os megaeventos foram e estão sendo realizados no Brasil, em certa medida, caracteriza a mediação da *institucionalidade* que liga elementos legitimados de uma cultura a dimensões produtivas e hegemônicas da sociedade restritas a interesses privados. Uma das questões a destacar é a "Lei Geral da Copa" que, entre outras medidas, com a concessão do Estado brasileiro à FIFA, atropelou a legislação nacional permitindo comercializar bebida alcoólica nas arenas onde haverá jogos da competição, além de proibir a circulação de vendedores ambulantes em um raio de dois quilômetros nos arredores dos estádios em dias de jogos e, sobretudo, criminalizar o marketing de emboscada. Portanto, são medidas, mesmo que provisórias e limitadas ao megaevento, legalizadas e com o aval do Estado que visam atender a interesses comerciais da indústria midiática e das instituições esportivas, ambas sócias do negócio que gira em torno do mega fenômeno esportivo.

A realização dos Jogos Olímpicos opera de modo parecido com a Copa do Mundo, a diferença é que o COI condiciona já à candidatura da cidade/país a sede dos Jogos as concessões e exigências legais para que o megaevento possa acontecer. No momento que determinada cidade se candidata a sediar uma edição das Olimpíadas, ela tem que, desde aquele instante, estar adequada a inúmeros quesitos pré-definidos pelo Comitê e deve assinar um contrato de compromisso com o exigido *a priori* pela instituição.

Neste caso, um exemplo da mediação institucional voltada para interesses particulares e economicamente hegemônicos é a total isenção

fiscal concedida pelo Estado ao COI e a todos os seus parceiros patrocinadores oficiais da instituição e do megaevento. Tanto na entrada no país, como na saída também, todas as multinacionais ficam livres de qualquer carga tributária ou taxa alfandegária que venha a existir de acordo com a legislação do país. É a montagem do que Mascarenhas *et al.* (2012) chamaram de "o bloco olímpico", a associação entre Estado, Organização esportiva e mercado. Nas palavras oficiais do COI, essa sociedade comercial denomina-se de TOP (*The Olympic Partners*), "Os Parceiros Olímpicos".

A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos são megaeventos que exemplificam a macroestrutura comercial existente nos bastidores do esporte hoje. Esse é um modelo institucionalizado de gestão que acontece também em microestruturas do fenômeno esportivo, em âmbito continental como os Jogos Pan-Americanos, a *UEFA Champions League*, a Copa Libertadores da América de futebol; e nacionais, como as ligas norte-americanas (*NFL, NBA, NHL, MLS*, entre outras) e, no caso brasileiro, como o *Brasileirão* de futebol, o *NBB* (Novo Basquete Brasil), as *Superligas de vôlei* (masculina e feminina), entre outras.

Portanto, a mediação da *institucionalidade*, que encaminha elementos das *matrizes culturais* para as *lógicas de produção*, pode ser compreendida na cultura esportiva pela representação da estrutura empresarial que serve de alicerce para a disseminação hegemônica da concepção econômica e ideologicamente globalizada do esporte-espetáculo, a dimensão do alto rendimento e dos grandes eventos esportivos.

Para Martín-Barbero (2009), as *lógicas de produção* se sustentam em um tripé composto por essa "*estrutura empresarial*", mencionada anteriormente, pelas "*competências comunicativas*" e pela "*competitividade tecnológica*", essas duas últimas serão comentadas adiante quando for discutida a mediação da *tecnicidade*, que direciona as *lógicas de produção* aos *formatos industriais*.

1.2.2. A socialidade... das interações às quase interações mediadas

Para Martín-Barbero (2009, p. 17), "as matrizes culturais ativam e moldam os *habitus* que conformam as diversas competências de recepção". Portanto, podemos entender que as raízes culturais, ou melhor, as bases das representações simbólicas que configuram o contexto formativo dos sujeitos, e até de comunidades onde estão

inseridos, são determinantes nas formas de consumo e interpretação do discurso midiático.

Assim, para o autor, "a *socialidade* é gerada na trama das relações cotidianas" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 17) entre os homens, como atores sociais, e nas deles com o poder, seja na hegemonia ou na contra-hegemonia. Essa mediação representa, no mapa barberiano, a polissemia da interação social que configura a multiplicidade de modos e sentidos nos quais a coletividade se faz e se recria.

Com base nos estudos de Habermas sobre a *práxis comunicativa*, Martín-Barbero (2009) afirma que a *socialidade* é um processo que constitui o sentido da comunicação como *fins* e não só de *meios*, como espaço e tempo onde os sujeitos receptores-ativos elaboram a prática reflexiva sobre conteúdos e produtos advindos dos meios de comunicação. Ele defende ainda que essa relação entre as *matrizes culturais* e as *competências de recepção*, transformam, sobretudo, a sensibilidade e a subjetividade dos sujeitos no âmbito da cultura e da sociedade de maneira geral.

A partir dessa perspectiva, desviando o olhar para a dimensão da cultura esportiva, o que parece possível indicar é que na mediação da *socialidade* o que há de massivo e o que há de cultural no fenômeno esportivo já não se dissocia mais. Os significados construídos historicamente na sociedade e os sentidos contextuais específicos atribuídos ao esporte entrelaçaram-se em meio à "globalização da economia e a mundialização da cultura" (PIRES, 2002), tese que pode ser reforçada se considerarmos que o esporte, assim como outros elementos da cultura, no processo de padronização e serialização do fenômeno esportivo na sua apropriação pela indústria cultural, independente do contexto das matrizes culturais, aquilo que é produzido no universo esportivo está conferido com um ar de semelhança (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Entretanto, há que se considerar que a representação identitária que o futebol, por exemplo, tem no Brasil é diferente da relação que os países da América do Norte e do Oriente possuem com essa modalidade esportiva. Em um processo de construção histórica, o brasileiro desenvolveu uma interação social diferenciada com a bola de futebol, uma forma particular de jogar e também de torcer pela seleção canarinho e pelo clube do coração. Claro, sem deixar de lembrar da influência que a mídia teve nesse processo, inicialmente via telégrafo, na

imprensa e no rádio, nas primeiras transmissões em massa para o país, e em seguida consolidando-se e se tornando paixão massiva via as coberturas televisivas.

O sentido inverso pode-se estabelecer com o esporte olímpico. Os significados sociais, os sentidos culturais e as representações identitárias que os rituais e disputas olímpicas possuem no Brasil são distintos da significância que o olimpismo tem na Grécia, nos Estados Unidos, em Cuba e na China, por exemplo. Apesar da crescente importância que os Jogos Olímpicos vem ganhando no país com a eminente realização da edição de 2016 na cidade do Rio de Janeiro, esses outros países citados têm uma relação muito mais intensa com as Olimpíadas, embora muitas vezes atreladas a fatores político-ideológicos, são tradições que estão enraizadas nas matrizes culturais dessas localidades.

Contudo, é necessário rememorar que as interações esportivas, as quais outrora se davam no momento da sua prática ou também na assistência nos locais dos estádios e arenas, tornaram-se basicamente mediadas pelos meios de comunicação de massa. É, segundo Pires (2002), a substituição da experiência formativa do esporte pela mediação midiática, a abdicação da sua prática ou da vivência do "ao vivo" para consumir via televisão e agora também pela internet.

As redes virtuais da internet em conjunto com as mídias digitais têm proporcionado novas possibilidades de interação social, comunicação e de produção cultural pelos sujeitos que até então eram apenas consumidores dos produtos da mídia tradicional de massa. Porém, há interpretações sociológicas que se contrapõem a esse novo paradigma comunicacional.

Henry Jenkins (2009) acredita na possibilidade de uma "cultura de convergência", que, além do entrelaçamento das diversas mídias em um único aparato tecnológico, constitui tanto uma "cultura participativa", onde todos podem e estão inseridos no contexto da produção de conteúdos e mensagens em rede, como também uma "inteligência coletiva", que diz respeito a atividade colaborativa de interpretação e consumo dos produtos que circulam no mundo digital, ambientes onde os sujeitos compartilham compreensões e atribuem sentidos convergentes a determinado conteúdo acessado comunitariamente. Em linhas gerais, para Jenkins:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados

mediáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2009, p. 29).

Já para Duarte (2011), as novas condições de produção cultural via meios digitais nada mais é do que uma forma de "capilarização da indústria cultural" em uma segunda versão, global e digitalizada. Para o autor, a capilarização é

a possibilidade de penetração de mensagens audiovisuais e textuais em todo o mundo, com uma característica não existente nos meios tradicionais: a capacidade de resposta imediata aos estímulos utilizando-se o mesmo veículo de recepção da mensagem, ao qual também se dá o nome mágico de "interatividade" [...], a capilarização é também consequência da característica tecnológica dos novos meios, de acordo com a qual não existe um abismo tão grande como havia nos dispositivos analógicos, entre os transmissores e os receptores das mensagens (DUARTE, 2011, p. 108-109).

Sob este princípio, Rodrigo Duarte (2011) argumenta que o advento das tecnologias digitais na lógica da indústria cultural estendeu o caráter coercitivo da recepção/consumo para alcançar também a emissão, instituindo o "imperativo das respostas". Extensão que, inclusive, provoca a espetacularização da vida privada, embaralhando-se e sendo confundida com a vida pública. Além disso, altera-se a sensibilidade dos sujeitos nas percepções de ser e estar no mundo real e virtual, "multiplicando as possibilidades do fetichismo na indústria cultural 'clássica'" (DUARTE, 2011, p. 116).

Na versão contemporânea da indústria cultural, que tem como principal suporte operacional as mídias digitais e a internet (mas sem abdicar do apoio dos veículos tradicionais), tende-se a vislumbrar um consumidor personalizado. Ao invés de produzir massivamente, busca-

se o público que está disposto a pagar até mais pelo produto ou aparato tecnológico que deseja. Assim,

do ponto de vista tecnológico, é evidente que a digitalização generalizada dos meios de produção, reprodução e transmissão de mensagens audiovisuais, com sua flexibilidade infinitamente maior do que a dos meios analógicos, tornou-se mercadologicamente possível a existência e circulação de tais produtos mais adaptados a um consumo não massivo, sem que o lucro diminuísse (pelo contrário, em muitos casos, aumenta). (DUARTE, 2011, p. 117).

A partir dessas duas perspectivas divergentes de análises sócio-culturais acerca das transformações proporcionadas pelas tecnologias digitais, o que se pode depreender do debate é que há uma linha tênue entre uma esperança emancipatória e subversiva no paradigma comunicacional da cultura de convergência onde estariam sendo retomadas as interações face a face, com participação ativa e coletiva na relação dos sujeitos com os meios e as mensagens, porém agora acontecendo, principalmente, via interface digital; e também uma preocupação sociológica com a permanência do caráter coercitivo nessa possível segunda fase de industrialização da cultura com uma economia globalizada e um mundo digitalizado, um espaço e tempo em que predominam as interações imediatistas e superficiais em prol da velocidade com que o fluxo das informações é produzido, circula e é recebido na internet, sobretudo nas redes sociais virtuais.

Dilemas comunicacionais que não são diferenciados no que diz respeito aos conteúdos e produtos do fenômeno esportivo que circulam e são consumidos. Diante do que foi discutido, apresentam-se problemáticas de como a mediação da *socialidade*, seja no âmbito da hegemonia ou da contra-hegemonia da cultura esportiva, pode estar sendo dessublimada devido às transformações sociais provocadas por questões mercadológicas e tecnológicas da relação entre a Cultura e a Comunicação de maneira geral, com reflexos incisivos nos elementos que solidificam as raízes culturais nos mais variados contextos sociais.

Sendo assim, algumas questões problemáticas que envolvem a relação associativa das *matrizes culturais* com as *competências de*

recepção no universo da cultura esportiva parecem implicar nos *usos sociais* e nas *múltiplas trajetórias de leitura* que, segundo Martín-Barbero, são concernentes à *ritualidade*, mediação cultural da comunicação que liga as *competências de recepção* aos *formatos industriais* e será discutida na sequência do texto.

1.2.3. A *tecnicidade*... do discurso midiático-esportivo

Na mediação comunicativa da *tecnicidade*, é importante lembrar, conforme foi citado, que as *lógicas de produção* sustentam-se em um tripé composto pela estrutura empresarial, representada na mediação da *institucionalidade*, pela competência comunicativa e pela competitividade tecnológica. As duas últimas correspondem a elementos que estão intimamente ligados aos encaminhamentos que resultam nos *formatos industriais* do mapa das mediações culturais de Martín-Barbero.

Para Martín-Barbero (2004, p. 235), a *tecnicidade*, "mais que aos aparelhos, nos remete ao desenho de novas práticas comunicativas e culturais, e mais que destreza a *tecnicidade* é competência de linguagem", ou pode-se entender, competência comunicativa. Sendo assim, os delineamentos da linhagem de produção cultural se dão basicamente pelas estratégias discursivas utilizadas pelos meios de comunicação de massa, os quais operacionalizam a padronização e a serialização dos produtos advindos da lógica industrial, sacrificando a essência do conteúdo, interpretação que segue a mesma descrição apresentada por Horkheimer e Adorno (1985) no texto da *Indústria cultural*, na *Dialética do esclarecimento*.

No sentido da produção padronizada, compreende-se que a mediação da *tecnicidade* no mundo contemporâneo acontece no cenário da globalização e na conversão dela própria em conectora universal do global (MARTÍN-BARBERO, 2004). Ou seja, é de responsabilidade da *tecnicidade* a mundialização de bens culturais frente à submissão aos ditames e exigências comerciais da economia globalizada.

Em 1997, quando desenhou o mapa das mediações, Martín-Barbero, sem possibilidades de prever as transformações sócio-culturais e econômicas que a internet e as tecnologias digitais provocariam, posicionou a *tecnicidade* como geradora de "um novo estatuto social da técnica, como uma nova perspectiva do discurso e da praxe política" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 236). Entretanto, a expectativa de

mudanças e melhorias na estrutura social da mídia e da comunicação subsumiu-se com a formação dos "conglomerados midiáticos" (MORAES, 1998). Naquele momento, grandes empresas de comunicação do mundo passaram a comprar microempresas e empresas de menor porte, constituindo os oligopólios da mídia, uma forma de manter a soberania tecnológica na mão de poucos grupos e, como consequência, ter o controle da concorrência e do mercado dos meios de comunicação de massa.

Outra consequência desse processo de monopolização dos meios de comunicação durante a década de 1990 foi a transformação da informação em mercadoria. O único eixo do discurso midiático que, até então, ainda se mantinha relativamente livre de interesses comerciais, tornou-se, juntamente com a publicidade e o entretenimento, mais um pilar financeiro da indústria midiática. Dessa maneira, a produção jornalística, em grande maioria, passou a ter vínculos e a depender das diretrizes mercadológicas das empresas.

Nesse sentido, Gomes (2008) acredita ser uma tendência atual o embaralhamento entre as fronteiras da informação e do entretenimento no discurso midiático, configurando, inclusive, uma nova categoria, o *infotainment* (infotimento, cf. tradução da autora). A autora argumenta que devido às novas formas de ser e estar no mundo com o advento das tecnologias digitais, sobretudo com a velocidade de circulação da informação na internet, é necessário que o jornalismo se adapte e torne-se mais atraente para o consumidor. Vidal (2010) segue a mesma linha de pensamento e defende que o jornalismo deve buscar estratégias de entretenimento para transformar informações de "interesse público" em "interesse do público".

Contra isso, Sandano (2006, p. 74) argumenta que “para que se estructure um sistema de comunicação que devolva ao indivíduo a sua condição de sujeito é necessário que a informação deixe de ser objeto de consumo e se transforme em ponto de partida para a observação crítica da realidade”. A informação a ser tratada como um bem público de direito e de acesso irrestrito aos cidadãos.

Patias (2006) comenta o advento da internet e o surgimento da nova categoria que mistura informação e entretenimento:

Para atender às expectativas do público e aumentar o seu poder de lucro, a cultura da mídia promove espetáculos cada vez mais sofisticados que, impulsionados pelo poderio econômico,

passam a ser o parâmetro da vida em sociedade. Novas multimídias que unem rádio, filme, noticiário de TV e entretenimento se tornam cada vez mais difundidas. No domínio do ciberespaço multiplicam-se os *sites* de informação e lazer. Vimos surgir o que especialistas chamam de "infoentretenimento": uma mistura de informação e entretenimento que produz espetáculo. É comum vermos noticiários com características de entretenimento, uma espécie de notícia e espetáculo (PATIAS, 2006, p. 92).

Segundo o autor, é o processo de "entretenimização da própria vida" (PATIAS, 2006, p. 93). Portanto, é a utilização das *competências de linguagem* e da *competitividade tecnológica* pelas *lógicas de produção* da indústria midiática para, através da mediação da *tecnicidade*, transformar bens culturais em produtos a serem vendidos, como entretenimento e espetáculo.

O que não é diferente com o esporte. Como bem cultural que institucionalmente é acometido às lógicas produtivas pela estrutura empresarial que o gerencia, através das competências comunicativas dos meios de comunicação de massa, o fenômeno esportivo é tecnicamente formatado em padrões industriais e, por fim, comercializado.

A formatação do esporte como mercadoria produzida em escala industrial diz respeito ao seu processo de *mercadorização* e *espetacularização* citados anteriormente. Porém, o que compete à mediação da *tecnicidade* na conformação da cultura esportiva são as estratégias discursivas utilizadas pela mídia na veiculação do esporte em sua grade de programação e na cobertura jornalística que realiza sobre os fatos e acontecimentos que estão relacionados ao fenômeno de maneira geral.

Na cobertura esportiva, os meios de comunicação de massa, na perspectiva atual de negociação dos direitos de transmissão das competições conforme explicitado durante apresentação da *institucionalidade*, como sócios do "negócio do esporte" (GURGEL, 2012), exploram a maior rentabilidade possível que o produto possa oferecer. Através dos "*formatos de sedimentação* de saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas" da *tecnicidade* (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 235-236), a mídia constrói o discurso sobre o esporte a partir da

"falação esportiva" (ECO, 1984), a qual "*informa e atualiza [...], conta a história das partidas [...], cria expectativas [...], faz previsões [...], explica e justifica [...], promete [...], cria polêmica e constrói rivalidades [...], critica [...], comenta [...]* e *elege ídolos*" (BETTI, 1998, p. 68-69).

No que concerne à cobertura jornalística do esporte, percebe-se que, devido a necessidade de manutenção dos seus produtos em pauta atualizada e a demanda de estar quase sempre agendando a próxima transmissão a ser veiculada pela emissora referente, a indústria midiática dificilmente consegue dissociar a informação esportiva do entretenimento. Segundo Gurgel (2012, p. 9),

o "big business" do esporte ainda está na cobertura televisiva ou, para ser mais preciso atualmente, o centro da força da comunicação esportiva está nos conglomerados midiáticos convergentes, que associam entretenimento e informação, sob os mais variados dispositivos comunicacionais.

Ainda para o autor, "para além de um juízo de valor preliminar, a consequência disso tudo é que o jornalismo esportivo, o jornalismo de entretenimento e até mesmo as comunicações mercadológicas no mundo do esporte estão cada vez mais próximos" (GURGEL, 2012, p. 11). O jornalismo esportivo tem a tendência de buscar suprir os interesses de consumo do seu público espectador e, mais comumente ainda, prioriza a imposição da agenda midiático-esportiva sobre a agenda social, procedimento denominado de "agendamento midiático-esportivo" que, segundo Mezzaroba, Messa e Pires (2011, p. 41):

as estratégias discursivas de agendamento são tentativas que vão compondo, portanto, a conjuntura material e simbólica que é essa tessitura narrativa midiática, em todas as suas variantes de modo (gêneros jornalísticos distintos) e de tempo (pré, pró, pós evento esportivo).

Visto sob o referencial do mapa barberiano, essas estratégias discursivas utilizadas pela mídia na formulação do discurso midiático-

esportivo, fragmentando e descontextualizando o fenômeno esportivo e embaralhando as fronteiras entre a informação e o entretenimento na produção jornalística do esporte, caracterizam-se como *gramáticas generativas* da mediação da *tecnicidade*. Segundo Martín-Barbero (2004, p. 236):

Gramáticas generativas que dão lugar a uma topografia de discursos movediça, cuja mobilidade provém tanto das mudanças do capital e das transformações tecnológicas como do movimento permanente das *intertextualidades e intermedialidades* que alimentam os diferentes gêneros e as diferentes mídias, e que são hoje lugar de complexas tramas de resíduos e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas.

O que se pode destacar da mediação da *tecnicidade* na interpretação da cultura esportiva é que os percursos traçados pela apropriação midiática sobre o esporte reproduzem as características da "sociedade do espetáculo" (DEBORD, 1997), onde em uma relação de humanos mediada por imagens, o que "aparece é bom, e o que é bom aparece". Estratégias discursivas, competências técnicas de linguagem e de comunicação que retroalimentam a tese do "esporte telespetáculo" (BETTI, 2001).

Na sequência do texto apresentaremos a mediação da *ritualidade* que vincula as *competências de recepção* com os *formatos industriais*. Tendo como referência a proposta do mapa das mediações culturais de Martín-Barbero, tentaremos estabelecer a relação sincrônica entre os rituais de consumo dos produtos com as técnicas de produção dos mesmos, conforme apresentadas acima, no contexto da cultura esportiva.

1.2.4. A ritualidade... entre o nexó simbólico dos significados e dos sentidos

Por fim, mas não menos importante na cartografia barberiana das mediações, a mediação da *ritualidade* parece ser o elemento que define e caracteriza a atividade do sujeito-receptor na apropriação dos

discursos e produtos advindos da mídia. Ao estabelecer a relação das *competências de recepção* com os *formatos industriais*, a *ritualidade* talvez seja o momento em que fica mais visível aquilo que se convencionou chamar no âmbito acadêmico-científico de "estudos de recepção".

Para Martín-Barbero (2009, p. 19), "a mediação das ritualidades remete-nos ao *nexo simbólico* que sustenta toda comunicação: à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição". Seriam os traços interpretativos desenhados de acordo com uma cadência e um padrão estético definido pelo próprio sujeito em todo o processo de consumo midiático, antes, durante e depois, com interferências diretas e indiretas do contexto histórico e sócio-cultural onde ele está inserido.

Como uma mediadora cultural dialética, a *ritualidade* na relação com as *competências de recepção* é dicotomizada entre os *diferentes usos sociais* e as *múltiplas trajetórias de leitura* dos sujeitos consumidores. O primeiro se refere à diversidade de maneiras existentes em se apropriar das mais variadas mídias, seja cinema, rádio, televisão, jornal, revista, internet, etc. A segunda está ligada aos determinantes sociais dos interesses particulares e coletivos, como níveis educacionais, etnia, classe, gênero, hábitos familiares, etc. Portanto, dimensões rituais objetivas que caracterizam os sujeitos-receptores (MARTÍN-BARBERO, 2009).

A dicotomia ritualística das mediações culturais tem influência e implicações diretas na relação subjetiva das *ritualidades* com os *formatos industriais*, pois, para Martín-Barbero, "as ritualidades constituem *gramáticas da ação* - do olhar, do escutar, do ler - que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 19). Assim, compreende-se que são os rituais adjacentes das *competências de recepção* que permitem a construção dos sentidos atribuídos pelo sujeito-receptor ao significado original das mensagens ou produtos advindos da indústria midiática.

É nesta relação de atribuições de sentidos aos significados produzidos pelo discurso midiático que se aproximam as definições da mediação da *ritualidade* com os "estudos de recepção", Para Jacks,

[...] a recepção não se dá apenas durante a audiência de TV. Começa bem antes e termina

bem depois, fundindo-se com as práticas cotidianas dos receptores, ação na qual ganha sentido e significado, ou não, através da negociação com os significados propostos pela família, escola, religião, partido político, empresa, etc. (JACKS, 1999, p. 57).

Foi sob esta perspectiva teórica de recepção que, no contexto brasileiro, pesquisas científicas foram realizadas no campo da Educação Física com o intuito de compreender os rituais do olhar, do ver, do ler, do assistir, ou seja, da atividade dos sujeitos, na maioria escolares, em consumirem o discurso midiático-esportivo.

Um dos trabalhos já desenvolvidos a partir desse marco social e científico, a tese de Pires (2001), se apoiou, basicamente, no referencial da teoria social crítica, dos autores alemães da Escola de Frankfurt como Jürgen Habermas, Theodor Adorno e Max Horkheimer, e teve como base da fundamentação teórico-metodológica a corrente latino-americana das mediações culturais. Através de uma pesquisa-ação com formação de professores de Educação Física, o estudo apontou (apresentando aqui de maneira sintética) a necessidade de repensar a estrutura curricular dos cursos de graduação e a possibilidade de se formalizar uma disciplina nos currículos que de maneira instrumental, reflexiva e crítica realize o papel de mediação institucional da universidade na formação social, cultural e profissional dos sujeitos na relação de apropriação e de consumo da mídia, não só acerca dos conteúdos que dizem respeito à Educação Física, sobretudo no consumo dos produtos dos meios de comunicação de massa de maneira geral.

Outros quatro trabalhos também servem como exemplos de estudos de recepção com escolares, sendo que dois (ANTUNES, 2007; MEZZAROBA, 2008) foram com jovens, e os outros dois, de Lisboa (2007) e de Costa e Leiro (2010), aconteceram com crianças²⁴. Antunes (2007) e Mezzaroba (2008) consideraram que a mediação escolar em uma perspectiva interdisciplinar e coletiva do grupo de profissionais

²⁴ Vale ressaltar que duas (ANTUNES, 2007; MEZZAROBA, 2008) das pesquisas citadas tiveram como pano de fundo da investigação a temática dos megaeventos esportivos como conteúdo concernente ao campo da Educação Física escolar, no caso, a Copa do Mundo da FIFA (2006) e os Pan-Americanos do Rio (2007).

(professores, servidores e administradores) que compõem a escola, ao estabelecer relação e comunicação com as outras mediações culturais cotidianas do aluno, tem papel fulcral na formação cultural de sujeitos esclarecidos e emancipados perante o discurso midiático-esportivo. Os trabalhos de Lisboa (2007) e Costa e Leiro (2010), não diferente, também apontam o papel fundamental da mediação escolar na formação dos sujeitos, mas antes ressaltam a importância de não subestimar e de incentivar a capacidade criativa e interpretativa das crianças na relação com as representações sócio-culturais veiculadas pela mídia.

Diante desse breve quadro apresentado por algumas empreitadas investigativas dentro da especificidade da Educação Física, que demonstram a imprevisibilidade dos "nexos simbólicos" atribuídos pelos sujeitos ao discurso midiático-esportivo, pode-se identificar o indicativo de que a mediação da *ritualidade*, no âmbito da cultura esportiva e também da cultura como um todo, sempre será um campo em aberto para novas interpretações, para a formulação de novos sentidos que se constituem de acordo com o contexto em que estão inseridos. Ou seja, a mediação da *ritualidade* é um processo que está em constante construção e só pode ser analisado se contextualizado com o espaço e tempo a que se refere.

Assim, para uma análise de (possíveis) rituais interpretativos da relação Comunicação, Cultura e Política no contexto atual parece necessário não perder de vista o sincronismo existente na macroestrutura que promove a mediação cultural da comunicação e a validade histórica dos caminhos e trajetos percorridos pelos bens culturais em suas matrizes até chegarem à condição de produtos em formatos industriais. É necessário que seja conhecido o máximo de instâncias mediadoras intervenientes no objeto a ser estudado, que no caso deste trabalho é o esporte, e, como consequência, que se compreendam os posicionamentos e as maneiras como se manifestam as mediações da *institucionalidade*, da *socialidade* e da *tecnicidade* para uma interpretação mais reveladora da *ritualidade*.

Dessa maneira, nos propomos na sequência do texto a apresentar os dados construídos na pesquisa com o intuito de interpretá-los sob a égide do mapa das mediações culturais apresentado por Martín-Barbero. Sobretudo a partir do esforço, até aqui apresentado, de relacioná-lo com a especificidade da cultura esportiva no contexto atual dos megaeventos esportivos e a convergência digital.

Ressaltamos que devido a delimitação do objeto de estudo e ao limite temporal de desenvolvimento da investigação, optamos por não trabalhar com a mediação da *ritualidade* na análise dos dados da pesquisa. Entendemos que essa dimensão da teoria das mediações culturais demanda uma análise mais ampliada do contexto sociocultural onde estão inseridos os interlocutores do estudo. Como consequência disso, demandaria também maior aprofundamento metodológico e mais tempo de investigação/acompanhamento no campo de pesquisa, elementos impeditivos que não tínhamos como superá-los neste trabalho.

CAPÍTULO 2. OS SUJEITOS DA PESQUISA E OS SEUS PERCURSOS DE NAVEGAÇÃO

Neste capítulo nos dedicamos a fazer uma apresentação da identidade²⁵ dos sujeitos que se disponibilizaram a participar e colaborar com a presente pesquisa. Tratou-se de um esforço descritivo que fosse capaz de dar visibilidade às nuances e particularidades das práticas comunicativas e trajetórias de consumo cultural e midiático destes sujeitos. Sem ultrapassar os limites das barreiras éticas das pesquisas com seres humanos, procuramos, sobretudo, ter o cuidado de preservar a privacidade e informações pessoais da vida social pública dos interlocutores.

Aqui é válido relembrar, que ao entender os limites teórico-metodológicos dos estudos e pesquisas na perspectiva das Ciências Sociais e Humanas no âmbito do ciberespaço, que buscam fazer interpretações e análises de elementos socioculturais em ambientes virtuais, assim como aponta Rifiotis (2010) no que diz respeito a Antropologia no ciberespaço, este trabalho se preocupa em evitar dicotomias ou dilemas entre o que é "real" ou "virtual". Nesse sentido, adotamos estratégias metodológicas, como descritas anteriormente, que em diferentes momentos flutuam em ambientes "online" e "offline", mas que a todo instante procuramos fazer aproximações e encontros entre os dados construídos no percurso da pesquisa.

Dessa forma, na sequência do texto fazemos uma apresentação individualizada dos cinco sujeitos que participaram da pesquisa. Optamos por fazê-las individualmente por se tratar de um estudo com sujeitos que constituem a mesma comunidade acadêmica de alunos do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC, mas que não

²⁵ Compreensão de identificação dos sujeitos via redes sociais que segue o mesmo sentido da perspectiva apresentada pelo professor Dr. Fábio Malini, da Universidade Federal do Espírito Santo, em palestra no *I Ciclo de Debates investigação na EaD: novos instrumentos de pesquisa na web*, realizada em 07 de novembro de 2013, quando ele afirmou que as redes modificam o que até então eram identidades/audiências imaginadas pelos meios de comunicação de massa e que agora podem ser materializadas através dos ambientes virtuais das páginas pessoais, dos perfis, das *timelines*, das *fan pages*, dos tipos de compartilhamento e postagens que os sujeitos fazem nas redes sociais e que facilitam a caracterização/identificação de cada usuário/consumidor midiático.

necessariamente possuem vínculos de convivência ou que interagem entre si no cotidiano da universidade ou das redes sociais.

O intuito é descrever as características apresentadas pelos sujeitos na resposta aos questionários da pesquisa que procurou mapear as trajetórias de consumo cultural e midiático deles. Ao mesmo tempo, associar essas informações ao perfil que cada sujeito mantém ativo, e com o qual participaram da pesquisa, no Facebook. O objetivo da associação é, mais uma vez, para que não se fragmente a identidade dos sujeitos em dimensões "reais" e "virtuais". Uma maneira de garantir que o olhar sobre a participação e a atividade dos sujeitos no ciberespaço não seja limitada a compreendê-los apenas como usuários ou avatares de determinada comunidade na internet, mas como seres humanos completos que transitam por diferentes ambiências sociais e tecnológicas.

Por fim, ainda neste capítulo, trazemos um panorama quantitativo dos tipos de interação e de comunicação realizada pelos sujeitos durante os dias de acompanhamento da movimentação deles na rede social. São dados que dão indícios dos ritmos e fluxos de conteúdos e informações que foram produzidos e postos em circulação de acordo com os fatos e ocorrências do dia a dia da Copa das Confederações e das manifestações sociais que aconteceram durante o período observado.

2.1. Os sujeitos da pesquisa²⁶

• Amanda

A graduanda Amanda, de vinte e quatro anos, cursava no momento da pesquisa (1º semestre de 2013) a 8ª fase do curso de licenciatura em Educação Física. Ela foi intercambista na Universidade de Kennesaw, nos Estados Unidos e no momento da resposta ao questionário era bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq.

Amanda possui um computador para uso pessoal e quando está em casa afirmou que o utiliza na sala de estar e no seu quarto. Os locais onde acessa a internet, em uma escala de maior e menor uso, são a sua casa em primeiro lugar, seguido da universidade e em terceiro lugar as

²⁶ É válido ressaltar que os nomes dos sujeitos apresentados no decorrer do texto são reais e foram previamente autorizados por eles para serem utilizados no trabalho através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos, conforme modelo disponível nos Apêndices.

lan houses. A internet da casa dela é do tipo banda larga e ela complementa as informações de acesso dizendo que não acessa internet por celular ou outros dispositivos móveis.

Sobre os usos midiáticos e a relação com o conteúdo esportivo, Amanda afirma que assiste a programação da televisão aberta raramente, sendo que o único programa esportivo que ela acompanha nas ocasiões em que assiste é o telejornal esportivo diário da Rede Globo, o *Globo Esporte*. No caso da TV por assinatura, ela assiste diariamente e os canais esportivos que ela acompanha, em uma escala de maior a menor frequência, são o *ESPN*, o *SPORTV* e o *OFF* (canal que transmite esportes radicais).

Ainda sobre o conteúdo esportivo consumido via televisão, Amanda assiste transmissões de competições esportivas com uma frequência média de quinze em quinze dias. As modalidades esportivas que ela assiste são a ginástica, a natação, os saltos ornamentais e o futebol.

Do consumo de conteúdo esportivo em outros veículos midiáticos, Amanda afirma não ter hábito de ouvir programação de rádio, não lê jornais e não lê revistas, mas ela acessa os portais de informação em busca de conteúdos esportivos na internet e os que ela navega, com maior frequência, para consegui-las são o *Yahoo* e o *Globo.com*. Porém, a busca na rede acontece apenas nos portais, ela não acessa blogs na internet.

Segundo Amanda, em uma escala de prioridade e maior frequência, normalmente ela busca informações e conteúdos esportivos em primeiro lugar na internet e em segundo na televisão. O tipo de assunto que procura estar sempre se inteirando é sobre as competições das modalidades esportivas que lhe interessa e a preparação física e técnica dos atletas.

Na relação com a prática esportiva, Amanda afirma que pratica esportes raramente e, em uma escala de maior a menor frequência, as modalidades que costuma praticar são o tênis, o frescobol e a natação. Além disso, ela diz que não frequenta estádios, arenas ou ginásios esportivos com a justificativa de que não há eventos deste tipo na cidade (Florianópolis).

No que diz respeito à relação com as plataformas de comunicação na internet, Amanda utiliza três redes sociais diferentes, o *Facebook*, o *Twitter* e o *Youtube*. Ela acessa essas redes com a finalidade, em ordem prioritária, de buscar informação, fazer contatos do trabalho ou

faculdade e contatar amigos e familiares. A aluna de Educação Física argumenta que participa dessas redes e não de outras por elas terem uma boa funcionalidade para as atividades que lhe interessam.

Os amigos, familiares e colegas são os sujeitos com quem ela se relaciona nas redes, pois opta por não ter contato com celebridades, bandas, esportistas ou pessoas que não estejam no seu círculo de convivência. Essas pessoas com quem ela mantém contato moram na sua ou em outras cidades do país, além de amigos que estão morando em outros países. Ela costuma se encontrar com essas pessoas com quem se relaciona nas redes.

O tema que predomina nas conversas de Amanda com seus amigos nas redes sociais são os estudos da faculdade. Normalmente, em seu perfil e em sua *timeline* das redes, ela posta coisas relacionadas a regras de português ou imagens de arte, costuma ler, comentar ou curtir postagens sobre problemas sociais de situações políticas e raramente compartilha algo que acessou na internet ou nas próprias redes.

Em seu perfil no *Facebook*, em 14 de junho de 2013, Amanda possuía duzentos e oitenta e quatro amigos. Tinha, nas opções de páginas curtidas dela, quarenta *fan pages* relacionadas a música, de bandas e cantores nacionais e internacionais. Havia dezesseis filmes e nove programas de TV de diferentes gêneros, também nacionais e internacionais. Além dessas, também tinha páginas curtidas de interesses diversos, como congressos científicos (página do Conbrace), cientistas reconhecidos (Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Kant), poetas, jornalistas, entre outras páginas associadas a elementos do cotidiano.

Por fim, Amanda aparecia como membro de grupos do *Facebook* com diferentes temáticas. Um grupo sobre práticas de modificação corporal com piercings e tatuagens ("*Body Modification*"), outro denominado "*Sociologia para jovens do século XXI*", grupos do Centro Acadêmico, da Atlético de Educação Física e da prática de Tênis da UFSC, um grupo de estudos independente de estudantes de Educação Física e grupos de brasileiros que moraram ou moram fora do Brasil.

• Daniela

A estudante Daniela tem vinte e um anos e no momento de desenvolvimento da pesquisa também cursava a 8ª fase do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC. Ela trabalha em um espaço

de saúde na região da grande Florianópolis e segundo ela mesmo revela na apresentação do seu perfil no Facebook, "ama dançar".

Na casa de Daniela existem dois computadores de uso individual entre membros da família, sendo que um deles é utilizado no quarto e outro na sala de estar. No que diz respeito aos locais de acesso a internet ela afirma que se conecta durante o maior tempo do dia na casa dela, onde tem conexão do tipo banda larga, e em segundo lugar na universidade. Assim como Amanda, ela não faz conexão a internet via celular ou outros dispositivos móveis.

Dos usos midiáticos que a estudante Daniela faz da televisão no seu cotidiano, ela confirma que assiste a tv aberta diariamente, mas não tem nenhuma programação esportiva que tenha preferência ou que acompanhe com frequência. Já no que concerne a assistência da tv por assinatura, ela assiste diariamente e tem como canais esportivos preferidos, em escala prioritária, o *SPORTV* e o *OFF*. Sobre as transmissões esportivas, Daniela diz que assiste semanalmente competições de futebol e vôlei na televisão.

Acerca do consumo midiático por outros veículos de comunicação Daniela tem o hábito de ouvir rádio quando está em casa e também pelo celular (as emissoras *Jovem Pan* e *Atlântida*). Porém, ela não costuma ler jornais e revistas, como também não acessa portais de informação na internet, nem blogs para a busca de conteúdos esportivos e variados.

Quando quer ou precisa buscar informações e conteúdos esportivos, Daniela opta unicamente pela televisão. Ela procura estar sempre interada sobre informações gerais das modalidades que acompanha e os resultados das competições que estão acontecendo no momento.

Na relação com a prática esportiva, Daniela afirma não praticar nenhum tipo de modalidade, pois, a prática corporal que exerce diariamente é a Dança e ela não acredita que essa prática possa ser considerada esportiva. E sobre a assistência esportiva em estádios, arenas ou ginásios, Daniela afirma não frequentar por achar os valores de acesso a esses eventos caros.

No que se refere à relação com as plataformas de comunicação na internet, Daniela utiliza três redes sociais, o *Facebook*, o *Youtube* e o *Google+*. Ela acessa as redes com a finalidade, em escala prioritária, de fazer contatos de trabalho e da faculdade, contato com os amigos e

familiares, de entretenimento e lazer, por último, buscar informações gerais.

Nessas redes acessadas, Daniela se relaciona basicamente com amigos, familiares e colegas de trabalho que moram na mesma cidade que ela ou em outros lugares do país e mantém o costume de se encontrar com essas pessoas com quem ela estabelece contato nas plataformas de comunicação na internet. Nas conversas desenvolvidas online com os seus amigos o tema predominante é a Dança e os assuntos cotidianos da faculdade.

Daniela afirma participar das três redes sociais citadas e não de outras pela atualidade que elas possuem e pelo grande número de pessoas que as utilizam, além de achar que ambas oferecem um serviço de conexão e de comunicação de qualidade. Na sua página pessoal das redes ela costuma postar assuntos políticos com análises ou questionamentos críticos e, normalmente, lê, curte e comenta postagens de temáticas relacionadas a sociedade, assuntos relacionados a Dança e a Educação Física de forma geral. Da mesma maneira são os compartilhamentos e reencaminhamentos de "posts" que ela faz.

A estudante possuía, no momento do recolhimento das informações na sua página pessoal no Facebook, mil cento e vinte e nove amigos. Havia oito *fan pages* curtidas que se relacionavam à música, nove páginas referentes à atletas e mais uma a times esportivos. Na opção das páginas diversas relacionadas ao seu perfil apareciam temáticas variadas com relação à universidade onde ela estuda (UFSC), à Educação Física, à Dança, ao trabalho que ela exerce no espaço de saúde, entre outros.

No perfil de Daniela também apareciam eventos públicos agendados na rede e com a sua participação confirmada como uma aula aberta na universidade para debater o papel do professor e do aluno, o primeiro ato por um transporte público de qualidade em Florianópolis para 20 de junho, uma mostra de dança e um ato contra o genocídio do povo Guarani Kaiowá. Além desses eventos, ela participa de grupos relacionados ao PIBID da Educação Física na UFSC, ao Centro Acadêmico do curso e um grupo maior dos centros de Educação Física das duas universidades públicas de Florianópolis, a UFSC e a Estadual de Santa Catarina (UDESC).

• Diogo

O aluno Diogo, de vinte e dois anos, cursava a 2ª fase da licenciatura em Educação Física, portanto, diferentemente das duas primeiras colegas descritas anteriormente, ele estava completando o primeiro ano do curso, ainda na fase inicial do processo de formação acadêmica.

Em sua residência, Diogo possui dois computadores, sendo um para uso pessoal dele e outro compartilhado com os seus familiares, ambos localizados em quartos diferentes da sua casa. Lá ele acessa a internet do tipo banda larga e é o local onde, em uma escala proporcional de maior e menor uso diário, passa o maior tempo dele conectado seguido do espaço da faculdade. Ele não faz conexão a internet via celular ou dispositivos móveis.

Sobre os usos midiáticos da televisão Diogo afirma que assiste TV aberta e por assinatura algumas vezes por semana. O programa esportivo preferido dele, o único que acompanha na aberta é o *Globo Esporte* e o canal de esportes da TV fechada que prefere e assiste é o *SPORTV*. Nestes canais ele costuma assistir com uma frequência semanal competições de modalidades esportivas como futebol e futsal preferencialmente.

No que diz respeito ao consumo midiático por outros suportes, Diogo tem o hábito de ouvir rádio quando está no carro ou pelo celular. Não lê revistas, mas costuma ler jornais em versão impressa ou pelo computador, sendo que o único jornal que faz leituras com frequência é o *Diário Catarinense*. Além desses veículos tradicionais, ele acessa os portais de informação do mesmo *Diário Catarinense* e o *Clic RBS*, ambos do mesmo conglomerado midiático afiliado da Rede Globo de Televisão em Porto Alegre e em Santa Catarina, mas não acessa nenhum blog de notícias ou de algum jornalista.

Diogo admitiu que, em uma escala de prioridades, busca informações relacionadas ao esporte primeiramente no rádio e, em segundo lugar, na internet. Sendo que o conteúdo predominante sobre o qual ele procura estar interado no seu cotidiano diz respeito ao futebol de uma maneira geral, os resultados, o dia-a-dia dos clubes, a classificação das equipes, entre outros assuntos.

No que se refere à relação com o fenômeno esportivo, Diogo costuma praticar com frequência semanal as modalidades da natação e também futsal. Já sobre a assistência do esporte *in loco* em arenas, estádios e ginásios, ele costuma ir, mas diz que vai raramente.

Do uso de redes sociais na internet, o estudante afirma utilizar apenas o *Facebook* dentre as diversas plataformas existentes pelo simples fato de ser um meio de comunicação que está na "moda", em suas palavras, "o que tá na mídia todo mundo utiliza". Em uma escala prioritária, ele tem como finalidade de acesso, primeiramente, o contato com amigos e familiares e depois o acesso a informações diversas. Na sua página pessoal da rede ele se relaciona, basicamente, com amigos e colegas de trabalho/faculdade que moram na mesma cidade dele e com quem costuma encontrar-se no dia-a-dia. Nas conversas que tem com essas pessoas ele fala predominantemente sobre a vida pessoal e variedades do cotidiano.

Diogo costuma postar em sua *timeline* do Facebook frases de cantores famosos que admira e músicas ou clipes que gosta. Além disso, ele lê, curte, comenta e compartilha postagens de fotos e mensagens virais que os seus amigos postam no *feed de notícias*.

No momento da pesquisa Diogo tinha noventa e um amigos vinculados ao seu perfil na rede social. Possuía nove *fan pages* curtidas relacionadas à música, de bandas nacionais e internacionais, duas de programas de TV e duas de times esportivos. Nas opções de páginas diversas apareciam vinte e quatro *fan pages* seguidas por ele, entre as quais havia marcas esportivas (*Nike, UFC, Bilabong, Maresia*), marcas de bebidas e veículos de comunicação (*Rádio CBN Diário, Regional FM*).

• Kauê

Kauê tem vinte anos de idade e estava cursando a 4ª fase da licenciatura em Educação Física na UFSC. No momento da pesquisa ele era bolsista do Programa de Educação Tutorial, o PET Educação Física Escolar, e era membro da gestão do Centro Acadêmico de Educação Física.

Das informações sobre tecnologias e acesso a internet, Kauê possui um computador para uso pessoal, que em casa ele utiliza-o no seu quarto. A conexão utilizada na residência dele é do tipo banda larga. Apesar disso, na escala prioritária dos locais de acesso em maior e menor uso diário da internet, ele coloca a faculdade em primeiro lugar e depois a conexão em casa.

Do que diz respeito aos usos da televisão, Kauê afirma nunca assistir a programação da televisão aberta brasileira. Porém, ele assiste a

televisão por assinatura diariamente e os canais esportivos de sua preferência são a *ESPN*, o *SPORTV* e o *OFF*, neles o estudante costuma acompanhar, com uma frequência mensal, transmissões de futebol e de esportes radicais.

Dos hábitos de consumo midiático, Kauê costuma ouvir rádio no carro, lê jornais pelo computador como o *Brasil de Fato* e *Carta Capital*, não lê revistas impressas, mas, no que concerne às informações disponíveis na rede mundial de computadores, ele acessa os portais de notícias do *Brasil de Fato* e o *Globoesporte.com*, além do blog da *Elaine Tavares*²⁷.

Quando está em busca por informação através do jornalismo esportivo, Kauê tem como mídias prioritárias para consegui-la, a internet, a televisão e o jornal. Nelas, ele procura estar inteirado acerca de conteúdos do mundo do esporte relacionados aos resultados dos campeonatos que acompanha e dados sociais e econômicos que permeiam o contexto do universo esportivo.

Na relação de prática com o fenômeno esportivo, Kauê o faz semanalmente em diversas modalidades, entre elas a natação, o ciclismo, a corrida, o futebol e a capoeira. Já na assistência de jogos presencialmente em arenas, estádios e ginásios ele afirma não comparecer, pois acredita que o valor dos ingressos estaria acima de um preço honesto a ser cobrado pela entrada no evento.

Das redes sociais na internet, Kauê utiliza duas plataformas de comunicação, o *Facebook* e o *Youtube*. Por serem as redes com o maior número de usuários e pessoas conectadas neste momento, ele acessa a essas com a finalidade de conseguir, em primeiro lugar, entretenimento e lazer, depois fazer contato com amigos e familiares, buscar informações gerais, fazer contatos de trabalho e da faculdade e, por fim, obter novos contatos e fazer novas amizades.

Na sua página pessoal das redes sociais, Kauê se relaciona com amigos, familiares, colegas do trabalho/faculdade e acompanha alguns políticos. São pessoas que estão espalhadas não só na própria cidade em que ele mora, mas em outros estados, outras regiões do Brasil, até em outros países e, segundo afirmação dele, costuma encontrar com esses

²⁷ Elaine Tavares é jornalista e servidora da UFSC vinculada ao Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) como pesquisadora. Ela costuma postar em seu blog conteúdos e informações relacionados ao contexto social, cultural e da comunicação na cidade de Florianópolis. O blog está disponível em <http://eteia.blogspot.com.br/> acessado em 12 de dezembro de 2013.

sujeitos também fora das redes sociais online. Os temas que predominam nos diálogos que ele estabelece via redes são sobre assuntos pessoais, acadêmicos e políticos. Esse último é o tipo de postagem que, normalmente, o estudante costuma fazer em seu perfil e, também, o que costuma ler, curtir, comentar e compartilhar para a sua rede de amigos, que além de discussões políticas reencaminha clipes de músicas para eles.

No momento do recolhimento dos dados no perfil dos sujeitos no Facebook, Kauê possuía dois mil, duzentos e oito amigos. Eram sete *fan pages* curtidas que tinham relação com músicas, entre elas bandas nacionais e internacionais de variados estilos musicais, uma de filme, três de programas de TV, três de atletas e dois de times esportivos. Além dessas, havia mais sessenta e três opções de páginas diversas curtidas, dentro das quais estavam *fan pages* de batalhas políticas e movimentos sociais de dentro e de fora da universidade, páginas de políticos e de partidos políticos, entre outras.

Por fim, Kauê fazia parte de vinte e cinco grupos abertos na rede social. Entre eles havia alguns relacionados ao movimento estudantil da Educação Física (*ExNEEF Regional 6*, o *EREEF 2013*, *Movimento Estudantil de Florianópolis*), a grupos de estudo (*Grupo de Estudos CAEF Com Ciência*, *Grupo de Estudos Independentes e Estudantes da Educação Física*), ao grupo do *Movimento Passe Livre - Florianópolis*, entre outros com temáticas variadas. Além disso, aparecia como atividades recentes do seu perfil, a presença confirmada no *I Ato por um transporte público de qualidade*, evento criado no Facebook para a data de 20 de junho.

• Ronaldo

Ronaldo, com vinte e quatro anos de idade, cursava a 2ª fase do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC. Assim como Diogo, ele está na primeira metade do processo de formação inicial de professores e é integrante do Grupo de Estudos em Futebol (GEFUT) do Centro de Desportos da universidade.

Das tecnologias de comunicação e informação, na casa de Ronaldo existem dois computadores compartilhados entre os membros da sua família, sendo que um fica na sala de estar e o outro em um dos quartos. Na residência dele o acesso a internet é do tipo banda larga e ele também faz conexão via celular, no modo 3G. Em uma escala

prioritária de maior e menor uso, os locais de acesso a internet utilizados por ele são: 1) faculdade; 2) casa; 3) lan houses; 4) centros comunitários.

Sobre o consumo midiático via televisão, Ronaldo afirma assistir os canais de tv aberta diariamente e os programas esportivos preferidos dele são o *Globo Esporte*, o *Jogo Aberto* da Rede Bandeirantes e o *Esporte Espetacular*, programa das manhãs de domingo da Rede Globo. Já sobre a assistência à tv por assinatura ele a faz apenas algumas vezes por semana e os canais de esporte que mais lhe chama atenção são o *SPORTV*, o *FOX SPORTS* e o *ESPN*. Das transmissões de jogos na televisão, ele assiste diariamente campeonatos de futebol, futsal e vôlei.

Dos usos dos demais veículos tradicionais de mídia, Ronaldo não possui o hábito de ouvir rádio, mas lê jornal em diferentes suportes (impresso, computador e celular), tendo como preferência o *Hora Santa Catarina*, e, assim como todos os outros colegas de curso, não lê revistas. Das mídias digitais, ele acessa portais de informação tanto pelo computador como pelo celular, sendo o único portal citado como preferido no que concerne ao conteúdo esportivo foi o *UOL* e ele também não acessa blogs.

Quando se trata da busca por informação relacionada ao esporte de maneira geral, em escala prioritária de maior e menor uso, Ronaldo prefere buscar mais nos portais da internet, seguidos da televisão e por fim no Facebook. Ele se interessa e procura estar sempre informado sobre o clube de futebol que torce (Corinthians), as transações e negociações de jogadores no mercado do futebol, os campeonatos e os resultados dos jogos, tanto em nível nacional como internacional.

Na relação com o fenômeno esportivo em suas diferentes dimensões possíveis, Ronaldo pratica esporte com frequência semanal jogando as modalidades futebol e futsal. Ele também costuma frequentar, mas não com tanta assiduidade, arenas, estádios e ginásios esportivos para assistir presencialmente jogos e campeonatos.

No que trata das redes sociais da internet, Ronaldo utiliza três plataformas diferentes por serem as mais populares e as que os amigos dele utilizam, o *Facebook*, o *Youtube* e o *Google+*. Ele as acessa com a finalidade, em ordem de prioridade, de contatar amigos e familiares, buscar e acessar informações gerais, fazer contatos de trabalho e da faculdade, obter novos contatos e novas amizades, por fim, para seu entretenimento e lazer.

Nessas redes que ele possui conta ativa, se relaciona com amigos, familiares e colegas de trabalho ou faculdade que moram na mesma cidade, no mesmo estado e também em outros estados do país. Nos diálogos que estabelece com esses sujeitos pelas plataformas digitais, normalmente são conversas nas quais predominam assuntos sobre fatos da vida pessoal e cotidiana. Ronaldo afirma que, com certa frequência, se encontra pessoalmente no seu dia-a-dia com essas pessoas com quem estabelece relação via redes sociais da internet.

Dos conteúdos que ele costuma postar nas suas páginas pessoais das redes sociais, Ronaldo diz que depende da situação, pois não posta assuntos particulares, só quando é algo que considera relevante e interessante para si e para seus contatos. Da mesma maneira sobre as postagens que tem o costume de ler, curtir e comentar, ele faz apenas quando acha interessante, legal, engraçado ou se é algo que seja produtivo de alguma forma para a vida dele. Mas, compartilhamentos ele não faz com tanta frequência, apenas reencaminha "posts" que talvez sejam úteis ou interessantes para os amigos com quem possui contato na rede.

O perfil de Ronaldo no Facebook contabilizava seiscentos e três amigos no dia 19 de junho, quando foram recolhidas as informações da plataforma. Havia quatro *fan pages* curtidas relacionadas à música, envolvendo estilos e gêneros musicais diferentes (samba e rap), uma página de filmes e duas de programas de tv, entre elas uma era de conteúdo esportivo (*Esporte Interativo*), uma página de atividades (futebol), quatro *fan pages* de atletas, entre eles *David Beckham*, *Ronaldo Nazário* e *Leandro Castán* (ex-zagueiro do Corinthians), e mais duas de times esportivos, ambas relacionadas ao clube *Sport Club Corinthians*. Das opções variadas de curtir apareciam mais cinquenta e duas páginas vinculadas ao perfil de Ronaldo, entre os tipos identificados tinham marcas esportivas ou associadas ao esporte, clubes e jogadores internacionais de futebol (*Nike*, *Centauro*, *Brahma Seleção Brasileira*, *Football News*, *Planeta Bola Eventos Esportivos*, *Barcelona FC*, *Wesley Sneijder*), meios de comunicação (*Portal Terra*, *Rádio Band FM Floripa*), uma página ligada às manifestações sociais (*Brasil, é hora de acordar!*), a página da Universidade Federal de Santa Catarina, entre outros.

Na página pessoal de Ronaldo também aparecia que ele participava de 6 grupos abertos na rede social, entre eles o grupo do

Centro Acadêmico de Educação Física da UFSC (*CAEF COMciência*) e outros grupos de clubes amadores de futebol da cidade de Florianópolis.

2.2. Panorama da interatividade digital dos sujeitos na rede

Neste momento do texto procuramos apresentar os dados colhidos no cenário da pesquisa que foi desenvolvido online, na plataforma do Facebook. Trazemos um panorama da interatividade desenvolvida pelos sujeitos da pesquisa em suas páginas pessoais da rede social durante o período de observação programado no percurso metodológico da investigação.

Primeiramente apresentamos algumas informações quantitativas, como forma de ilustração, dos tipos de intervenção realizadas por eles em suas *timelines*. As postagens, os compartilhamentos, os comentários e, inclusive, os "posts" deixados nas respectivas linhas do tempo e que não foram comentados por eles.

Além desses dados, procuramos fazer uma descrição das interações que aconteceram nos perfis dos sujeitos da pesquisa, trazendo exemplos de conteúdos que circularam na rede. Relacionado a isso, tomamos o cuidado de demarcar e contextualizar a data dos "posts" que traremos para exemplificar os achados da pesquisa de acordo com os fatos que ocorreram em concomitante na Copa das Confederações e nas manifestações de rua em todo o país e na cidade de Florianópolis.

Entendemos que a apresentação destes dados pode ser uma oportunidade de visualizar, dentro do recorte espaço-temporal a que se propôs este trabalho, as possíveis mediações da socialidade e da ritualidade (MARTÍN-BARBERO, 2009) exercidas nas interações e comunicações estabelecidas pelos sujeitos da pesquisa nas respectivas páginas pessoais do Facebook. Mais do que isso, pensamos que este exercício descritivo pode trazer indícios que nos ajudem na compreensão dos novos rituais de consumo ou leitura da cultura esportiva no âmbito da cultura de convergência (JENKINS, 2009).

Durante os cinquenta dias de acompanhamento e observação da página pessoal dos cinco sujeitos participantes da pesquisa na plataforma do Facebook foram recolhidos, no total, cento e dezessete registros de interações na rede. Nesses dados, consideramos interações todas as postagens, compartilhamentos e comentários, mesmo em "posts" de outras pessoas, que apareceram na *timeline* deles e que estavam relacionados à temática da pesquisa. Foram vinte e duas

postagens próprias, sessenta e um compartilhamentos e vinte e seis comentários, além de oito postagens que foram feitas na página pessoal deles e não receberam nenhum comentário. É possível visualizar esses dados no Gráfico 1 abaixo.



Gráfico 1: Total das interações realizadas pelos sujeitos da pesquisa no Facebook durante os cinquenta dias de observação.

Como é possível perceber, os compartilhamentos aparecem como a forma de interação mais utilizada pelos sujeitos, seguidos dos comentários nos próprios "posts" ou de outras pessoas que também estavam expostos nas suas páginas pessoais, depois as postagens próprias, por fim as postagens realizadas por outrem mas que não receberam atenção explícita na rede com uma sinalização de "curtir" ou algum comentário deles.

A priori, ainda sem levar em conta o conteúdo que preencheu essas diferentes formas de interação na rede, o que podemos identificar com esses dados é que, sob o olhar do paradigma da cultura de convergência (JENKINS, 2009), os sujeitos estiveram mais dispostos a pôr em circulação um número maior de informação através dos compartilhamentos, do que desenvolver interpretações coletivas trocando comentários e estabelecendo diálogos com seus pares, ou até mesmo produzir o próprio discurso fazendo postagens autorais em seus perfis.

Poderíamos sintetizar que a participação dos sujeitos na rede social se caracterizou muito mais como difusores de informações, do que propriamente de produtores ou emissores originários de conteúdos. Apesar desse ser o "DNA das redes sociais" (MALINI; ANTOUN, 2013), essa é uma tendência da nova economia política da informação,

na qual "o valor vai emergir nesta nova economia da capacidade de conectar perfis a informações, a ações e a outros perfis, liberando-as para compartilhar todo o tipo de conteúdo na rede" (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 215).

Esses autores acreditam que essa distribuição comunicativa descentralizada e com fluxos variados arma uma sociedade mais cidadã, que pode conhecer mais os meandros da organização burguesa e excludente da economia política globalizada através do leque de informações que circulam com mais liberdade e autonomia no ciberespaço. Sob esta ótica, parece possível desvelar as obscuridades da realidade espaço-temporal e do sistema social onde vivemos e estamos inseridos através da virtualidade do espaço cibernético (MALINI; ANTOUN, 2013).

Nesse sentido, no caso dos dados das interações realizadas pelos sujeitos durante o período da pesquisa, nos pareceu válido desviarmos o olhar para uma visão panorâmica da atividade interativa deles na rede social, com o intuito de estabelecer relações com o contexto momentâneo dos fatos ocorridos naquele intervalo de tempo da investigação e, a partir disso, trazer à tona possíveis compreensões prévias acerca da realidade social e esportiva que vivia o país naquele instante. É possível visualizar a proporção das "ações online" dos sujeitos de acordo com o dia-a-dia da pesquisa no Gráfico 2, que segue abaixo.

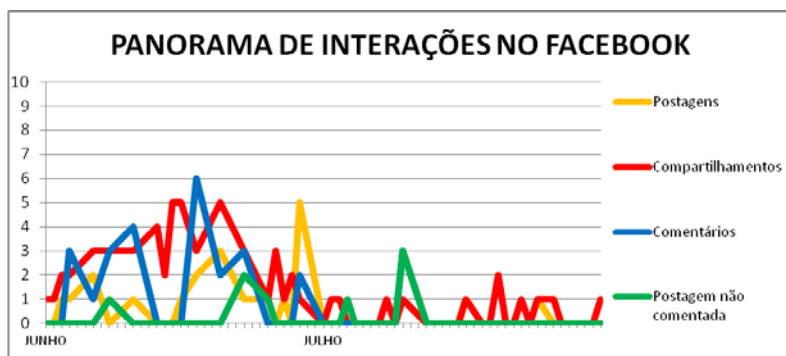


Gráfico 2: Panorama das interações dos sujeitos no Facebook dia a dia durante o período de investigação.

As linhas que representam a quantidade de interações realizadas dia a dia pelos sujeitos no Facebook indicam como a maior parte delas

se concentraram no período dos últimos quinze dias do mês de junho. Pode-se perceber que no final da primeira quinzena de junho, no início da pesquisa, ainda nos dias 12, 13 e 14 do mês, as comunicações sobre a temática em questão já aconteciam, mas foi durante a realização da Copa das Confederações no Brasil e com o estopim das manifestações sociais nas ruas do país, de 15 a 30 de junho, que elas apareceram com mais intensidade e registraram os maiores picos de incidência no perfil dos sujeitos na rede social. Além disso, a queda abrupta de registros de interatividade logo no início de julho mantendo-se em proporções baixas durante todo o restante do mês, após o fim da competição de futebol e com a dissolução das mobilizações sociais, são associações que agregam indícios de que o fluxo de informações nas redes sociais da internet pode ser considerado restrito aos fatos da realidade contextual. Ele seguiu uma relativa tendência direta e objetiva de continuidade e concomitância entre o que aconteceu no espaço real e o que apareceu no ciberespaço.

Sobre essa relação dos fluxos e dos fatos cabe ainda mais uma questão, que nesse caso só seria possível supor uma resposta: a maior participação dos sujeitos na rede foi por causa da Copa das Confederações ou pelas manifestações sociais? Aqui, não descartamos a possibilidade indutiva da participação ativa deles por estarem cientes da colaboração que estavam dando à pesquisa ao permitirem o acompanhamento de suas páginas pessoais na rede social.

É válido lembrar que o Facebook, além de ser hoje um canal de troca de informações atualizadas sobre a vida cotidiana da sociedade, foi uma das principais vias de comunicação, difusão e mobilização social da população brasileira para ir às ruas em protesto no junho de 2013. Após o início da truculência policial contra os manifestos em várias cidades do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, o movimento começou a se nacionalizar através da disseminação de imagens e vídeos dos atos de reivindicação e da ação da polícia via redes sociais da internet.

Sob essa perspectiva, podemos começar a entender qual a relação da interatividade digital dos sujeitos da pesquisa com os fatos que ocorriam e a maneira como aconteciam nas grandes cidades e capitais do Brasil. Pois, mesmo sem termos, na realidade de Florianópolis, proximidade física e concreta dos espaços da cidade com a realização dos megaeventos, no caso, com a Copa das Confederações, a pauta das manifestações espalhou-se por todo o território nacional e ampliou-se

para diversos temas, não restringindo-se às cidades-sedes e à polêmica dos eventos esportivos no país. Com isso, as discussões sobre os manifestos que aconteciam nas ruas predominaram nas postagens, compartilhamentos e comentários que apareceram na página pessoal dos sujeitos, o que de certa forma minimizou e, talvez, tenha ocultado o foco que comumente é dado ao espetáculo esportivo.

Nesse sentido, para visualizarmos como os sujeitos se posicionaram na rede social da internet sobre a abordagem à temática da Copa das Confederações, das manifestações sociais e das possíveis relações dos dois primeiros com a Educação Física, trazemos alguns exemplos de ações e interações que eles fizeram durante o período de observação.

O primeiro exemplo, da Figura 2, mostra o compartilhamento realizado por Amanda, em 14 de junho, de uma foto com teor provocativo ao questionamento que se fazia naquele momento acerca da legitimidade das reivindicações do MPL contra o aumento da tarifa do transporte público no país.

Amanda compartilhou a foto de Isso é Brasil.

14 de junho próximo a Florianópolis

Assista: <http://bit.ly/11Ax4fs>



Figura 2: Compartilhamento realizado por Amanda em 14/06/2013.

A figura 2 mostra a comparação que a imagem compartilhada faz dos gastos calculados para a realização dos megaeventos no Brasil,

Copa e Olimpíadas, com os protestos pelos direitos dos cidadãos por melhores salários e melhorias nos serviços públicos do país.

O segundo exemplo que trazemos é de outro compartilhamento, agora realizado por Daniela em 18 de junho. Mas, como pode ser visto na Figura 3 abaixo, é um tipo de conteúdo diferente do primeiro exemplo que apresentamos. Este é o link de um vídeo que mostra a agressão da polícia a uma repórter descrito por ela, em palavras com todas as letras maiúsculas (o que nas redes sociais tradicionalmente indicam uma fala em tom mais alto, como um grito), em uma forma de entoar que "O POVO ACORDOU!". Podemos identificar como a interação desenvolvida pela estudante segue a linha da *hashtag* que se popularizou nas mobilizações via redes sociais a partir dessa data, *#OGiganteAcordou*, como uma menção ao tamanho e à força que a população brasileira poderia ter ao ir às ruas protestar.

Vale destacar, que esse período de meados de junho de 2013 é marcado por dois fatos, em dias diferentes, que pensamos ser demarcadores de uma virada social da proporção das manifestações que aconteciam e de uma virada midiática da cobertura jornalística que até então vinha sendo feita dos atos de protestos pelas ruas do Brasil.

O primeiro acontece no dia 13 de junho, quando, depois de alguns dias do início da repressão policial aos movimentos pelas cidades do país, alguns jornalistas e cinegrafistas de grandes grupos midiáticos também foram agredidos e atingidos pela atitude truculenta dos policiais. O vídeo compartilhado por Daniela (Figura 3) mostra o relato de uma jornalista do *Grupo Folha* sobre o tiro de bala de borracha que levou no olho durante a cobertura dos protestos em São Paulo. Esse fato, ao menos por instante, coloca não todos, mas alguns grupos empresariais da grande mídia nacional, ao lado dos protestos, fazendo uma cobertura favorável aos atos e contrária à repressão da polícia, o que acaba massificando as manifestações e popularizando-as via discurso midiático de rádios, jornais e televisão.

O segundo fato, que aconteceu no dia 15 de junho, é o início da Copa das Confederações. A cobertura do telespetáculo esportivo virou, como de costume, os holofotes para o país centralizando-o na agenda midiática e social da sociedade brasileira e mundial. Assim, como já na cerimônia de abertura do evento foi possível ouvir na transmissão ao vivo as vaias do público presente para a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e para o mandatário da FIFA, Joseph Blatter, tornou-se quase impossível para a mídia não tecer comentários ou fazer a cobertura dos

atos de protesto que aconteceram em praticamente todas as seis cidades/estádios onde foram realizados jogos da Copa das Confederações.



Figura 3: Compartilhamento realizado por Daniela em 18/06/2013.

O terceiro exemplo, na Figura 4 abaixo, é uma postagem realizada por Kauê no dia 19 de junho, trazendo imagens das manifestações que aconteceram nas ruas de Florianópolis no dia anterior com o texto, destacando a efetivação dos objetivos do protesto de parar a cidade em prol das reivindicações pelo "passe livre" no transporte público.



Figura 4: Postagem realizada por Kauê em 19/06/2013.

Esses são alguns exemplos das interações e ações desenvolvidas pelos sujeitos durante os dias de investigação e que mostram um pouco do posicionamento e da movimentação realizada por eles nas redes sociais diante dos fatos que ocorreram no país no mês de junho. A partir desses registros podemos ter uma visão superficial das maneiras como eles consumiram, produziram e fizeram circular os conteúdos e discursos midiáticos-esportivos relacionados a Copa das Confederações e, para além destes, os que tinham relação com as manifestações sociais.

Na sequência do trabalho, nos capítulos a seguir, procuramos fazer incursões mais profundas nos achados da pesquisa, trazendo mais exemplos como esses apresentados aqui. Buscamos, sobretudo, imergir nos dados colhidos das entrevistas com os interlocutores deste estudo, relacionando-os com aqueles do cenário online da investigação.

A partir dos registros encontrados nos procedimentos metodológicos desenvolvidos neste trabalho e dos dados, brevemente apresentados no capítulo anterior, recolhidos nos dois cenários dos

trajetos de investigação desse estudo, tanto o online como o offline, organizamos os achados da pesquisa conforme orientações do método de análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e da análise de conteúdo temática (MINAYO, 2006), como já referido.

Duas categorias temáticas foram estabelecidas como temas articuladores da análise das interações dos participantes da pesquisa com os conteúdos dos discursos midiáticos-esportivos: i) *Megaeventos Esportivos*; ii) *Manifestações Sociais*.

Na primeira categoria temática (*Megaeventos Esportivos*), que constitui o capítulo 3 do trabalho, trazemos à tona a forma com que os sujeitos se relacionaram e os significados que eles atribuíram ao discurso midiático-esportivo acerca dos megaeventos esportivos, que no recorte da pesquisa estavam representados pela Copa das Confederações. Procuramos interpretar a compreensão que eles têm sobre a realização desses eventos no país; as possíveis distinções que fazem entre Copa de futebol e Jogos Olímpicos; as expectativas que por acaso têm/tinham com os legados dos megaeventos; visualizar as maneiras que lidam com o espetáculo esportivo de modo geral; entender o pensamento deles acerca da intervenção sobre o tema na Educação Física escolar; e visualizar como a Universidade exerce o seu papel de formação humana e crítica na relação social dos sujeitos com o tema.

A segunda categoria (*Manifestações Sociais*), capítulo 4 do texto, se refere aos modos de interatividade e de participação que os sujeitos apresentaram no que diz respeito às Jornadas de Junho no país. Esforçamo-nos em perceber como eles se posicionaram nas discussões sobre cidadania e espetáculo da mídia; nos conflitos políticos entre as redes sociais, consideradas de "esquerda" e a mídia tradicional, identificada como de "direita"; além das percepções que eles tiveram em torno dos múltiplos papéis e funções que as redes podem assumir na mobilização das multidões; os possíveis problemas que elas podem acarretar para esse processo; e as possíveis formas de associação entre o exercício da cidadania e a prática pedagógica como uma causa para a Educação Física escolar.

CAPÍTULO 3. MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: ENTRE O SIM, O NÃO - OU O SIM E O NÃO!

Em suma, em meio aos diversos tipos de argumentos e posições contra e a favor, percebe-se que paira ainda no ar, aqueles que são a favor, defendendo a importância para a economia, a cultura e o lazer; de outro lado, há os argumentos contrários, normalmente alegando ser um evento que poderá repetir corrupção e pouca relevância social, tendo como base a desconfiança das promessas não cumpridas dos “legados do PAN”. Por fim, há aqueles que têm a ilusão das Olimpíadas como uma oportunidade de denúncia da realidade e dar visibilidade ao estado deplorável de exploração, empobrecimento, desemprego e subemprego em que vive a maioria dos trabalhadores assalariados no Brasil (SILVA; PIRES, 2009, p. 13-14).

É no meio desse dilema, entre o sim, o não, ou o sim e o não acerca da realização dos megaeventos esportivos no Brasil, que se posiciona o movimento de aceitação e de repulsa da população brasileira e do âmbito acadêmico-científico, de maneira geral, e da Educação Física, como área do conhecimento e campo de intervenção, em específico.

Desde o ano de 2006, com a eminência da realização dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007, que podemos encontrar, na literatura científica nacional da Educação Física, publicações que se dedicam a analisar, discutir e refletir sobre a agenda dos megaeventos no Brasil. São livros, coletâneas e artigos originais (MOTRIVIVÊNCIA, 2006; 2009; DaCOSTA *et al.*, 2008; PIRES, 2009; entre outras) de pesquisas desenvolvidas na área que se propuseram a investigar a efetivação desses eventos no país e os possíveis legados que eles podem/poderiam deixar de herança. Além destes, uma série de eventos (congressos, simpósios, fóruns, seminários, encontros) científicos vem acontecendo

ao longo desses anos tendo como temática central a discussão sobre os megaeventos esportivos no país²⁸.

Porém, desde então, as contradições e os conflitos de posições na área, favoráveis e contrárias em torno da realização dos megaeventos, vem deixando algumas lacunas e dúvidas para aqueles que compõem a comunidade acadêmico-científica da Educação Física. Mesmo entendendo que na maioria dos casos a preocupação não é exatamente esta, já que a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos no Brasil é um fato consumado, mas são inúmeros os fatores apontados nesses debates teóricos da academia que acabam por não deixar claro a postura a ser tomada acerca do acontecimento dessa "década esportiva" no país.

3.1. "Não precisamos dos megaeventos, mas os queremos pela NOSSA seleção"

Quando convidados a fazerem uma análise da realização dos megaeventos no Brasil, os sujeitos da pesquisa apresentaram posições diversificadas e parecem seguir o mesmo rumo dos dilemas interpretativos apresentados pelo campo da Educação Física.

***Kaue:** [...] eu não sou contra a Copa do Mundo e as Olimpíadas, mas a forma como ela é estruturada e como ela se estruturou no Brasil.*

***Diogo:** Eu sou contra aqui no Brasil, porque eu acho que o Brasil não tem condições de receber um evento nesse tamanho tão grande que é, porque os caras tão gastando dinheiro que poderia ser construído escolas, hospitais de grande porte, estrutura boa e os caras tão gastando além do que pode até então. Sei lá, o Brasil não tem condições e a Copa do Mundo parece que dura só um mês e tá tudo bem, o país ganha fama com isso, mas depois vem o prejuízo, o país pode entrar em crise de repente, ninguém sabe.*

²⁸ Entre os eventos citados, temos como exemplo o *Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* realizado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e que em 2013 chegou a sua XVIII edição com o tema *"Identidade da Educação Física e Ciências do Esporte em tempos de megaeventos"*.

***Ronaldo:** Eu acho que o Brasil pode e tem que realizar, a gente tem essa fama de ser o país do futebol, mesmo muita gente não gostando de futebol, mas é a fama que percorre o mundo. Mas por intermediação da FIFA, que é a entidade que organiza a Copa do Mundo, todos os países que organizam são submetidos às exigências e como o Brasil é um país que vive na corrupção eu acho que por isso saiu um pouco da linha.*

A partir dessas primeiras afirmações podemos identificar como parece difícil para os sujeitos apresentarem uma perspectiva definitiva sobre a problemática da realização dos megaeventos no Brasil. Apesar disso, é possível perceber também que eles não se inserem nas extremidades polarizadas da questão, assumem uma posição intermediária como em busca de um equilíbrio. Não se colocam nem entre os entusiastas encantados com a grandeza do espetáculo, nem como pessimistas negativistas que radicalmente criticam o fato.

Os argumentos apresentados dão indícios de que eles estão atentos aos meandros estruturais da associação público-privada que constituiu os "blocos de poder" dos megaeventos (MASCARENHAS, 2012). Esses são blocos constituídos pelo Estado, as Organizações Esportivas (FIFA e COI) e o Mercado (os patrocinadores oficiais das instituições e dos eventos), e se organizam através de concessões político-econômicas do primeiro para os dois últimos e, assim, atendem a interesses particulares restritos à essas três instituições sociais. No caso dos Jogos Olímpicos de 2016, Mascarenhas (2012, p. 43) afirma que

sua realização resulta de uma opção e decisão do governo brasileiro, acomodando interesses, mobilizando variados agentes, produzindo agenda e políticas públicas. Portanto, antecipo que, em minha avaliação, coube ao Estado o papel protagônico de organização do bloco de alianças e consenso necessário em torno do projeto Rio 2016, o que se articula ao modelo e orientação político-econômica do governo Lula.

Além disso, os estudantes indicaram, em certa medida, que compreendem a falta de planejamento socioeconômico do país ao se candidatar a sede de qualquer que seja o megaevento esportivo. Ao falar em uma possível "crise" pós-megaeventos, eles seguem a compreensão de Dantas Junior (2013, p. 40) sobre o projeto de desenvolvimento do país, de que:

não há nenhum projeto a longo prazo em curso, haja vista que a única preocupação são os prazos de conclusão das obras. De igual modo, as justificativas ignoram os casos problemáticos, a exemplo de Montreal, que ainda administra uma dívida impagável desde os Jogos de 1976, e de Atenas, que se lançou à aventura olímpica de 2004 prestes a sucumbir à primeira grande crise do capitalismo no século 21.

Porém, a afirmação de **Ronaldo**, um dos interlocutores da pesquisa, de que *"tem todo um jogo atrás disso aí que não dá pra entender, esses absurdos que faz com que a gente ache que o Brasil não devia fazer a Copa. O Brasil podia fazer a Copa, mas não dessa maneira que está sendo construída"*, nos traz elementos para interpretar que, apesar de fazerem uma leitura ampliada e contextualizada de todo o contexto que cerca e permeia a realização dos megaeventos no Brasil, os sujeitos da pesquisa parecem não compreender com profundidade as relações econômicas e comerciais que estão por trás do fenômeno esportivo como um todo.

Dessa maneira, o olhar crítico dos sujeitos sobre os megaeventos fica no plano da superfície e não alcança com profundidade os processos de apropriação do fenômeno, de mercadorização e espetacularização (PIRES, 1998), por exemplo. Além disso, muitas vezes, parecem não conseguir identificar como os megaeventos, através da evolução do marketing esportivo, tornaram-se eventos empresariais, empreendimentos efêmeros, porém com lucratividade e inseridos na economia política global (MASCARENHAS, 2012). Muito menos, que nesse contexto, "os megaeventos são transformados em commodities, tipos especiais de mercadorias culturais que possuem cotação e negociabilidade globais" (MASCARENHAS, 2012, p. 48).

Do mesmo modo, os sujeitos apresentaram posições e compartilharam conteúdos nas páginas pessoais do Facebook referentes ao tema, mas, no caso em específico do dado momento, apareceram postagens vinculadas à Copa das Confederações. Eles produziram e fizeram circular "posts" demarcadamente contrários aos megaeventos no Brasil, apesar disso, em alguns momentos, também deixaram transparecer a relação identitária que possuem com a seleção brasileira e com o "fanatismo" pelos clubes de futebol. É possível visualizar os dois exemplos nas figuras 5 e 6 que seguem no corpo do texto.



Figura 5: Compartilhamento de Daniela no dia 25/06/2013.



Figura 6: Postagem e Compartilhamento de Ronaldo em 15/06/2013.

Bitencourt (2009, p. 177) defende o argumento de que "só há identidade na relação. É preciso um outro para que possa estabelecer a identidade. Só há identidade na alteridade". De tal maneira, as postagens de **Ronaldo** na data de início da Copa das Confederações, antes e depois do jogo de abertura da seleção brasileira de futebol, sugerem um exemplo de como se pode identificar alguém a algo ou a algum grupo social. Nesse caso as relações identitárias do sujeito com o futebol estabelecem-se entre o escrete canarinho e o *Sport Club Corinthians* (clube de futebol da cidade de São Paulo).

O primeiro, quando ele identificou-se como pertencente à "comunidade imaginada" (ANDERSON, 1991 *apud* BITENCOURT, 2009) dos brasileiros representados pelo selecionado que não pode "passar vergonha" jogando no território nacional depois de ter gastado tanto dinheiro na realização do evento. E o segundo, quando se refere ao clube do coração como "*meu timão*", que é uma forma popular e carinhosa dos torcedores chamarem o Corinthians, associando-o e comparando-o à seleção de futebol. Além disso, o compartilhamento que ele faz do conteúdo advindo da página "*Orgulho de ser*

Corinthians" traz um link para uma imagem onde aparecem os jogadores da seleção exaltando a atuação do ex-jogador do clube (Paulinho) na primeira partida da Copa das Confederações.

Em meio a uma sutil crítica aos gastos excessivos para a construção dos estádios da Copa, o sentimento comunitário de pertencimento expressado por **Ronaldo** na postagem (Figura 6), pode ser entendido no que Bitencourt (2009, p. 181) conclui que "é na seleção brasileira de futebol que nosso pensamento sobre nós mesmos é levado ao extremo. É esse o espaço no qual nossa identidade vai ser debatida, inventada e construída. A seleção é a representação de nossas representações sobre nós mesmos". O autor ainda complementa afirmando que "nesse jogo, cujo rendimento produz o orgulho nacional e o sentimento de pertença e a derrota a amarga revanche pela expulsão dos nossos, os brasileiros pensam-se como povo, como 'raça' (mas pensam também sua economia, sua política) e traçam o seu destino pela bola" (BITENCOURT, 2009, p. 186).

É sob esse prisma identificador do nacionalismo brasileiro com o futebol, em paralelo com o fanatismo e a paixão pelos clubes, que um dos sujeitos se colocou diante do dilema de assumir uma postura frente à realização dos megaeventos, em específico da Copa no Brasil. Entre a lástima de estar ciente dos imbrólios existentes por trás dos "panos" e o sentimento de brasilidade é que as dúvidas, indecisões, anseios e imprecisões de um posicionamento definitivo parecem domar os sentidos dos sujeitos, quase que como em outros tempos de controle e repressão social como da Copa de 1970. Quando da época, a seleção canarinho fora utilizada como aparelho ideológico da ditadura militar que assolava e repreendia a massa brasileira, em uma forma estratégica de evocar no povo a sensação de pertencimento à Nação e à Pátria amada, a exemplo da histórica "corrente prá frente Brasil, salve a seleção" citada por Pires (1998) para retratar o processo de ideologização do esporte²⁹.

²⁹ Pires (1998), ao apresentar um panorama dos processos de apropriação do fenômeno esportivo, indica que o potencial político-ideológico do esporte evidencia-se em alguns momentos da sua história como o próprio processo de expansão do modelo esportivo inglês reforçando os valores do liberalismo e do modo de produção capitalista; a propaganda política do Nazismo nos Jogos de Berlim/1936 com o intuito de provar a supremacia da raça ariana; o confronto ideológico de décadas da Guerra Fria (capitalismo x socialismo) quando o esporte aparece como espaço e momento de possível supremacia de um regime

Diferente das Copas de futebol, os Jogos Olímpicos se caracterizam pela baixa expressão que possuem frente a população brasileira. Na pesquisa, quando questionados sobre a especificidade dos Jogos e a sua realização no Rio em 2016, alguns dos sujeitos apresentaram essa pouca identificação nacional com o esporte olímpico.

Ronaldo: Mesma coisa do Pan, porque o Pan é uma Olimpíada só que só para a América não é? Para mim tanto fez como tanto faz porque eu não acompanho nada, porque eu não gosto muito de atletismo e essas coisas.

De tal modo, essa afirmação abre brechas para reforçar os argumentos de Bitencourt (2009) de que os Jogos Olímpicos para o Brasil não possuem o mesmo significado que as Copas do Mundo de futebol se os equivalermos como megaeventos esportivos globais. A pouca importância que o Movimento Olímpico tem para esse sujeito da pesquisa parece seguir o caminho de que o olimpismo está menos associado à construção da nossa brasilidade e mais ao fato de, simplesmente, representar a vitória no confronto com o outro, o que tende a confirmar a concepção dos Jogos como acontecimentos midiáticos que constroem realidades distintas nas múltiplas localidades do mundo (BITENCOURT, 2009).

Essa localização de um fenômeno universal como as Olimpíadas no Brasil, remonta um dilema dialético outrora discutido sobre a figuração das Copas do Mundo de futebol e dos rituais olímpicos na identificação dos brasileiros (BITENCOURT, 2009; BITENCOURT et al., 2005). Agora, sob a égide dos Jogos que acontecerão no Rio em 2016, o momento esportivo do país e os discursos oficiais e midiáticos que se elaboram sobre ele, poderíamos relativizar que vem induzindo o processo para uma mitificação dos ritos e, logo em seguida, uma ritualização dos mitos de brasilidade³⁰.

sobre o outro, acontecendo inclusive incidentes étnicos e boicotes de participação como nos Jogos de Munique/1972, Moscou/80 e Los Angeles/84; entre outros exemplos.

³⁰ Bitencourt et al. (2005, p. 33-34) diriam que "os meios de comunicação de massa, ou são porta-vozes desta ilusão ritual, ou colaboram na reinterpretção e

Primeiro, desconstrói-se a tradição da monocultura esportiva do futebol no país, ou até do "quarteto mágico" explorado historicamente nas aulas de Educação Física nas escolas (Futsal, Vôlei, Handebol e Basquete). Para em seguida clamar-se uma nação multicultural no âmbito esportivo, tanto no que concerne à prática de modalidades diversas, quanto no consumo do fenômeno presencialmente nos estádios/arenas e via meios de comunicação de massa. Aparentemente, um modo de indução a nos sentir pertencentes e participantes do megaevento que está por acontecer e de convencer ao mercado esportivo global que somos uma nação culturalmente preparada para receber um fenômeno social da magnitude dos Jogos Olímpicos.

Poderíamos associar este momento esportivo brasileiro de movimento entre mitos e ritos da nação como um exemplo do modo de funcionamento das Olimpíadas Modernas descrito por Lima, Martins e Capraro (2009), no qual constitui-se um processo histórico de tradições inventadas. No caso do Brasil, vem-se inventando e se reinventando tradições olímpicas em um país sem esses costumes na sua cultura esportiva e assim como os autores indicaram acerca do contexto geral dos Jogos Olímpicos na contemporaneidade, os discursos oficiais da realização dos Jogos no Rio de Janeiro, mais do que contos de continuidade, podem também ser compreendidos como uma tradição inventada (LIMA; MARTINS; CAPRARO, 2009).

Desse modo, corroboramos com o que Souza e Marchi Júnior (2010, p. 254-255) sugerem:

a conjuntura e a escolha do Brasil como sede dos principais megaeventos esportivos do planeta já está contribuindo para reacender alguns elementos identitários que vêm sendo articulados de forma singular à cultura esportiva brasileira mediante a implantação de um mercado esportivo no decorrer de nossa história [...] não podemos negar que a conjuntura dos megaeventos, na qual adentramos nesses últimos anos e no mínimo pela década que está por vir, de alguma forma está mexendo com o auto-estima e o brio de uma boa parte da população brasileira.

na construção de novos mitos, já que não é mais possível viver sem o poder de penetração dos meios no tecido social".

São, nesse sentido, incursões discursivas que movimentam símbolos e representações da cultura esportiva local, com suas características específicas e historicamente construídas, em direção a uma economia política do esporte global. Entretanto, afirmações como a da estudante **Daniela** indicam, também, que mesmo sem a afeição e a paixão pelo Movimento Olímpico é possível estar atento às contradições que assolam o sistema esportivo brasileiro no que diz respeito aos investimentos em infraestrutura de treinamento e no próprio incentivo financeiro aos atletas de alto rendimento, principalmente àqueles que disputam modalidades com menor tradição de conquistas de medalhas ou visibilidade nas competições nacionais e internacionais.

Daniela: E as Olimpíadas, eu lembro até uma vez que eu vi numa entrevista do Globo Esporte, eu acho, que uma atleta de salto ornamental bem chateada porque não iam construir alguma coisa no local que ela treinava, então é ridículo assim, eles trazem o megaevento pro Brasil, umas Olimpíadas, e não investem nas próprias pessoas daqui... sei lá, é tudo uma confusão, é triste.

Mesmo citando como base de acesso à informação um meio de comunicação de massa tradicionalmente associado ao sistema esportivo no Brasil (Globo Esporte é um programa esportivo da Rede Globo de Televisão), a graduanda de Educação Física nos deixa indícios de como a mediação das *ritualidades*, representada pelas *gramáticas de ação* e as *múltiplas trajetórias de leitura* (MARTÍN-BARBERO, 2009), pode agenciar a compreensão e a interpretação dos sujeitos de maneira subversiva ao discurso midiático-esportivo e a associação comercial que o representa. Inclusive, ela mostra uma maneira de visualizar os paradoxos existentes nas relações institucionais da administração do esporte no país, assim como algumas questões apontadas por Almeida e Marchi Júnior (2011) ao analisarem o COB e o financiamento das confederações esportivas brasileiras³¹.

³¹ Nesta investigação, Almeida e Marchi Júnior (2011) corroboram com a ideia de outros autores de que a gestão esportiva adotada pelo COI e os Comitês nacionais, assim como o COB, é um modelo fechado, burocratizado, autoritário

É nessa perspectiva de incentivo com financiamento de recursos e com o desenvolvimento de políticas públicas para o esporte que se constroem os discursos sobre os (possíveis) legados esportivos que a realização dos megaeventos poderá proporcionar. Isto posto e antes vistos os problemas de superfaturamentos orçamentários pelos quais o Pan Rio/2007 passou, chegando a um aumento de oito vezes mais do que o projeto original de candidatura (PIRES, 2009), é que os dilemas mediante os megaeventos esportivos no Brasil solidificam-se e apresentam-se ainda mais controversos quando adentrados pela complexidade da discussão dos legados.

3.2. "Copa do Mundo para quem?": entre a decepção dos legados e a esperança cidadã

Assim, ainda entre o sim, o não, ou o sim e o não, entre a aceitação ou não dos megaeventos no território brasileiro, o discurso dos (possíveis) legados que a Copa e as Olimpíadas deixarão para o Brasil vão permanecendo na pauta da agenda social e midiática desde a escolha do país como sede da primeira e do Rio de Janeiro como cidade-sede da segunda. Porém, os anos estão passando, o tempo vai se esgotando e os projetos originais, promissores de incontáveis legados materiais e imateriais, começam a se esfacelar diante da falta de responsabilidade social das instituições públicas e privadas que assumiram o compromisso com a população.

De todo o modo, os discursos oficiais dos promotores dos megaeventos, com o suporte operacional da mídia, que em grande parte também é sócia do sistema como detentora dos direitos de transmissão sobre esses produtos, disseminam e perpetuam, aos quatro cantos, enunciações mantenedoras da esperança cidadã nos legados que poderão vir a reboque do espetáculo esportivo. Destarte, se fizermos o exercício de travestir esse bloco de poder (Estado, COI ou FIFA, Mercado e Mídia) de um conglomerado industrial, o qual produz um magnânimo produto (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos) a ser vendido paulatinamente em ciclos quadrienais a determinado segmento

e, incluíram eles, centralizador. Os autores complementam com o argumento de que o parâmetro meritocrático de destinação de recursos e investimentos para determinadas confederações em detrimento de outras, apenas distancia o desenvolvimento esportivo das diversas modalidades, desigualando resultados e perpetuando hegemonia de umas sobre outras.

populacional (os países ou cidades-sedes), talvez encontremos a mesma lógica de produção em série da Indústria Cultural, descrita por Horkheimer e Adorno (1985).

Na indústria da cultura, os autores apontam que há um esquema de criação incessante de demandas que se renovam e nunca serão cumpridas pelo produto oferecido através da construção do fetiche da mercadoria, que no caso são bens culturais exemplificados pela arte e a música, e findam por fidelizar os consumidores tomando-lhes inclusive o seu tempo de reflexão ou resistência (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). No caso da "indústria esportiva" de produção de megaeventos, parece-nos que o discurso dos legados funciona sob o mesmo esquematismo. Os ciclos quadrienais que se desenvolvem na prévia de cada edição desses eventos esportivos se sustentam através dessa criação de novas demandas sociais pelos legados que são prometidos por essa indústria, eles são fetichizados e o público-consumidor, ou melhor, a população das nações, que cedem o seu território (e até mesmo parte de sua soberania) para a realização, acabam fidelizadas pela "legitimidade" dada ao produto através desses discursos.

Tavares (2011) indica, com base em estudo realizado por Horne e Manzenreiter, que há três elementos que justificam a caracterização dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de futebol como megaeventos esportivos da sociedade contemporânea. Primeiro, o avanço das tecnologias de comunicação e informação massificando a cobertura esportiva desses eventos em escala mundial. Segundo, essa mundialização cultural do esporte resultante da globalização econômica acaba formando um bloco de poder, o sistema esportivo. Por fim, o terceiro elemento que surge como consequência dos dois primeiros, o argumento sociopolítico dos legados sociais e esportivos utilizados como discursos estadistas na geopolítica mundial dos megaeventos.

Diante do fato consumado de realização dos megaeventos no Brasil, Tavares (2011) argumenta também que cabe a comunidade acadêmica se posicionar entre três posições legítimas: 1) de análise crítica, que se preocupe em fazer interpretações ampliadas da complexidade que envolve o fenômeno; 2) como produtora de conhecimento, que dê subsídios na gestão desses eventos no país; 3) isentar-se de tudo isso e se ocupar de outras dimensões das Ciências do Esporte e da Educação Física.

No entanto, sob esse entendimento, questionamos os futuros professores sobre as expectativas que eles teriam perante o permanente e

incisivo discurso dos legados dos megaeventos no Brasil. O que encontramos foram posições subversivas à tendência discursiva hegemônica e entusiasta, uma indignação sustentada com argumentos sistematizados acerca do problema que permeia, segundo eles, "a sociedade brasileira e atinge a cidadania nacional".

Amanda: E a impressão que dá nesse tipo de evento, Copa do Mundo, enfim, sobretudo a Copa do Mundo, é que o Estado ele parece um tanto quanto submisso às próprias solicitações da FIFA, enfim, tanto no que diz respeito aos padrões FIFA. Não que o Estado assuma uma postura passiva, mas mais de submissão mesmo. E para a população não vai haver qualquer benefício, então eu acho que esse talvez seja o ponto principal, qual o argumento? Vai ter benefícios para a população? Não! A gente já teve a experiência do Pan de 2007 no Rio, então!

A afirmação de **Amanda** traz elementos importantes para pensar, diante dos desdobramentos que as obras de crescimento e desenvolvimento das cidades a cargo dos megaeventos vem tomando com uma série de projetos já abortados sem nem mesmo sair do papel, até que ponto a sociedade brasileira (e a Educação Física) consegue compreender criticamente o discurso dos legados. Porque parece que a desilusão e a insatisfação com os rumos que essa questão tem seguido no país é um uma posição definitiva na postura apresentada pela futura professora, mas a simples negação pessimista também pode ser um problema para uma análise ampliada e contextualizada da complexidade que o fato requer para que não se caia em determinismos ou julgamentos precipitados.

O que não parece ser o caso dos argumentos defendidos por **Amanda** para afirmar que a realização dos megaeventos não trarão benefícios para a população de maneira geral. Junto com o seu posicionamento ela aponta o exemplo da situação do Pan Americano do Rio/2007, mostrando que vem acompanhando e tem conhecimento dos fatos e das problemáticas que envolvem a promoção desses eventos esportivos no Brasil.

Em outras afirmações os sujeitos da pesquisa mostram estar cientes e indignados com a demolição de algumas das instalações esportivas construídas para o Pan do Rio de Janeiro e também com a sequência e nunca suficientes reformas em outros equipamentos, como o caso do estádio Maracanã, também no Rio.

***Amanda:** Na época do Pan eu cheguei a ir lá, eu tenho família no Rio e eu cheguei a ir em algumas competições, tive naquele complexo aquático Maria Lenk que está sendo destruído agora³², olha só que absurdo.*

***Ronaldo:** [...]Eu acho que, como o negócio do Pan, que eles reformaram o Maracanã para o Pan de 2007, agora reformaram para a Copa e depois para as Olimpíadas vai ter que ter outra reforma, entendeu?*

As falas dos sujeitos mostram um pouco dos "não-legados" do Pan Rio/2007 já que muito do que foi prometido para aquele momento não foi cumprido pelas autoridades, como a despoluição da Lagoa Rodrigo de Freitas, da Baía de Guanabara, entre outras promessas. Além daquilo que foi construído, não foi utilizado posteriormente por projetos sociais ou treinamento de atletas e nem tem serventia para os Jogos Olímpicos de 2016 por não atenderem aos padrões exigidos pelo COI, como o Parque Aquático Maria Lenk e o Velódromo Municipal do Rio, que serviu para as disputas de ciclismo e patinação na competição. O segundo equipamento custou cerca de 14 milhões de reais na época e

³² Quando cita o complexo aquático Maria Lenk talvez ela tenha se confundido com o Complexo do Maracanã, o qual, no momento em que a pesquisa foi realizada, estava previsto para ter dois dos seus equipamentos esportivos demolidos (o estádio Célio de Barros e o parque Júlio Delamare) para a construção de estacionamentos para a nova arena Maracanã. Porém, após as manifestações sociais e a reivindicação de um coletivo de atletas, o governo do estado do Rio e o consórcio que vai administrar o complexo decidiram abortar a demolição das estruturas que compõem o entorno do Maracanã. Na verdade, o Maria Lenk não será utilizado nos Jogos de 2016 para as competições de natação, apenas para as disputas dos saltos e do pólo aquático.

agora está sendo demolido para a construção de outro novo para os Jogos do Rio, por preço muito superior³³.

Sobre o Pan de 2007, Souza e Marchi Júnior (2010, p. 248) acreditam que:

Dito em outros termos, somos tendentes a crer que o grande "legado" dos Jogos Pan-americanos Rio-2007, por exemplo, tenha sido a contribuição para expansão de um mercado esportivo que certamente não está preocupado com a formação de praticantes esportivos, mas com a formação de disposições práticas para o consumo do esporte e dos produtos esportivos adjacentes.

Os autores chamam a atenção para o cuidado que se deve ter com a construção dessa cultura de "legado social" a que estamos submetidos no contexto esportivo do país. Para eles é preciso, antes de radicarmos a crença nesse discurso, superarmos ou, ao menos, amenizarmos os problemas de desigualdade que a sociedade brasileira carrega como característica do seu projeto de desenvolvimento na modernidade para não correremos o risco de nos tornarmos os novos "evangelizadores do esporte" (COAKLEY, 2010 *apud* SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010). Semelhante aos predecessores do evangelho, que acreditavam na prática esportiva como objeto de superação e libertação dos sujeitos das zonas de perigo e marginalização social, estaríamos agora remontando a doutrina com a crença de que o legado esportivo pode ser um meio de transformação social. Seria, nesse caso, uma reedição do "discurso salvacionista do esporte, o qual, diga-se de passagem, é teoricamente interessante para os grupos dominantes e, em contrapartida, com efeitos práticos quase que nulos e inatingíveis para os grupos dominados" (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010, p. 250-251).

Na mesma linha das afirmações apresentadas, os sujeitos da pesquisa colocaram em circulação nas suas páginas pessoais do

³³ O valor estimado para o novo velódromo que servirá aos Jogos Olímpicos de 2016 é de R\$ 134 milhões, quase 10 vezes mais do valor investido no primeiro modelo e ambos com um grande volume de dinheiro público como é possível ver na reportagem do Estadão disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,legado-do-pan-do-rio-velodromo-vai-virar-po-,994041.0.htm> acessado em 12 de dezembro de 2013.

Facebook imagens que demarcavam o posicionamento deles frente aos megaeventos, sobretudo com relação às contradições que esses eventos trazem à tona ao serem promovidos no Brasil.



Figura 7: Compartilhamento de Daniela em 25/07/2013.

No compartilhamento de *Daniela* (Figura 7) fica exposta a concepção que ela tem sobre o momento vivido pelo país com a realização dos megaeventos, uma "*Triste Realidade!*". A imagem que compõe a postagem traz números gerais sobre o valor total a ser gasto pelo país com a Copa do Mundo da FIFA e, em contraponto, apresenta uma cena onde um homem bem vestido com roupa social de terno e gravata, representando um burocrata gestor do sistema esportivo, oferece uma bola de futebol para uma criança, desnutrida, com fome, em meio ao sertão brasileiro com cactos, sol escaldante e animais mortos na terra seca, como forma de presenteá-la e ela pergunta entusiasmada se aquilo é comestível, sua necessidade natural imediata.

A charge traz à tona a contradição existente de um investimento de bilhões de reais na realização de uma Copa do Mundo de futebol dentro de um país onde há pobreza, milhares de pessoas vivendo abaixo

da linha da miséria, passando fome, sem ter nem o que cultivar devido às condições climáticas do interior do Brasil e a falta de apoio governamental para essas regiões mais afetadas pelos fenômenos da natureza. Além disso, faz uma caricatura de como os gestores esportivos responsáveis pela realização dos megaeventos no Brasil vem tratando os problemas sociais do país, oferecendo o esporte como instrumento/medida paliativa de atender demandas de quem, na verdade, necessita de outros serviços básicos essenciais à vida humana.

Na figura 8 abaixo, **Diogo** compartilha uma foto com afirmações objetivas e diretas que apresentam sua posição com relação aos megaeventos, ressaltando, sobretudo, seu desprezo para com a realização deles no Brasil e demarcando o seu desejo pelo atendimento aos direitos dos cidadãos, com destaque para a defesa pela profissão de professor, para a qual ele está em processo de formação inicial. Essa postagem deixa transparecer como os sujeitos parecem colocar em paralelo e compreendem que o espetáculo esportivo, nos moldes em que ele se apresenta e vem se estruturando, vai de encontro às demandas políticas e sociais do país. Uma leitura de que cidadania não combina e não tem espaço diante do caráter hegemônico e burguês que a organização desses megaeventos globais exigem do fenômeno esportivo.



Figura 8: Compartilhamento de Diogo em 18/06/2013.

Sob essa perspectiva da cidadania na relação com o sistema esportivo e o modelo em que ele se estrutura nos megaeventos, os sujeitos demonstraram ter compreensão dos imbróglis sociais das possibilidades de uso e não uso das instalações e arenas esportivas que estão sendo construídas para as competições, em grande parte, com dinheiro público e que dificilmente serão de fácil acesso a todos os níveis e classes do público.

***Ronaldo:** Até porque, como eu falei do Maracanã. O Maracanã foi com o dinheiro público todo reformado e depois foi dado nas mãos dos empresários que vão ficar 35 anos comandando ele, fazendo do Maracanã do jeito que querem, entendeu? E era uma coisa totalmente pública.*

***Kaue:** É aquela pergunta, "Copa do Mundo pra quem?". Tá, vai vir pro Brasil ai um ingresso para assistir um jogo é mil reais, será que é a população que está sendo removida para a*

construção de estádio, ou será que é o empresário que tá lucrando na empresa dele, na construtora dele para construir.

Amanda: *Eles estão construindo no Rio, a Transcarioca, uma avenida sei lá, uma ponte que atravessa o Rio de Janeiro, você olha pro céu e é quase espaço aéreo assim que atravessa a cidade, então tu passa assim nos bairros da zona oeste que é mais pra dentro Rio, da zona norte, aí tu vê casas demolidas e pensa "Pow, o que aconteceu com aquela família?", entende?*

Diogo: *É, pessoas que tinham comércios há tantos anos e tem que sair. Imagina como é para a pessoa sair, está no local há mais de 15 anos e chega "Não, tem que sair daí porque eu vou construir um negócio aqui", uma linha de metrô ou algo assim.*

As questões pontuadas pelos sujeitos da pesquisa mostram, também, que a leitura que eles fazem dos megaeventos com os seus possíveis legados sociais e esportivos vai além do tradicional questionamento, que acabou se naturalizando nas discussões sobre o tema, acerca dos superfaturamentos, da corrupção e dos excessivos gastos públicos nas obras. A fala deles problematiza a terceirização de serviços e espaços que seriam de acesso irrestrito a todo cidadão e se preocupa com as condições e a dignidade das famílias que já foram ou estão sendo removidas das suas residências e comunidades onde viveram toda uma vida, por causa das obras dos megaeventos.

Assim, pode-se perceber que o olhar desviado por eles ao assunto amplia e contextualiza os fatos trazendo, inclusive, informações e conteúdos que praticamente não circulam na mídia de massa nacional. São indícios de como pode haver interferências de outras instâncias/elementos mediadores da formação cultural esportiva desses sujeitos que não reproduzem os discursos hegemônicos de defesa e glória ao legado dos megaeventos, mas também não se enchem de esperança cidadã com a possibilidade remota deles se efetivarem.

Sob esta perspectiva, as posições apresentadas pelos sujeitos da pesquisa seguem o entendimento de Tavares (2011, p. 29-30), de que:

a realização de megaventos esportivos está relacionada a questões de cidadania, visão republicana e democracia, que são transversais a qualquer campo de saber determinado - embora sejam temas específicos da ciência política. Megaeventos são uma parte significativa da experiência contemporânea, mas não podem ser vistos como uma panacéia para problemas econômicos e sociais. Eles requerem um tremendo investimento de recursos humanos, financeiros e físicos das sociedades que se dispõem a organizá-los que devem sempre estar sujeitos ao debate e ao escrutínio públicos.

Não diferente, os questionamentos em torno do direito à cidadania também apareceram em postagens realizadas por eles no Facebook, como pode ser visto na figura 9 apresentada abaixo.



Figura 9: Compartilhamento de Diogo em 25/06/2013.

Nesse mesmo sentido, da importância que a Copa do Mundo e os megaeventos, de maneira geral, podem ter para os brasileiros, um dos sujeitos da pesquisa chegou a sugerir que, mais do que a imposição do discurso dos legados como meio legitimador da realização dessa década esportiva no país, era necessária uma consulta à população sobre as reais demandas emergenciais do povo, sobretudo das comunidades carentes.

***Daniela:** Ah, primeiro as pessoas que estão coordenando tudo isso, com certeza tem um interesse por trás e, não sei, teria que ver o interesse das pessoas, da população, da população carente, porque, sei lá, a burguesia vai dizer uma coisa e as pessoas pobres vão dizer outra. Então tem que fazer pesquisas e não simplesmente, "ah, vamos trazer um megaevento para o Brasil, que legal"! Mas a maneira de fazer isso de um jeito certo é difícil não é, não existe receita, mas fazendo pesquisa e vendo a real necessidade.*

A afirmação de **Daniela** deixa evidências de como ela compreende a urgência de retomar os direitos de todos os cidadãos como princípio balizador da promoção de eventos de tamanhas proporções sociais e econômicas como os esportivos, independente da localidade e sem distinção de classes. Ainda que de maneira um tanto confusa, ela acredita na democracia e na participação social como possíveis caminhos para encontrar a solução das divergências de interesses sobre os megaeventos e seus legados entre as ramificações do extrato social nos diferentes níveis econômicos de um país desigual.

Por fim, a fala dos sujeitos da pesquisa sobre os legados dos megaeventos faz um indicativo de como a indústria esportiva, produtora de discursos legitimadores dos seus produtos, mesmo trabalhando sob a lógica de fidelização de consumidores, pode também não ser tão eficaz e convincente na conquista do seu público. **Amanda** afirmou e questionou: *"O discurso dos que defendem é muito fraco [...] o que eles querem dizer com visibilidade?"*. **Ronaldo** ressaltou: *"Eles tentam falar dos legados, mas eles não conseguem afirmar que aquilo realmente vai ficar, não é!?"*. **Diogo** complementou a análise: *"É, traz um pouco de fama, mas em alguns meses só, ou menos de um mês até."*

Os sujeitos criticam um dos elementos que compõem, talvez com mais força, o discurso dos legados dos megaeventos que é a visibilidade geoeconômica que o país pode ganhar com o sucesso da realização dos dois maiores eventos esportivos e sociais do mundo. Eles destacam, sobretudo, a fragilidade do discurso oficial dos realizadores do espetáculo ao preverem a chegada de mais investimentos estrangeiros na economia do país e o desenvolvimento do setor de turismo nas cidades-sedes.

3.3. Visibilidade midiática, a geopolítica e o encanto do espetáculo esportivo

A visibilidade que os megaeventos esportivos conseguem mobilizar via cobertura midiática é algo que se destaca entre os grandes acontecimentos e eventos mundiais. A audiência das cerimônias de abertura e das finais dessas competições alcançam os bilhões de pessoas por todo o globo. Em consequência disso, tornam-se os espaços publicitários mais caros e mais concorridos da televisão em todo o planeta.

Por causa destas proporções globais da visibilidade que os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo confere, as cidades e os países sedes desses eventos esportivos acabam esperando uma ampla divulgação e propaganda dos valores e qualidades locais para todo o mundo. É, em suma, uma tentativa de "converter a cidade sede numa metrópole mundialmente conhecida e admirada, capaz de reunir todos os requisitos para se destacar na era contemporânea [...] estabelecer um novo posicionamento da cidade na rede global" (PRONI, 2009, p. 56). É sustentado nesses elementos de mundialização das cidades, em busca da criação de novos roteiros turísticos e a consequente empreitada de novos centros de investimento do capital, que muitas vezes os megaeventos acabam se justificando em espaços com pouca tradição esportiva, como o exemplo do caso da Copa da África em 2010 e, na Copa no Brasil, dos jogos que acontecerão em Manaus, Cuiabá e Brasília em 2014.

Nesta mesma ótica, em uma análise sobre os impactos dos megaeventos esportivos no caso das Olimpíadas da China, Pequim/2008, Uvinha (2009, p. 120) infere que

os Jogos significavam para o povo chinês uma oportunidade de identificação de sua cultura para o mundo, em especial para ocidente, expressando força na vitória e expressividade de seu coletivo, mesmo com as notórias intempéries verificadas no país como censura, pobreza e desigualdade social.

Dito de outro modo, um dos sujeitos da pesquisa chamou atenção para o perigo de fracasso que essa estratégia de marketing e publicidade global do país, através da visibilidade midiática dos megaeventos

esportivos, pode ter ao se deparar com fatos ou catástrofes mundiais que venham a acontecer paralelamente³⁴.

***Ronaldo:** É que nem a África, a África ficou na mídia... olha vou te falar uma coisa no meu ponto de vista que eu entendi, a Copa do Mundo da África ficou ali passando pra todo mundo, aqui no Brasil pra nós a hora que passou o episódio do Bruno lá que matou e enterrou a mulher dele ficou dividido, entendeu? Como é que a gente vai ter certeza que nos outros países não possa acontecer alguma coisa parecida que vai dividir o foco da Copa do Mundo com outras coisas, é interessante isso.*

A questão levantada por **Ronaldo** nos provoca a problematizar as distâncias, mas, sobretudo, as aproximações entre a agenda midiática e a agenda social. Além disso, convida a ser retomada a concepção latino-americana dos estudos em sociologia da comunicação, a qual há de se considerar as audiências não como massas acríticas e passivas às diretrizes de consumo do discurso midiático, mas como receptores ativos com capacidades interpretativas para ressignificar os conteúdos veiculados a serem consumidos.

A percepção do sujeito sobre o fato ocorrido em 2010 indica que a agenda social pode ter certa autonomia sobre os produtos e os recortes de conteúdos a serem consumidos através da mídia, apesar das atemporalidades da pauta midiática ao flutuar por temáticas variadas em curtos espaços de tempo, construindo uma agenda de consumo dos produtos a serem veiculados. No caso citado por **Ronaldo**, tanto o valor do produto, o telespetáculo esportivo da Copa na África, como a "atraente" notícia sobre o homicídio cometido possivelmente pelo ex-

³⁴ Um caso brasileiro que pode servir de exemplo para essa possibilidade de desvio da pauta midiática para um fato catastrófico imprevisível é o acidente com a aeronave da empresa de viagens aéreas, TAM, no aeroporto de Congonhas em São Paulo no dia 17 de julho de 2007 com 199 mortos na tragédia. Na ocasião aconteciam, de 12 a 29 de julho de 2007, os Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro e a cobertura midiática acabou ficando dividida entre o acidente e o evento esportivo continental, fenômeno que foi destacado no estudo organizado por Pires (2009) sobre a cobertura midiática do Pan 2007.

jogador, até então um ator do espetáculo futebolístico nacional, dividiram o espaço de destaque na agenda da mídia de massa nacional naquela ocasião.

A preocupação apresentada pelo sujeito da pesquisa, quanto à prometida visibilidade midiática, social e econômica que os megaeventos podem dar ao país, se estrutura naquilo que Martín-Barbero e Rey (2001) chamaram de "envergadura imagética". Nela, os autores apontam que as imagens (a visibilidade midiática), atrelada à tecnicidade e à visualidade que a mídia proporciona, são carregadas de farsas e mentiras do poder político e ideológico que dominam a sociedade onde acaba se estabelecendo um lugar de "batalha cultural" (MARTÍN-BARBERO; REY, 2001). Uma mediação que afeta a comunicação e dilui as possíveis interpretações humanas de mundo em um real inventado. "O des-ordenamento cultural [...] [introduz] o estouro das fronteiras espaciais e temporais, des-localiza os saberes, deslegitimando as fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, ciência e arte, saber especializado e experiência profana" (MARTÍN-BARBERO; REY, 2001, p. 18).

Ou seja, o questionamento feito por **Ronaldo** torna-se legítimo a partir do momento que ele vislumbra a possibilidade daquilo que se promete e se espera de retorno social e econômico dos megaeventos ser apenas mais um dos produtos agendados pela mídia mundo afora, estando sujeito aos riscos da imprevisibilidade factual no modelo comercial em que vem funcionando o jornalismo de maneira geral. Que a visibilidade geoeconômica é mais um dos investimentos de risco apostados pelos blocos de poder (MASCARENHAS, 2012) que promovem os megaeventos e podem não dar retorno ao Brasil.

O mesmo **Ronaldo**, mostrando estar atento às deliberações político-econômicas da vinda dos megaeventos para o Brasil, apresenta reflexões sobre a distribuição territorial dos fatos importantes e dos momentos decisivos dessas competições pelos estados brasileiros.

Ronaldo: Outra coisa que esses tempos atrás eu parei pra refletir, todas essas coisas acontecem no Rio de Janeiro, o Pan é no Rio, as Olimpíadas é no Rio, a final da Copa é no Rio [...] Mas o Brasil é tão grande e fica tudo focado no Rio de Janeiro, talvez como o Rio é conhecido no mundo todo como "Cidade Maravilhosa", é isso, é aquilo, eles já fazem isso para tentar limpar cada vez

mais né? Faz a Copa do Mundo dá uma limpada, faz as Olimpíadas dá outra limpada ali, uma coisa assim que o Brasil é tão grande né?

O apontamento feito pelo futuro professor é pertinente ao ponto que associa a centralização dos acontecimentos de maior destaque na cidade do Rio de Janeiro à marca e a carga simbólica que ela carrega de "Cidade Maravilhosa". Além disso, demonstra estar atualizado sobre as ações de "higienização" dos principais centros urbanos do país onde haverá movimentação esportiva nos próximos anos. Não sendo diferente no Rio, como as questionadas estratégias de melhoria e garantia da segurança pública, através da instalação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) nos complexos de favelas que compõem e que cercam a cidade, e a retirada forçada dos moradores de rua do centro das urbes e dos pontos turísticos, levando-os para lugares ainda desconhecidos pela população.

O estudante **Kauê** complementa a informação com a compreensão dele sobre a geopolítica dos megaeventos no Brasil.

***Kauê:** Mas eles são os dois maiores centros econômicos do país, Rio de Janeiro e São Paulo, e fica um próximo do outro, aí também não sei até que ponto que vai ser oportuno pra eles levar umas Olimpíadas para outra zona.*

As perspectivas destacadas pelos sujeitos acerca da temática representa a propriedade de informações e conteúdos que eles têm dos dilemas e incógnitas que permeiam a estruturação dos megaeventos no país. Entretanto, as incertezas apresentadas em alguns momentos das suas falas nos permite perceber a dificuldade que eles aparentam ter em associar as questões econômicas e políticas da geografia desenhada para a realização dos megaeventos no Brasil com a especulação imobiliária e a movimentação do mercado para as empreiteiras da construção civil envolvidas no negócio - o que repercute diretamente na elitização dos grandes centros urbanos do país e o conseqüente aumento das desigualdades sociais já existentes nas metrópoles brasileiras.

Em contraponto a essas afirmações e análises críticas apresentadas durante os questionamentos realizados nas entrevistas, os

sujeitos da pesquisa mostraram-se ligados à competição da Copa das Confederações. Tanto no que diz respeito aos elementos futebolísticos propriamente ditos, pois eles fizeram postagens sobre aspectos táticos, técnicos e de fanatismo pela modalidade e pela representatividade da seleção brasileira, mas também realizaram interações nas suas páginas pessoais do Facebook que expressavam criticidade ao espetáculo esportivo e às implicações sociais que ele estava causando ao país. É possível visualizar os exemplos nas Figuras 10, 11 e 12 abaixo.



Figura 10: Postagem de Ronaldo em 23/06/2013.



Figura 11: Postagem de Diogo em 30/06/2013.



Figura 12: Postagem de Kauê em 30/06/2013.

Na postagem de *Kauê* e no diálogo que ele estabelece com a sua amiga da rede (Figura 12), ele menciona a política do "Pão e Circo" para fazer uma leitura do jogo da final da Copa das Confederações que aconteceu no dia 30 de junho entre as seleções brasileira e espanhola no Maracanã. Assim como aconteciam nas arenas de batalha da Roma Antiga, o estádio estava lotado com cerca de 80 mil pessoas presentes que, de acordo com a associação pretendida por *Kauê*, estavam ali envolvidas pelo entretenimento apropriado pelo Estado para controlar as massas, fazendo-as sentir o pertencimento à nação e evitando delas se rebelarem contra o modelo de governo e as mazelas sociais, da mesma forma que em outros tempos. Além disso, ele ousa afirmar ainda que o "espetáculo já estava escrito", colocando em dúvida a imprevisibilidade do resultado vitorioso de 3 a 0 da seleção brasileira sobre os atuais campeões mundiais e, até então, imbatíveis espanhóis.

Portanto, as postagens realizadas pelos sujeitos da pesquisa (Figuras 10, 11 e 12) demonstram como o sentimento nacionalista ligado ao futebol acaba sendo uma premissa do brasileiro aficionado na

modalidade. Uma construção sociocultural que contou com a colaboração do telespetáculo esportivo (BETTI, 1998) e que, não por acaso, em alguns momentos, os sujeitos reproduzem a discursividade da falação esportiva (ECO, 1984).

Porém, há também indicativos de que a paixão pelo esporte não os impede de desviar um olhar crítico em relação ao modelo espetacular em que se estruturam os megaeventos esportivos, fazendo análises, inclusive, que se aproximam do que Pires (2002) argumentou sobre o Esporte, como um dos produtos preferidos da indústria midiática por oferecer, em contrapartida, o show já pronto.

Através das postagens, os interlocutores da pesquisa mostraram-se, sobretudo, engajados na discussão política e social que se espalhou por todo o Brasil durante o mês de junho de 2013, em paralelo à Copa das Confederações. O compartilhamento de *Amanda*, da Figura 13 abaixo, representa um pouco desse acompanhamento realizado por eles através do consumo de notícias e informações que circulavam na rede social e nos portais da internet.



Figura 13: Compartilhamento de Amanda em 21/06/2013.

É nesse mesmo sentido do compartilhamento de *Amanda* (Figura 13), de análise ampliada sobre o contexto dos megaeventos esportivos no Brasil, que se apresenta a perspectiva de intervenção a ser desenvolvida no espaço da Educação Física escolar na educação básica por parte dos interlocutores da pesquisa, como é apresentada na seqüência do texto.

3.4. A priori, o pensamento crítico e a necessidade de intervir sem entusiasmo e integração ao espetáculo

De início, ao serem questionados sobre a relação e o papel que a Educação Física, na concepção deles, deveria exercer no que diz respeito ao trato com o tema dos megaeventos esportivos nos seus espaços de intervenção social, sobretudo no âmbito escolar, os sujeitos da pesquisa mostraram-se decididos, com uma visão bem definida acerca do que fazer e também do que não fazer com a situação que se desenhou no país.

***Amanda:** Eu acho que, no caso pensando a Educação Básica, atuando na Educação Básica, seria o momento ideal para levar isso para os alunos, para as crianças, não como entusiasta disso que tá acontecendo, não tendo uma postura entusiasta disso, mas de crítico, fazer elas pensarem acerca disso porque são eles que são os primeiros cooptados por esse mecanismo do espetáculo, eles são os primeiros [...]. Tem casos de escola que tratam esse tipo de evento como uma festividade, então, portanto, enfeitam, mas como assim? "Peráí"! Como é que a gente vai assumir somente essa postura de torcedor, a gente aqui está numa instituição [...]na escola que era o lugar onde minimamente a gente deveria pensar sobre qualquer tipo de coisa, inclusive esse tipo de evento, como a gente assume essa postura naturalmente?*

***Kaue:** Eu acho que o esporte hoje por conta desse apoio midiático ele é um dos elementos mais alienantes do nosso país e aí tá levando esse debate para dentro da escola, fazendo a crítica e conseguir fazer os alunos pensarem de outra forma, ver de outra forma a vinda desses megaeventos eu acho que já é uma intervenção bem válida para a educação básica mesmo, porque provavelmente em nenhuma outra área eles vão ter essa discussão. Na questão da prática mesmo, tentar fazer uma relação com a competição e o alto rendimento. Assim, agora eu*

não tenho em mente uma coisa mais específica, mas estudar um pouco isso para fazer.

Ronaldo: *Pode desfocar um pouco e tirar eles um pouco do senso comum deles acharem que tudo aquilo que tá acontecendo é bom, para eles vai ser bom dar outra visão, uma visão mais crítica também e é isso né.*

Daniela: *Teriam dois lados, o lado da Educação Física voltado para o Bacharelado e para a Licenciatura. Eu acredito que quem seja do bacharel ache o máximo esses megaeventos, até pelas disciplinas que eles têm voltado para Biomecânica, para Treinamento de Atletas, essas coisas devem ser o máximo, só que na questão da licenciatura, se eu fosse trabalhar, iria com certeza trabalhar esse assunto na escola para começar a ver a opinião dos alunos, ver o que eles entendem por isso e tá trabalhando mesmo, não é, falando a realidade, não dando a resposta pra eles, mas que eles descubram pela percepção deles o que tá acontecendo.*

O que fica evidente na fala dos sujeitos é que, apesar das dúvidas e dilemas apresentados acerca da realização dos megaeventos esportivos no país (conforme já discutido anteriormente no trabalho), eles não negam a importância da tematização do assunto no contexto escolar e ressaltam principalmente a necessidade de aproveitar a efervescência esportiva momentânea para tratá-lo junto aos escolares que, para **Amanda**, são um dos principais nichos de mercado atingidos pelo discurso do esporte espetáculo.

A afirmação da interlocutora da pesquisa corrobora com o que Bracht e Almeida (2013, p 139) compreendem ser o papel a ser exercido pela Educação Física escolar perante os megaeventos esportivos.

A Educação Física Escolar, é claro, não pode ignorar o fato da realização dos megaeventos e a grande mobilização popular que eles promovem, no entanto, seu engajamento no processo não pode ser de simples adesão entusiasmada e eufórica - é

preciso pensar a partir da lógica dos megaeventos, assumindo a tarefa de preparar nossos alunos para eles. Predispor os discentes para esses megaeventos significa ampliar os seus conhecimentos sobre o fenômeno esportivo, e isso envolve tanto o aprendizado dos esportes no sentido de sua prática, suas regras, suas características e lógicas internas, como a compreensão do significado cultural, político e econômico do esporte de uma maneira geral e dos megaeventos em particular.

Os autores complementam o entendimento defendendo que é também compromisso político da Educação Física advogar por uma prática esportiva no âmbito escolar que seja referenciada não pelo modelo esportivo hegemônico, mas pelos códigos e símbolos da própria escola. Uma maneira de conformar o processo de "escolarização do esporte" e evitar riscos de perpetuarmos uma "pseuovalorização da Educação Física escolar" através de políticas públicas que tratam o esporte educacional sob os mesmos moldes do alto rendimento (BRACHT; ALMEIDA, 2013).

Amanda ainda mostra, inclusive, o abismo e indignação com a maneira integrada e entusiasta que a escola, como instituição social mediadora responsável pela leitura da complexidade do mundo da vida, tradicionalmente se pinta de verde e amarelo nesses períodos de Copa e Olimpíadas; como ela adota o discurso nacionalista de pertencimento à pátria e não problematiza a amplitude e as contradições socioculturais que esse tipo de competição esportiva carrega consigo nos seus bastidores.

Sobre essa filiação da escola, especificamente da Educação Física escolar, com a realização dos megaeventos esportivos, Betti (2009) entende que se trata de um novo projeto de esportivização da prática educacional da área e que a está "ameaçando de morte". Na mesma linha das reflexões de *Amanda*, para o autor, as inversionalidades e transversionalidades das Olimpíadas e da Copa do Mundo precisam ser tratadas a partir de finalidades críticas, emancipatórias e humanizadoras para que não retomemos o modelo de base da pirâmide esportiva.

Na mesma linha de pensamento, ao vislumbrar a "espetacularização" da escola nessa relação com os eventos e Jogos

esportivos, Dantas Junior (2013) afirma que tal comportamento leva a instituição educacional ao "ápice da mistificação do real". Para o autor, desse modo, acaba-se "limitando a possibilidade de pedagogização do esporte voltado à formação dos jovens, impingindo-lhes o papel de 'consumidores' da oferta esportiva e de 'trabalhadores' do *marketing* esportivo-educacional da escola" (DANTAS JUNIOR, 2013, p. 38).

Além disso, os argumentos de *Amanda*, assim como os de *Kauê* e os de *Daniela*, indicam como eles já possuem algum discernimento sobre o papel a ser exercido pelo professor e, no caso, o da Educação Física na Educação Básica. Eles apresentam posições de entendimento de que a disciplina, como componente curricular que historicamente tratou do Esporte na escola, deve se manter como esse espaço de trabalho dos conteúdos esportivos e aproveitá-lo para levar a discussão sobre o tema com uma abordagem crítica, contextualizando os múltiplos elementos e meandros que compõem o fenômeno e os seus marcos representativos que são os megaeventos quadrienais.

Eles ainda vão mais além e apontam o professor de Educação Física não como reprodutor e promotor da lógica hegemônica em que o sistema esportivo se desenvolve oficialmente na sociedade, mas o designam como o sujeito mediador das relações de aproximação e distanciamento dos alunos com o fenômeno esportivo no contexto escolar. Percebe-se que em nenhum momento eles levantam a possibilidade de negação à abordagem do esporte na escola, porém ratificam que é preciso se posicionar como um provocador de questões que despertem a curiosidade dos escolares e os levem à descoberta autônoma e esclarecedora do universo esportivo.

Nessa perspectiva da Educação Física escolar frente os megaeventos esportivos, há semelhanças entre o que os interlocutores da pesquisa pensam e a opinião de Daolio (2013, p. 135) de que:

os professores da área devem assumir esse tema em suas aulas, não no sentido de reproduzir o ufanismo acrítico propalado pela mídia, mas de estimular junto aos alunos um conhecimento crítico que leve à prática esportiva consciente e transformadora. Como mediadores pedagógicos que são, os professores de Educação Física atualizam significados junto com seus alunos, desconstroem visões de senso comum e reconstroem e ampliam outras formas de

compreensão em relação aos conteúdos da área. Nesse sentido é possível esperar que, a partir da mediação da Educação Física escolar, a compreensão e a relação dos alunos com os megaeventos esportivos será qualificada.

Kauê, por exemplo, chega a cogitar, inclusive, trabalhos de prática esportiva que pautem os megaeventos esportivos com os alunos, o que nos indica que há perspectivas de novas e boas práticas de Educação Física escolar na concepção desses futuros professores, diferentemente do que se preconiza nesse momento pelo qual passa a área, de crítica à crítica, com a justificativa de serem concepções excessivamente teóricas, que trabalham em um plano educacional muito abstrato e que dizem ser contraditórias à tradição e ao objeto de intervenção da própria área, que é o movimento humano e a cultura do movimento.

O exemplo vai ao encontro da afirmação de Lucena (2013), de que para a Educação Física está posto "um novo/velho desafio" que é o de procurar se manter na escola tematizando a cultura corporal de movimento sem se reduzir às práticas esportivas coletivas tradicionais. A sugestão dada é de abordá-lo, diante da realização dos megaeventos esportivos no país, como um aliado na escola, tratando o fenômeno esportivo não de maneira a contrariá-lo, mas em conjunto com ele, priorizando-lhe as dimensões da inclusão, da participação e do envolvimento dos alunos.

O mesmo **Kauê** também cita em sua fala a relação existente entre esporte e mídia como mantenedora de uma cultura esportiva no país que vem se perpetuando socialmente sob uma lógica incessante de consumo acrítico pelo público receptor desses produtos. Ele aborda esse relacionamento de reciprocidade entre as duas instâncias como justificativa para a sua compreensão do tipo de atuação educacional que o professor de Educação Física deve ter na escola. Essa posição vai ao encontro das mediações comunicativas da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2009) que outrora foram indicadas em estudos de recepção na própria área como necessárias e emergentes a uma mediação escolar da Educação Física no trato pedagógico com o tema (ANTUNES, 2007; MEZZAROBA, 2008).

A afirmação de **Daniela** também traz duas questões importantes do processo histórico de legitimação profissional da área e do seu

desenvolvimento epistemológico. Primeiro por ela fazer demarcações bem definidas das possibilidades de atuação profissional e de investigação científica que cada fragmento da formação em Educação Física pode ou poderá atuar no que concerne aos megaeventos esportivos, próximo do que Mezzaroba e Zoboli (2013) definiram como "filhos do casamento (in)feliz"³⁵. O segundo quesito se refere à concepção de mediação educacional que ela alinhava como possibilidade para o professor de Educação Física escolar procurando valorizar as percepções dos alunos no que concerne ao conteúdo do esporte e dos megaeventos. É uma perspectiva que coloca em princípio os sentidos humanos como meio de aprendizagem, que enfatiza a sensibilidade dos sujeitos e os dá centralidade no processo formativo, assim como as dimensões fenomenológicas da teoria do "se-movimentar" humano divulgada por Kunz (2000; 2004)³⁶ e revisitadas por Ghidetti, Almeida e Bracht (2013)³⁷.

De todas as afirmações, a que apresentou menos consistência crítica foi a de **Ronaldo**, que vislumbrou uma prática pedagógica contida em julgamentos de valor de positividade ou negatividade no trato com o tema dos megaeventos na escola. Mas não podemos deixar de levar em conta que dos participantes da pesquisa ele é um dos únicos que se encontra no início do curso de formação (2º semestre), o que, de

³⁵ No texto, Mezzaroba e Zoboli (2013) fazem uma discussão epistemológica acerca da fragmentação da formação profissional em Educação Física como sendo uma divisão curricular que atende basicamente a interesses de instituições que visam a criação e a reserva de nichos de mercado de trabalho. Tudo isso, na base construída pelos autores, como consequência do processo histórico de relacionamento da Educação Física com a Ciência e com a produção do conhecimento científico, no qual muitas vezes está fortemente envolvido com uma perspectiva "biologicista" e que encontrou-se em "crise" a partir da década de 1980 com a aproximação com as Ciências Sociais e Humanas.

³⁶ Em seus escritos sobre a teoria do "se-movimentar" e as aproximações entre a fenomenologia e a Educação Física, Elenor Kunz discute elementos como a percepção, a sensibilidade e a intuição no contexto da cultura corporal do movimento e tem como principal indicativo dar protagonismo aos sujeitos da ação através das suas experiências no "mundo vivido".

³⁷ Os autores reconhecem que graças ao esforço intelectual de Elenor Kunz os estudos em fenomenologia passaram a ser conhecidos e debatidos na Educação Física brasileira, porém ressaltam que os estudos nessa linha ainda demandam continuidade e aprofundamento para viabilizar a teoria do "se-movimentar" humano.

certa forma, torna compreensível a imaturidade teórico-metodológica na projeção de possíveis práticas de ensino.

Da mesma maneira, **Diogo**, também no 2º semestre do curso, em uma das suas interações pelas redes sociais compartilhou uma foto com conteúdo que fazia oposição a associação objetiva do esporte de rendimento com a Educação Física, mas sintetizava de maneira simplificadora alguns motivos pontuais do porque fazer as aulas da disciplina.



Figura 14: Compartilhamento de Diogo em 26/06/2013.

Visto isso, podemos relativizar como as diferenças de perspectivas do papel da Educação Física escolar na abordagem ao conteúdo esportivo e ao tema dos megaeventos podem estar associadas ao tempo, ao momento da formação docente em que os sujeitos se encontram e também à subjetividade de cada um no processo de ensino-aprendizagem da formação. Os graduandos que se encontram em fases mais adiantadas do curso mostraram mais maturidade e profundidade na tentativa de expor estratégias de ensino do esporte na escola; já os que estão na primeira metade do processo de formação demonstraram as

limitações que ainda possuem para definirem um posicionamento didático-pedagógico para a especificidade a que se submeteram estudar.

Os primeiros deixaram rastros da formação humanista e crítica pela qual estão passando e se apropriando dos conceitos, teorias e concepções, talvez herança do próprio processo de reconstrução da legitimidade da Educação Física escolar e, conseqüentemente, da formação de professores. Os últimos deram apenas vestígios de que estão começando a ter ciência do solo onde estão pisando, mas que ainda não há tanta clareza dos caminhos a seguir na área. Portanto, "precisamos utilizar os megaeventos como campos de tensão, aprofundamento do conhecimento e amadurecimento dos sujeitos" (DANTAS JUNIOR, 2013, p. 43).

Nesse sentido, em diversos momentos da entrevista foi possível perceber o vínculo que os sujeitos mantinham com o conhecimento adquirido nos variados espaços da universidade. Assim, de diferentes maneiras, podemos perceber a importância da academia na promoção dos debates públicos sobre problemáticas que atingem a sociedade de maneira geral e o papel da instituição de ensino superior na formação sociocultural e humana dos sujeitos para além da restrição profissional a que se limita cada curso.

3.5. A importância da Universidade na promoção do debate e na formação crítica sobre o tema

Institucionalmente o tripé que sustenta a universidade é composto pelo ensino, pesquisa e extensão. Porém, muitas vezes, manter essas três hastes erguidas com a mesma firmeza e eficácia no processo de formação torna-se difícil porque depende, em grande medida, das ações autônomas dos gestores que administram cada departamento ou centro das instituições de ensino superior. Portanto, cabe à academia oferecer ao corpo discente oportunidades formativas que englobem as três dimensões do tripé e que, sobretudo, as promova de maneira integrada para que a produção e a apropriação do conhecimento tenham nexos e concretude para os sujeitos nas suas ações sociais e profissionais no cotidiano.

Diante dessa tarefa, no que diz respeito à preocupação acadêmica com o tema dos megaeventos esportivos, nos parece que ao menos duas das dimensões do tripé universitário estão sendo desenvolvidas no país, de maneira geral, pois a produção científica que aborda a temática

cresceu significativamente nos últimos anos, principalmente na área da Educação Física, e o número de eventos acadêmico-científicos que os têm tido como tema central vem aumentando consideravelmente e acontecendo com uma frequência constante nas universidades brasileiras³⁸.

Desse modo, o que pudemos perceber, a partir dos dados colhidos nas entrevistas com os sujeitos da pesquisa, foi que esses eventos científicos têm bastante importância na promoção de debates sobre temas atuais e de interesse público, assim como os megaeventos esportivos são para a Educação Física. Em diversos momentos da conversa os entrevistados fizeram alusão a um evento que ocorreu alguns meses atrás, na UFSC, mostrando que o debate ocorrido ali lhes serviu como base para o acesso e a apropriação de diversos conteúdos informativos sobre a realização dos megaeventos no Brasil.

***Kaue:** O que está mais em foco é a Copa do Mundo, as Olimpíadas ainda não estão falando, ai eles estão dando uma mascarada bem grande, mas aquele cara que veio nas Jornadas Bolivarianas que é do comitê popular da Copa e das Olimpíadas, ele mostrou um vídeo que explana bem qual é a realidade do Rio de Janeiro para receber as Olimpíadas que vai acontecer só lá, ele mostra as diversas remoções que estão acontecendo e até uma estratégia de higienizar o Rio de Janeiro mesmo, jogando a população pobre pros cantos e elitizando o centro do Rio.*

***Ronaldo:** Eu acho que algumas palestras das Jornadas Bolivarianas deram umas ideias e concepções totalmente diferentes do que a gente pensava e também teve o do Comitê Popular da Copa do Mundo que ele falou que tava*

³⁸ Aqui relembramos o XVIII Conbrace, citado anteriormente, que foi realizado em Brasília no ano de 2013 e teve como tema central os megaeventos esportivos. Do mesmo modo, as "Jornadas Bolivarianas", evento realizado pelo Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) que aconteceu em abril de 2013 na UFSC, a sua nona edição, e teve como tema central, "*Megaeventos Esportivos: impactos, consequências e legados para o continente latino-americano*".

acontecendo no Rio de Janeiro, teve o Juca Kfourri que fez uma baita de uma palestra.

Diogo: *Até as Jornadas Bolivarianas que aconteceram no primeiro semestre mostrou isso também, esses fatos que estão ocorrendo no Brasil ocorreram na África do Sul, vai ser a mesma coisa aqui no Brasil, quase igual.*

As afirmações dos sujeitos da pesquisa mostram como o evento (Jornadas Bolivarianas) foi marcante no processo formativo deles no que diz respeito à temática. Mesmo sem serem provocados pelo investigador com qualquer menção às palestras ou mesas de debates que ocorreram nas Jornadas, os interlocutores do estudo, em momentos diferentes da entrevista, lembraram de informações e de dados apresentados na ocasião, demonstrando a validade que espaços como esses tem para a formação acadêmica.

Nesse caso, destaca-se a produtividade e a importância do desenvolvimento da dimensão da extensão do tripé acadêmico. A promoção dos debates públicos sobre as mais variadas temáticas, nesse contexto em específico, dos megaeventos esportivos, além de externar o conhecimento científico produzido no interior dos laboratórios de pesquisa, nem sempre facilmente acessível, são momentos de discussão diferenciados e ampliados diante dos rotineiros encontros em sala de aula entre professores e alunos.

Portanto, na especificidade desta investigação apareceram esses indicativos da relevância que eventos científicos, promovidos pela universidade e pelas instituições departamentais que lhe constituem, podem ter na construção de um debate ampliado acerca de temáticas importantes para as áreas do conhecimento, como também para a sociedade de maneira geral. Sobretudo para sujeitos que estão em processo de formação acadêmica e que, muitas vezes, acabam se restringindo ao universo curricular do curso, limitando possibilidades de aumentar os horizontes de atuação profissional.

Aqui, caracteriza-se o que os estudos latino-americanos em sociologia da comunicação denominaram como mediações culturais, nesse caso a "mediação institucional" (OROZCO, 1993). Para Orozco (1993), essa mediação corresponde aos espaços sociais onde os sujeitos interagem e se comunicam seguindo algumas regras e respeitando

determinados símbolos de significância. Em outras palavras, atividades específicas de instituições sociais (Família, Igreja, Estado, Escola, Universidade) que nos conduzem a determinadas leituras de mundo e que possibilitam atribuir novos sentidos, diferenciados dos significados constituídos e convencionados socialmente.

A partir desse entendimento, a relevância dos eventos científicos promovidos pela UFSC e lembrados pelos interlocutores da pesquisa, os ajudando inclusive na apropriação do tema dos megaeventos esportivos no Brasil, representa, em parte, o papel institucional de mediadora cultural da comunicação exercida pela universidade na formação dos sujeitos. Em parte porque, como foi dito, o objetivo acadêmico tem como pressuposto o desenvolvimento integral e articulado das dimensões de ensino, pesquisa e extensão. Assim, o exemplo supracitado corresponde apenas a mediação da instituição na dimensão da extensão.

Apesar disso, dados da pesquisa também apontam que a dimensão do ensino acadêmico, pautada em um eixo curricular articulador do objeto de estudo da área em questão, não pode ser removido da sua centralidade no processo formativo dos futuros profissionais. No caso do presente estudo, trata-se fundamentalmente de uma formação de professores, que mais do que estratégias didático-pedagógicas de ensino-aprendizagem para lecionar determinados conteúdos, precisa estar preparado para lidar com cidadãos em formação, que tem o direito de se informarem e se esclarecerem. Um modo de se relacionar com sujeitos para que lhes proporcione a oportunidade de fazer leituras diferenciadas do mundo de acordo com as representações simbólicas que sejam concernentes às particularidades da ancoragem territorial e cultural de cada um. É possível visualizar na afirmação de *Daniela* o papel da academia no seu processo de formação.

Daniela: [...] foi aqui na faculdade que eu comecei a abrir os meus olhos pra esse tipo de evento e que antes eu achava lindo, mas hoje, eu até gosto de ver atletismo, uma prova linda, várias modalidades, mas pra mim tudo não passa de uma ilusão, de uma coisa como dizem mesmo, um show, o esporte show... mas com certeza, tem muita relação na formação acadêmica e cabe ao aluno estudar e ler para tentar entender tudo isso e não ficar só com a cabeça pelo que a mídia

passa, etc e tal... Com relação a formação com certeza foi do contato que eu tive aqui com palestras, o pessoal do Centro Acadêmico também esse ano eles discutiram bastante megaeventos, então me despertou também.

As informações apresentadas por **Daniela** deixam transparecer como pode ter efetividade uma formação acadêmica mais completa, que envolva as diferentes dimensões do tripé acadêmico de maneira entrelaçada durante o processo de graduação. Ela ressalta, principalmente, a relação dialógica de encantamento e distanciamento que desenvolveu no decorrer do curso com as múltiplas e controversas manifestações do fenômeno esportivo. Mas, a futura professora destaca também a autonomia que os sujeitos devem ter nessa trajetória de busca por uma formação profissional ampla, que transite por percursos variados do conhecimento, proporcionando uma leitura criteriosa da realidade, assim como a relação estabelecida com o consumo midiático.

Entretanto, Vaz e Bassani (2013) chamam atenção à precariedade da formação profissional em Educação Física no que se refere ao esporte. Eles ressaltam que não é nem certo que os próprios alunos saibam praticar alguma modalidade e ainda que o conhecimento deles sobre o fenômeno é restrito, pouco aprofundado, chegando a se equiparar ao de um telespectador comum. Em suma, "um professor de Educação Física não pode ser mero torcedor" (VAZ; BASSANI, 2013, p. 92). Os autores defendem, sobretudo, que a escola e a Educação Física devem sim aproveitar e explorar com intensidade as possibilidades proporcionadas pela realização dos megaeventos no Brasil. Porém, em uma relação de "proximidade distante", deve se apropriar do fenômeno compreendendo-o em sua complexidade, experimentando-o, mas também desconstruindo-o (VAZ; BASSANI, 2013).

Além de tudo isso, **Daniela** finaliza a sua fala sobre a importância da mediação institucional da universidade na formação crítica dos profissionais e dos sujeitos elencando outro espaço que compõe a academia, que são os Centros Acadêmicos. Aparecem como locais alternativos dentro da instituição e caracterizam-se por ser um ambiente de encontro e organização dos estudantes para lutar democraticamente pelos seus direitos e interesses nas esferas políticas da universidade. No caso, ela afirmou que o Centro Acadêmico da Educação Física

promoveu também debates sobre a temática dos megaeventos esportivos e colaborou com a discussão entre os professores em formação inicial do curso.

Foi possível visualizar o papel formativo do Centro Acadêmico e da organização institucional dos estudantes também em interações realizadas por **Kauê** em sua página pessoal no Facebook. Ele compartilhou links que relacionavam a Educação Física com as manifestações sociais que aconteciam naquele momento em todo o país.



Figura 15: Compartilhamento de Kauê em 24/06/2013.



Figura 16: Compartilhamento de Kauê em 22/06/2013.

Os compartilhamentos realizados por *Kauê* indicam os meios por onde os professores em formação inicial parecem ter acesso ao debate, entre os seus pares, sobre as temáticas e atualidades pertinentes a Educação Física. Também pode-se observar a discussão dos megaeventos esportivos e das manifestações sociais na fala de *Daniela* e nas interações em rede de *Kauê*, além de se configurar como uma porta de entrada para o engajamento político deles nos conflitos e reivindicações existentes na área.

Os elementos acadêmicos apresentados no presente estudo como possibilidades formadoras dos sujeitos e mediadores culturais na relação com as dimensões da Educação Física e da sociedade podem se caracterizar como "comunidades de interpretação". Para Jacks (1999, p. 60), elas são "o conjunto de sujeitos sociais unidos por um âmbito de significação do qual emerge uma significação especial para a sua atuação social e que frequentemente coincide com as comunidades territoriais, embora suas demarcações não sejam geográficas".

Desse modo, a universidade, mais do que um espaço restrito de formação profissional, apresenta-se como um ambiente institucional que pode colaborar na mediação cultural e na formação dos sujeitos. O mundo acadêmico, nos exemplos visualizados nesta pesquisa, demonstrou o potencial e a amplitude que ele pode atingir no trato com

elementos da cultura, no caso da Educação Física, da cultura corporal do movimento.

No capítulo seguinte, apresentamos a discussão da perspectiva dos interlocutores do estudo sobre a temática das manifestações sociais. Analisamos as posições adotadas por eles no contexto brasileiro dos protestos de rua, sobretudo com relação às compreensões acerca do papel e das funções das redes sociais em contraponto à mídia. Além disso, destacamos o vínculo, estabelecido por eles, entre o exercício da cidadania e a prática pedagógica da Educação Física.

CAPÍTULO 4. MANIFESTAÇÕES SOCIAIS: DO ESPETÁCULO ÀS REDES SOCIAIS NO JUNHO DE 2013

O mês de junho de 2013 no Brasil ainda carrega consigo muitas insígnias que não foram e que dificilmente serão desveladas. O fenômeno da multiplicação das multidões pelas ruas de todo o país é permeado por variadas hipóteses, que são apontadas como provocadoras do processo de mobilização nacional. Desde elementos políticos, a dados sócio-econômicos, entraves culturais sobre a pluralidade étnico-racial, até questões da dimensão informacional e comunicativa do país foram assuntos que compuseram o conjunto da pauta de reivindicações que podem ter sido o cerne das manifestações sociais no inverno brasileiro.

Pedidos pelo fim da corrupção geral na política brasileira, pela justiça e punição dos responsáveis pelo "mensalão"; pela anulação da PEC 37, projeto que previa a retirada dos poderes de investigação do Ministério Público; a revogação da "Cura Gay", projeto de lei que considerava o homossexualismo um estado patológico; a luta para acabar com a gestão governamental de terceirização de serviços públicos básicos como saúde, educação e transporte; além dos protestos contra a inclinação política interessada da grande mídia nacional e pelo fim do monopólio dos conglomerados midiáticos no país. Estes são alguns dos itens que apareceram na lista de reivindicações da população que foi às ruas pedir por melhores condições de vida social e pública no país.

Embora, de maneira geral, as manifestações sociais tenham sido consideradas por muitos como desarticuladas, sem uma pauta motivadora bem definida e, como consequência disso, uma movimentação pública sem legitimidade, esses elementos supracitados indicam que mais do que uma falta de questões justificadoras dos protestos havia uma multiplicidade e uma diversidade de temas que convergiram e se coadunaram na luta da população pelos direitos à cidadania em um país dito republicano e democrático.

Em paralelo e interligado ao conjunto da pauta reivindicatória genérica, os protestos contra a realização dos megaeventos, em oposição aos excessivos gastos públicos nas obras para a construção dos estádios e arenas esportivas dessas competições, e a luta dos Comitês Populares da Copa e Olimpíadas, que representam as milhares de famílias que

estão sendo removidas das suas casas e comunidades para a realização dessas obras, também aconteceram no mês de junho e aproveitaram o acontecimento da Copa das Confederações para exporem os ataques aos direitos humanos que elas vêm sofrendo desde o Pan de 2007 e da escolha do país como sede da Copa do Mundo FIFA de 2014 e do Rio de Janeiro como anfitriã dos Jogos Olímpicos de 2016.

Nesse sentido, as manifestações sociais de 2013 e a realização dos megaeventos no Brasil passaram a ter uma relação, até certo ponto, imbricada uma na outra, na qual ambas parecem prestar serviços involuntários de divulgação, amplitude e valorização recíproca entre elas, ainda que com “sinais contrários” no que diz respeito aos interesses em confronto. De certa maneira, pode-se perceber uma apropriação social dos holofotes do espetáculo midiático em prol dos interesses públicos emergentes naquele momento da Copa das Confederações e, da mesma forma, a tomada de assalto, pela mídia, dos movimentos sociais que eclodiam, transformando em espetáculo as cenas de conflito real que se apresentavam nas ruas de todo o país.

Além dessa estratégia de apropriação oportunista entre os fenômenos sociais das manifestações de rua e do espetáculo esportivo, refletiremos também, nesta seção do trabalho, sobre os papéis e funções que as redes sociais ganharam para os sujeitos da pesquisa no contexto de momento que eles viveram de participação ativa nas mobilizações nacionais.

4.1. Quando o espetáculo serve a cidadania e vice-versa: os conflitos entre a "mídia de direita" e a "rede de esquerda"

Os movimentos sociais no Brasil têm uma trajetória histórica de longos anos, mas que não carece ser contada com detalhes neste espaço. Inúmeras mobilizações já aconteceram nas ruas de todo o país, principalmente das classes trabalhadoras que há muito estão organizadas em instituições sindicais que representam a luta das diversas categorias laborais, sejam professores, trabalhadores rurais, bancários, servidores públicos, entre outros.

Porém, apenas em algumas datas marcantes da história do Brasil esses movimentos estiveram articulados com toda a população nacional e mobilizou-a para ir às ruas protestar pelos direitos de todos os cidadãos brasileiros, não somente lutar por interesses particulares de determinadas classes ou fragmentos sociais. Na história recente, dois

momentos são exemplos de mobilização nacional em reivindicação por alguma causa única, são eles: as "*Diretas Já*", em 1984, que confrontou a ditadura militar pelo retorno do regime democrático e das eleições diretas para presidente da república; e os "*Caras Pintadas*", em 1992, quando a juventude foi às ruas pedir o impeachment do presidente Fernando Collor por corrupção e fraude aos cofres públicos.

Portanto, se considerados os últimos 20 anos da história política e social do Brasil, a geração nascida a partir do século XXI não havia vivido pessoalmente, até então, nenhuma mobilização de multidões ou manifestação social em grande escala no país. Assim, quando solicitamos aos jovens participantes da pesquisa para fazerem uma análise dos fatos ocorridos durante o mês de junho de 2013, principalmente do paralelo existente entre a Copa das Confederações e as manifestações nas cidades, eles mostraram-se bastante entusiasmados com a novidade dos sentimentos que experimentaram com o clamor do povo nas ruas, mas também demonstraram perspicácia crítica na tentativa de interpretar um fenômeno pelo qual eles ainda não tinham vivenciado.

Daniela: [...] em relação as manifestações foi demais, foi sensacional [...]eu quero é ir pra rua com as pessoas tentar fazer a diferença no meu país, achei massa, muito legal. Mas parece que deu efeito, só que agora tá tudo como antes, não sei até que ponto... não participei de outros debates pra saber se essas manifestações deram resultado... mas essas manifestações deveriam acontecer muito quando for acontecer a Copa e as Olimpíadas, mas eu não sei se o povo vai ter energia pra isso... tomara que tenha.

Kaue: Acho que essas manifestações já é um acúmulo de tudo que o povo tava engolindo desde... tem relatos de que há 11 anos não aconteciam manifestações desse tamanho em todo o país e daí o governo do PT está há 12 anos no poder do país, a minha análise que eu faço depois de algumas leituras é que foi o estopim depois do racha da esquerda dos movimentos sociais com o PT, com o início de uma reestruturação da esquerda e de toda a população que já tava

engolindo algumas coisas há muito tempo e a Copa das Confederações com o debate dos megaeventos, PEC 37 e tudo, "tarifa zero" e tal, foram acarretando essa indignação do povo que levou às manifestações.

As palavras de **Daniela** expressam a empolgação da futura professora em poder participar dos movimentos sociais de maneira efetiva mantendo, sobretudo, a esperança de mudança e de transformação do país com o intuito de contribuir para desenvolvê-lo em condições sócio-econômicas diferentes das que historicamente provocaram a desigualdade que assola grande parte da população. No entanto, a continuidade das afirmações dela indica também a fragilidade desse envolvimento que *a priori* se mostrou tão atraente, mas que se dissipou na sequência dos fatos e na consequente desarticulação dos manifestos populares.

Diferentemente da sua colega, **Kauê** mostrou isenção ao analisar as manifestações e os elementos propulsores das proporções que elas ganharam por todo o Brasil. Apesar de serem dados gerais, sem riqueza de detalhes, o professor em formação inicial demonstrou estar atento a alguns dos imbróglios políticos da década de governo do Partido dos Trabalhadores na presidência da república. Atenção voltada, principalmente, às relações entre os movimentos sociais e sindicais com a política governamental, e também, como citado anteriormente, aos itens que compuseram a pauta das "Jornadas de Junho", como passaram a ser denominadas as manifestações do inverno de 2013.

Sem a pretensão de generalizar essa análise, as diferenças de perspectivas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa representam, até certo ponto, os limiares de posicionamento em que os segmentos sociais se encontram com relação às manifestações que tomaram conta do país durante quase 30 dias. Alguns que, na efervescência dos chamados para a rua, foram sem nem mesmo refletir o porquê, outros que cansados com o conjunto dos problemas sociais que assolam o país botaram para fora os gritos de tudo que lhes angustiam no cotidiano e aqueles que já envolvidos nos movimentos sociais de tempos anteriores renovaram as esperanças da luta e voltaram a entoar palavras de ordem por uma transformação social e política no Brasil.

Posicionamentos diferentes que também apareceram nas interações que os sujeitos realizaram em suas páginas pessoais do

Facebook no momento em que os debates na rede se acaloravam com o acontecimento diário de manifestações nas ruas das cidades de todo o país.

Na Figura 13, abaixo, é possível visualizar no compartilhamento realizado por **Ronaldo** uma análise comparativa indicando as diferenças em números e valores reais dos prejuízos que um dia de manifestação com a participação de dez mil pessoas na cidade de Florianópolis pode ter causado aos cofres públicos diante dos gastos que se tem para a manutenção dos políticos que compõem o poder legislativo nacional em Brasília. Uma maneira de justificar e de tentar atribuir legitimidade aos atos de protestos que aconteciam na cidade e que foram criticados por muitos populares por estarem fechando a única ponte de acesso e saída à capital do estado nos horários de fim de expediente, ou seja, de maior trânsito em ambos os sentidos do tráfego.



Figura 17: Compartilhamento de Ronaldo em 23/06/2013.

Na Figura 14, abaixo, **Kauê** compartilha uma foto com conteúdo que segue o mesmo sentido das afirmações dele supracitadas no texto. A imagem traz uma charge que satiriza um dos comentários que marcaram

as manifestações de junho, de que o Brasil somente agora acordou para reivindicar, mas que na concepção partilhada pelo estudante é preciso reconhecer que já há alguns anos que alguns cidadãos ou grupos sociais brasileiros lutam por causas populares.



Figura 18: Compartilhamento de Kauê em 18/06/2013.

Apesar das variações entre as análises dos sujeitos da pesquisa acerca das manifestações sociais, um elemento que apareceu como unanimidade nos apontamentos feitos por eles foi sobre a cobertura midiática do contexto social que se configurou naquele instante. Apresentaram-se avaliações e percepções que tomaram o cuidado para não serem traídos pelas opções voláteis do discurso da mídia durante os dias de tensão e incerteza social por todo o país.

***Ronaldo:** [...] foi uma coisa que dividiu a atenção do mundo que tava acompanhando a Copa das Confederações, entendeu? Que nem antes o auge era para ser a Copa das Confederações, mas já no primeiro dia, a abertura aconteceu o que aconteceu e durante toda a competição, então desfocou um pouco a Copa das Confederações.*

Por isso eu acho que teve um aumento... porque eu parei para pensar que se não fosse durante essa competição, se fosse antes ou depois não ia ter tanto a repercussão que teve a nível internacional, talvez até um pouco pra nós. Tanto que nos próprios jogos os narradores na Globo falavam sempre os números de manifestantes que tinham e aí tu ia ver em outra revista era bem maior o número, mas eu acho que desfocou sabe, ficou dividido, por isso que eu acho que foi até melhor para a manifestação sabe, encorpou mais, teve mais importância.

Kaue: *Ai eu acho que a mídia teve um papel fundamental, porque se tu for ver no início... quando se iniciou mesmo esse processo, tem até um discurso do Arnaldo Jabor "malhando o pau" nos manifestantes e dois dias depois quando a mídia viu que tomou o corpo que tomou, acho que muito pela influência das redes sociais, ele mudou totalmente o discurso e a Globo, a mídia em geral, não só a Globo, mudou o discurso sobre as manifestações, daí levando sempre aquele caráter nacionalizante do "verde-amarelo", os "sem partido", [...] mas eu acho que a mídia mudando esse discurso tão rapidamente é de se fazer uma análise retrograda que acho que como ela serviu para apoiar o povo para ir pra rua, mas tem que ver a quem que ela tava servindo, porque que ela ia se posicionar daquela maneira, naquela conjuntura.*

As afirmações de ambos os sujeitos da pesquisa trazem o indicativo de como eles dão agência à aparente passividade da ação de consumir os conteúdos midiáticos. Nos dois argumentos, baseados na referência da hegemonia da emissora Rede Globo, é possível perceber a atenção existente por parte dos estudantes acerca da cobertura interessada da indústria midiática sobre o fenômeno social das manifestações.

Ronaldo vai além disso e acredita que as manifestações deixaram turvas as lentes dos holofotes do espetáculo esportivo, no caso a Copa

das Confederações, e se beneficiaram das dimensões mundiais que o evento de futebol da FIFA consegue ter para aumentarem as suas proporções e as mobilizações em níveis nacionais e até internacionais.

Kauê, não muito diferente, segue a mesma linha de análise da cobertura midiática acreditando que a mídia colaborou para a disseminação e mobilização nacional das manifestações sociais pelas ruas do país, mas faz ressalvas para o cuidado que se deve ter ao depositar a confiança nesses tipos de veiculação da mídia que, normalmente, serve a interesses comerciais e políticos particulares.

As duas análises trazem à tona a estratégica e oportunista apropriação do tradicionalmente hegemônico (tele)espetáculo esportivo pelos reclames sociais de subversão e, em certa medida, de recusa ao produto institucional a ser consumido, os megaeventos esportivos. Retoma a mediação da *institucionalidade* (MARTÍN-BARBERO, 2009), conforme discutida anteriormente, contraposta pela *socialidade* representada pelas tramas sociais no contato com o poder tanto na hegemonia como na contra-hegemonia, na polissemia da interação social (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Questões que contrariam aquilo que está previsto, inclusive, no desenho laboratorial do esquema da cultura de massas, no qual "mesmo quando o público se rebela contra a indústria cultural, essa rebelião é o resultado lógico do desamparo para o qual ela própria o educou" (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 119). Os sujeitos da pesquisa, neste caso, demonstraram que não estão desacostumados à subjetividade como alertavam os autores na crítica à indústria cultural. Mais do que isso, a lucidez com que eles revidaram aos ataques estratégicos da mídia às manifestações sociais nos traz elementos para pensar como é possível o espetáculo servir à cidadania, assim como de costume acontece no sentido inverso, quando o espetáculo se apropria dos bens públicos e transforma a tudo em bens de consumo.

Não diferentes, interações promovidas pelos sujeitos da pesquisa no Facebook também ressaltaram o "vaivém da mídia"³⁹ na cobertura

³⁹ Em matéria publicada na edição de julho de 2013 na revista *Le Monde Diplomatique Brasil* (ano 8, número 72), o sociólogo e jornalista, Laurindo Leal Filho, professor de jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), denominou como "vaivém da mídia" as variações da cobertura jornalística das emissoras de tv nacionais sobre as manifestações que aconteceram nas ruas do país no mês de junho. Segundo palavras de Laurindo: "Havia nas coberturas também uma certa esquizofrenia.

dos protestos pelas ruas do país. Diante da repressão e da violência utilizada pela polícia na tentativa de controlar os manifestantes e acabar enfraquecendo os manifestos populares que ganhavam a cada dia mais força desde o início do mês de junho, o compartilhamento realizado por **Daniela** (Figura 15 abaixo) com uma foto de manifestantes entregando flores aos policiais e com os escritos de que "*aí a televisão não mostra*", representa os indícios da indignação existente pela cobertura que a mídia vinha fazendo criminalizando os manifestantes, tratando-os basicamente como baderneiros e vândalos.

Nesse sentido, é válido ressaltar também o papel desempenhado pelas rotas alternativas de consumo de informações que a internet propicia. Em outros tempos de hegemonia dos meios de comunicação de massa, quando apenas um emissor falava para muitos, quando se controlavam os enunciados, os discursos e as imagens que circulavam e chegavam até o público, dificilmente conteúdos comprometedores ou subversivos massificavam-se. Hoje, com a ampliação das trajetórias de consumo e circulação através da internet, imagens como a compartilhada por **Daniela** (Figura 15) alcançam facilmente a esfera pública que consegue, além disso, coloca-la em circulação, como foi o caso. É a ideia de que a internet proporciona a dissolução das massas, subvertendo-as em multidões (MALINI; ANTOUN, 2013).

Entusiastas das manifestações "pacíficas", as emissoras no entanto, não se cansavam de mostrar atos de vandalismo, sem nunca tentar descobrir de onde eles partiam e com que intenções. O importante era o espetáculo das chamas e da destruição, capaz de conquistar alguns pontos a mais de audiência".



Figura 19: Compartilhamento de Daniela em 15/06/2013.

Da mesma maneira ocorre com a postagem realizada por **Ronaldo** (Figura 16 abaixo) questionando o discurso indutor veiculado pela cobertura midiática da Rede Globo ao denominar alguns grupos populares que protestavam nas ruas como "manifestantes radicais". O questionamento mostra a preocupação de leitura discursiva do sujeito com relação aos modos como a mídia trata o fato social. Assim, a postagem completa, com os comentários dos amigos dele na rede, aponta como a produção de conteúdo e as interações comunicativas estabelecidas na rede podem ser emancipadoras em relação a uma cultura midiática alienante.



Figura 20: Postagem de Ronaldo em 17/06/2013.

Malini e Antoun (2013, p. 249) analisam essa relação de associação entre a internet e as ruas em contraponto aos discursos da mídia.

As narrativas compartilhadas na Internet fazem parte de um movimento social que recusa a hierarquização de representantes e representados. Recusa a naturalização do funcionamento do poder. Recusa deixar para a mídia tradicional o poder de dizer o que pertence ou não ao acontecimento. A centralidade do poder funciona nessa separação. Não se trata de desqualificar os saberes dos especialistas e eruditos, e sim de questionar a sua clausura e seu isolamento. A multidão questiona essa divisão, diante de um conhecimento instável, não mais recluso a uma sala de redação, a uma solitária máquina de escrever ou a um laboratório de pesquisa. E quanto mais os sujeitos estão juntos e imersos em um acontecimento de rua, mais intenso e emocional fica o compartilhamento das informações na internet. A narrativa se multiplica e se alarga nas redes sociais. A conversação se torna mais duradoura povoando a cartografia de controvérsias. Os novos modos de pensamento e luta (seja qual for sua dimensão) passarão cada

vez mais pelo agenciamento entre a internet e a rua, pois ambas têm uma qualidade comum: exprimem o barulho da multidão.

A falta de centralidade nas narrativas que se estruturam nas redes, da mesma maneira que em outros tempos e ainda hoje acontecem no boca a boca das ruas, ganham maiores proporções e vêm mostrando mais eficácia talvez devido a esse maior volume que a capacidade de conexão da internet possibilita. Há ainda, entranhado ao fenômeno de mobilização via redes sociais, o fator subjetivo da confiança pessoal entre os pares que estabelecem esse tipo de comunicação em rede. Desse modo o efeito multiplicador é alicerçado pela fiança que cada sujeito usuário tem nos seus amigos e seguidores.

A partir dos dados colhidos nas observações da pesquisa no Facebook, nos parece consolidar-se o conflito que se configurou nesse período de manifestações e de reivindicações sociais pelo Brasil. Uma mídia de massa que apesar de render-se à cobertura dos protestos, a faz de acordo com os seus interesses e ao seu modo discursivo, com a fragmentação dos recortes audiovisuais que lhe são pertinentes politicamente e comercialmente, ainda sob a lógica do espetáculo. Do outro lado, as redes sociais que através dos mecanismos fornecidos pelas plataformas em que funcionam, possibilitaram a produção e a circulação de conteúdos contextualizadores da complexidade que compõe os fenômenos e as instituições sociais, como a política, a economia e o esporte.

O conflito midiático, segundo Malini e Antoun (2013), ganhou algumas denominações, dos quais o que diz respeito aos usos intensivos das grandes corporações, que geram impressões sobre determinadas realidades para grupos sociais específicos, chama-se "guerra da informação". "Guerra em rede" foi o nome definido para a comunicação da internet que procura estabelecer narrativas sobre algum acontecimento sem ter lugar fixo na mídia de massa. Mas, para os autores, o que compõe efetivamente o cerne desses embates é a luta pela primazia das narrativas e o sucesso de alguma ação coletiva, seja ela de consumo no caso da informação, ou de circulação no caso das redes.

A oposição comunicacional que ficou exposta neste caso das manifestações sociais de junho de 2013 no Brasil caracteriza também os embates político-sociais que se constituíram nesse contexto. A mídia considerada como enunciativa e suporte operacional da direita

conservadora e a rede social como espaço de emissão e difusão dos discursos de resistência e subversão da esquerda revoltada. Os sujeitos da pesquisa também se posicionaram com relação a esses conflitos entre esquerda e direita nos confrontos políticos das ruas.

Kauê: *Outra análise que eu faço é que a direita se aproveitou desse espaço para tentar desmobilizar as mobilizações, o que em certa parte conseguiram, mas acho que já se mostrou um avanço sendo que há tanto tempo não tinha tantas mobilizações assim em âmbito nacional, é isso [...]. E em relação as manifestações, o que eu ouvi foi que teve uma criminalização muito grande no início, mas depois da forma, da proporção que foi tomando as manifestações acho que a mídia teve que... viu um meio de lucro ali, vamos cobrir as manifestações, o pessoal vai assistir, a gente vai ganhar dinheiro e no meu ponto de vista também, como formadora de opinião a mídia tava fortalecendo a direita.*

Amanda: *Foi um movimento inicial de esquerda, mas eu acho que em função sobretudo da conjuntura do espírito do tempo, fluido, atual, que é de uma certa cultura despolitizada, apartidária, isso não é uma característica do Brasil me parece, parece ser os metadiscursos na dita pós-modernidade, eles se esfacelaram. Portanto, o pessoal ficou meio sem saber para onde ir e me parece que essas manifestações, elas embora sejam uma coisa positiva, porque mostram que há resistência também, por outro lado aparece, dá vazão, por exemplo, para atitudes fascistas, para anarquistas se colocarem e enfim, para todo tipo de posicionamento, dos mais conservadores para os de extrema esquerda, então tem os bônus e os ônus para esse tipo de situação.*

Daniela: *Olha, pelo [tele]jornal, tipo RBS e na Record, essas coisas eu acho que só mais com as imagens mesmo, porque eu acho que eles utilizam palavras mesmo para manipular a pessoa, porque o jeito que eles falam, algumas vez eu vi, parece*

que os estudantes estavam errados, que estavam indo pra fazer baderna, tanto que eles comparam aqueles que só vão realmente para agredir policial com os que vão realmente lutar pela causa, por isso que eu digo que só com a imagem já mobiliza bastante e o facebook que acho que ajudou mais na questão de combinar, "ah, vamo"! e os convites lá do "face" convidaram uma galera que daí mostrava as pautas certinho assim. Então foi um pouco dos dois, a mídia e o facebook.

As afirmações dos sujeitos dão destaque aos elementos positivos que se sobressaíram no conjunto total da complexidade que permeou as manifestações sociais no tamanho e nas proporções que elas acabaram tomando pelo país. Eles também apontam a força estratégica de desmobilização do conservadorismo da direita política.

Entretanto, **Amanda** direciona algumas críticas a uma possível superficialidade dos movimentos sociais no Brasil de contexto cultural neoliberal, sem definição de posição política e de discursos frágeis. Nesse sentido, elucida-se a importância das redes sociais no ativismo digital e na mobilização das multidões como contrapeso a esses argumentos apresentados por ela.

Porém, **Daniela** amplia as reflexões nos seus apontamentos e deixa transparecer a importância que a cobertura televisiva ainda tem na veiculação de informações, sobretudo nos usos que a TV faz das imagens que são transmitidas para os telespectadores. No caso da estudante, ela acredita que esse foi um importante meio mobilizador das massas e que acabou motivando os sujeitos a se inserirem nas manifestações de rua articulando-se via comunicação nas redes sociais. Ou seja, ela indica acreditar que há complementaridade e continuidade de discursos nos diferentes meios de comunicação.

Sob essa lógica, na perspectiva da cultura de convergência (JENKINS, 2009), mais do que o simples entrelaçamento das diferentes mídias nos meios digitais, além da possibilidade de participação efetiva dos sujeitos e da colaboração a partir da inteligência coletiva na rede, o paradigma da convergência digital pode se configurar como trajeto de projeção e prolongamento dos discursos midiáticos e sociais. O que anteriormente dependia basicamente das interações face a face e das interações mediadas (THOMPSON, 1995) para se difundir pela esfera

pública, hoje, através das possibilidades comunicacionais das mídias digitais, principalmente das redes sociais, o processo de produção, circulação e disseminação de conteúdos flui com maior velocidade e alcança maiores amplitudes espaciais de ponta a ponta. Aquilo que alguns estudiosos virão chamar da funcionalidade *peer to peer* da comunicação pela internet.

4.2. A circulação, a produção e o consumo de ponta a ponta na rede: o excesso de vozes é um problema?

As possibilidades de uso que caracterizam as redes sociais da internet já são, por muitos, sabidas. O fluxo contínuo e permanente de atualização das informações, a grande quantidade de conteúdo que é produzido e que circula na rede devido à abertura da permissividade da autoria, a velocidade com que esse material é posto em circulação através da multiplicidade de caminhos de compartilhamento que as plataformas digitais abrem aos usuários e o rompimento das barreiras espaciais e temporais entre as interações sociais que se estabelecem nos ambientes virtuais.

Essas características compõem a ambiência do universo comunicacional digital nas plataformas das redes sociais virtuais. São elas que constituem a cultura participativa de colaboração e coletividade na web 2.0. Considera-se, em muitos casos, esses elementos como os fatores primordiais e propulsores para o desenvolvimento de grandes manifestações sociais que vem acontecendo pelo mundo nos últimos anos. São citadas, como exemplos disso, a revolta de Seattle em 1999 nos EUA, a Primavera Árabe, o 15M na Espanha, o *Ocuppy Wall Street* também nos EUA, entre outras. **Amanda**, uma das interlocutoras da pesquisa, também citou duas dessas manifestações sociais como partes de um movimento global de constituição de protestos via redes sociais.

Assim, diante dos desdobramentos que as manifestações sociais tiveram no Brasil, de maneira parecida com as supracitadas, com o protagonismo da ação da população nas redes sociais, sobretudo com o compartilhamento de informações importantes sobre os atos de protestos que aconteciam nas principais cidades do país, criando-se uma grande lista de discussão online através de *hashtags*⁴⁰ que chegaram aos *trend*

⁴⁰ As *hashtags* aparecem como uma estratégia de auto-organização informativa das redes sociais na internet, uma forma de coordenação midiática de agendas/pautas que estejam em evidência momentânea e em grandes

topics das redes nacionais e internacionais. Ao serem questionados sobre o papel que as redes sociais assumiram nas Jornadas de Junho, os sujeitos da pesquisa corroboraram com a capacidade impulsionadora de circulação das redes, mas também apontaram elementos que podem ser problemáticos para a eficácia da ferramenta de comunicação.

Ronaldo: *Eu fui em duas manifestações aqui em Florianópolis, mas assim, a gente via que uma pessoa lá no Norte do Brasil criava uma frase e daí uma pessoa aqui de Florianópolis vai, pega aquela frase e usa ela também, uma coisa que era legal, a gente via fotos, frases, via coisas que animavam sabe? Não era aquela coisa bagunçeira, não era por qualquer coisa.*

Kaue: *Eu acho que assim, tem os prós e os contras das redes sociais. Acho que como ela pode... como ela influenciou na divulgação, por ser um espaço muito acessado, ela se amplia muito rápido, aí a questão do número de pessoas nas ruas se deu muito pela questão da divulgação via, principalmente, Facebook. Mas acho que tem os contras também que é a questão dessa divisão que teve [...]. A questão do apartidarismo e do nacionalismo se deu muito por algumas intervenções nesses eventos que eram criados para divulgar e que geravam um debate ali, mas nesse debate o senso comum sempre acaba sobressaindo e acho que foi um reflexo dessa influência da rede social.*

Amanda: *Eu acho que se por um lado tem essa coisa positiva que se materializou nas manifestações, que é a força que as redes sociais tem de mobilizar as pessoas, por outro, eu acho que o ponto negativo me parece que esse tipo de dispositivo são... a rapidez que ali as coisas no*

proporções. "A narrativa dos muitos, com uso de *hashtag*, ultrapassa e reinventa a noção *breaking news*. Ela traz a autonomia para o modelo da mídia online, porque faz da vida e da história as condutoras do tempo real, ao não paralisar o tempo, mas apropriar-se dele e reterritorializá-lo com a narrativa coordenadora da ação coletiva". (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 188).

mundo virtual acontecem, então você vê um termo lá, "O gigante acordou", aquilo ali aparece assim naquela coisa de atualizações lá, uma série de amigos seus usam aquele termo e num segundo momento, não muito distante desse primeiro, as pessoas já começam a criticar, mas como assim né? Que não é mais gigante. Então eu acho perigoso essa rapidez, não nos estimula a pensar realmente sobre cada discurso e que nos faz de alguma maneira aderi-los sem muita compreensão.

A argumentação dos sujeitos segue a mesma linha de entendimento sobre a força das redes sociais como espaço mobilizador de multidões em prol de uma mesma causa ou de luta por interesses que convergem, mas **Kauê** e **Amanda** chamam a atenção para a intensidade do fluxo de circulação e de atualização de status na rede, o que para eles acaba por fragilizar as informações e os conteúdos dessas discussões que acontecem online. Eles fazem a ressalva de que a celeridade demandada por essas plataformas de comunicação nos ambientes virtuais restringe o momento de reflexão dos sujeitos que acompanham as *timelines* em tempo real.

Nesse sentido, uma engrenagem comunicativa que, apesar de funcionar movida pela produção de discurso de diversos emissores, apresenta semelhança com uma das principais características das diretrizes do esquema da indústria cultural, o solapamento de qualquer possibilidade ou necessidade de reflexão dos sujeitos consumidores. Se sob a tutela da cultura de massas, a tudo se conferia um ar de semelhança através da sobrevalorização da estética em detrimento do conteúdo do produto (HORKHEIMER; ADORNO 1985), em tempos de cultura participativa, pode-se ter um grande número de "vozes" que falam e que se comunicam nas redes, mas a velocidade com que elas fluem no tempo e no espaço online acabam por torná-las, em poucos instantes, obsoletas, ultrapassadas e, assim, ganharem ares semelhantes aos discursos massificados em um senso comum.

A comunicação nas redes seria, portanto, conforme discutido por Malini e Antoun (2013), "comunidades de araque" nas quais circulam muito mais assuntos de interesses transnacionais e transculturais, o que acaba provocando o declínio do capital social e o desengajamento

cívico. Para os autores, dessa maneira, estaríamos agora ameaçados não só pela devastação desenvolvimentista do modelo político e econômico a que estamos submetidos, mas também pela inanição preservacionista.

Porém, ao mesmo tempo, na tentativa de compreender essas relações do real com o virtual e as dimensões da configuração democrática constituída no ciberespaço, Malini e Antoun (2013, p. 78) dissertam que:

no espaço dialógico da realidade virtual da internet, a sociedade se revelaria "um corpo multivozes metamorfoseando-se", implicando para a democracia, real ou virtual, a necessidade de sustentar a interação ou a solidariedade das vozes do seu corpo e, ao mesmo tempo, de respeitar sua heterogeneidade.

Entre essas demandas por ser solidário e heterogêneo, dos pontos problemáticos apontados pelos sujeitos acerca das redes sociais, fica o indicativo de que nessa lógica de excesso de produção e de circulação virtual preconiza-se, na maioria das vezes, muito mais a repercussão das interações realizadas na internet do que propriamente o conteúdo que foi veiculado nas páginas pessoais dos sujeitos.

Essa preocupação levantada pelos futuros professores pode ser percebida no conteúdo das interações que eles realizaram nas suas páginas pessoais do Facebook. Nas postagens e compartilhamentos que foram feitas durante as manifestações, eles mostraram engajamento político na mobilização e no convite à participação dos seus pares nos atos que aconteceram na cidade. Na Figura 17, abaixo, é possível visualizar o compartilhamento de **Diogo**, sem comentários do autor, mas objetivo na mensagem que busca emitir com a foto de uma criança segurando um cartaz que convoca as pessoas para irem às ruas lutar por algumas causas.



Figura 21: Compartilhamento de Diogo em 21/06/2013.

Na Figura 18, abaixo, já é possível perceber o envolvimento do sujeito da pesquisa nas manifestações da cidade e o caráter meramente disseminador da informação que é emitida ali, pois também não há nenhum comentário do autor. Apenas algumas palavras sobre o ato de protesto que aconteceu no dia anterior e o convite para a próxima mobilização que aconteceria alguns dias depois.



Figura 22: Compartilhamento de Kauê em 19/06/2013.

Não diferente do que apresentaram sobre a atividade de compartilhamento e circulação nas redes, os sujeitos da pesquisa também afirmaram ter o costume de buscar e de consumir conteúdos e informações sobre as manifestações sociais no Facebook e em outras redes sociais. Não só fizeram circular, mas também acessaram por dentro da plataforma de comunicação materiais condizentes ao momento de efervescência do país.

Conforme supracitado, em uma associação e como forma de continuidade entre os discursos midiáticos tradicionais e aqueles produzidos através das comunidades de discussão nas redes sociais da internet, eles explicaram que variavam as estratégias de busca para se manterem informados acerca do turbilhão de fatos que ocorriam pelo Brasil. Apesar de tudo, eles sempre ratificaram a necessidade de cuidado e da leitura crítica do que é produzido pela mídia e também ao que é acessado na internet em meio a tanta informação.

Daniela: Era mais pelo facebook e pela televisão mesmo, pelo jornal, eu queria ver a maneira que eles tavam colocando... Eles criavam eventos no

"face" e convidavam as pessoas para as manifestações e pelas aquelas "fotinhas" que eles colocam e escrevem, mais por isso assim... Até tinha vídeos também, até de uma jornalista que foi acertada por uma bala de borracha e tem vários vídeos no youtube que o pessoal compartilhava.

Amanda: Quando eu queria ver a imagem do que estava acontecendo obviamente eu ligava a televisão, mas isso não significa que aquele discurso do que eles estavam falando ali acerca da manifestação significasse alguma coisa. Mas as informações em si elas estão ali quando você abre o facebook, você não precisa nem ir buscar, elas já estão, aparecem pra você.

Ronaldo: [...] as informações eu também buscava tudo pelo facebook, depende do que a gente "curte". A gente vai, curte uma página lá e quando vi que começou as manifestações já curti três páginas [...] que daí já o que acontecia era duas postagens de um amigo teu e uma de uma desses quatro que eu havia curtido, daí aparecia lá no Rio de Janeiro aconteceu isso, em Salvador não sei quantas mil pessoas tão na rua agora.

Kaue: Acho que principalmente foi o facebook e aí se tu quer se aprofundar em alguma análise tu ia nesses jornais mais críticos. Não sei se todo mundo conhece a "Mídia Ninja" que tá atuando bastante no Rio e São Paulo, quando eu queria ver as mobilizações fora dos estádios eu buscava por lá, que é uma mídia que estava mostrando a realidade das manifestações.

As afirmações dos sujeitos indicam que, mesmo em uma única rede social como o Facebook, há diversificadas possibilidades e mecanismos de busca e acesso a todo tipo de conteúdo a que interessar, não sendo diferente com o de caráter jornalístico das mídias tradicionais. Dentro dessa lógica, as grandes empresas da indústria midiática e

jornalística adentraram o mercado que se abriu via redes sociais e passaram a criar as suas próprias *fan pages* para que os seus consumidores curtam, sigam e possam ter a sua chegada até o conteúdo produzido por vias mais fáceis.

Para Moraes (2009), as redes sociais são na verdade um grande nicho de mercado, pois a maioria delas, ao menos as mais famosas, pertence a gigantescas corporações de informação e entretenimento que trabalham tanto na produção de conteúdos e eventos compartilhados como em campanhas publicitárias, as quais exigem plataformas de grande visibilidade na web e extensos cadastros de consumidores potenciais. Portanto, para o autor, é uma maneira de monitoramento de hábitos culturais dos grupos sociais para que proliferem as práticas de consumo, mas ele também não descarta que há "brechas digitais", as quais, mesmo ainda permeadas por algumas desigualdades de acesso às redes mundo afora, essas novas mídias abrem sim novas oportunidades e criam possibilidades. Esse alerta relativiza a cautela para não tomar a internet e as redes como um "eldorado digital capaz de suplantando o poderio midiático" (MORAES, 2009, p. 253).

Aliada aos espaços oportunos das redes, **Kauê** cita o exemplo da "*Mídia Ninja*" (Narrativas, informações e jornalismo alternativo), um grupo descentralizado de mídia que atua principalmente na produção, veiculação e cobertura de fatos e notícias que normalmente não circulam nos veículos de comunicação tradicionais e hegemônicos. Eles trabalham compartilhando vídeos em *livestream* (em tempo real) de atos sociais e públicos que dificilmente teriam grande repercussão midiática. Um tipo de cobertura colaborativa que tem papel subversivo ao *modus operandi* da cobertura tradicional que constrói uma agenda informativa contra-hegemônica (MALINI; ANTOUN, 2013).

A *Mídia Ninja* nesse caso aparece como uma ameaça aos meios massivos, pois ela procura aproximar ativistas e formadores de opinião social, desconstruindo o círculo vicioso de consumo pelas mídias tradicionais e libertando os sujeitos da "prisão ao agendamento midiático". Configura-se o que Moraes (2009, p. 247) chamou de sistema cooperativo do ativismo digital que "contraria a obsessão capitalista de tirar proveito em trocas lucrativas, pois não utiliza a mão-de-obra com finalidades mercantis; o interesse básico é gerar, trocar e socializar ideias e conhecimentos, numa perspectiva crítica". É possível visualizar o exemplo na figura 19, abaixo, do compartilhamento de **Kauê** sobre a atuação da *Mídia Ninja* durante as manifestações.



Figura 23: Compartilhamento de Kauê em 22/07/2013.

De tal forma, os sujeitos da pesquisa deixaram transparecer que mesmo em meio ao excesso de "vozes", discursos e conteúdos que se disseminam na internet e nas plataformas das redes sociais, a comunicação ponta a ponta do modelo interativo da web 2.0 pode ter eficiência informativa, esclarecedora e mobilizadora, se tratada com o cuidado que a leitura e a reflexão crítica exigem. Portanto, para eles, as redes sociais no contexto das manifestações sociais de junho de 2013, ao mesmo tempo que exerceu um papel mobilizador da população como um todo, também provocou problemas de compreensão e interpretação da realidade dos fatos que ocorriam naquele momento devido à sua instantaneidade informativa, tendo como consequência disso, a superficialidade formativa dos sujeitos consumidores dos conteúdos.

A partir dessa breve análise sobre o papel das redes sociais nas manifestações que aconteceram no Brasil, os participantes do estudo apresentaram diferentes perspectivas sobre o entendimento deles acerca das diferentes funções que essas plataformas de comunicação na internet podem exercer no dia-a-dia de cada sujeito.

4.3. Formação, desabafo ou entretenimento: as múltiplas funções das redes sociais

O contexto das manifestações de junho, assim como outras já citadas que aconteceram e vem acontecendo pelo mundo, demonstrou a capacidade que as redes sociais vem demonstrando de exercer o papel de espaço de mobilização de multidões. O sistema de ramificações comunicativas que se conformam nas interações realizadas nessas plataformas virtuais tem colocado elas no centro do protagonismo social, já que uma das características de configuração desses ambientes online é a possibilidade de manter o anonimato dos sujeitos que compõem esses diálogos. Os movimentos se constituem sem lideranças, sem personagens referenciais e acabam deixando o papel principal para a ambiência onde tudo acontece, as próprias redes sociais.

Ao compreender esses diversificados papéis que as redes sociais da internet podem exercer de acordo com as demandas que surgem e se configuram nos determinados espaços e tempos da história social, a funcionalidade delas relativiza-se de acordo com a concepção de utilidade e de serviço que cada sujeito pode lhes atribuir. Assim como a televisão teve e continua tendo um papel massificador na sociedade, mas as suas funções dependem dos usos e apropriações que cada sujeito receptor ativo (MARTÍN-BARBERO, 2009) faz dela, se de consumo e alienação, se de leitura de mundo, se de modos de se apropriar e subverter os discursos hegemônicos, as redes sociais vem tendo um papel mobilizador da sociedade contemporânea, porém as funções atribuídas a elas ainda são pouco conhecidas e discutidas com os sujeitos que as usam.

Nesse sentido, perguntamos aos sujeitos da pesquisa quais os usos e os sentidos que eles davam às redes sociais no seu cotidiano. Nas respostas foi possível identificar múltiplas funções, incluindo-se desde questões genéricas, como ferramenta de superação e esclarecimento social acerca da realidade vivida e vista via conteúdos da rede, até

dimensões do plano pessoal, como acesso à informação e meio de entretenimento.

***Kauê:** [...] sempre houve muito preconceito com relação a manifestação, a isso tudo que ocorreu agora, e acho que isso consegui ser quebrado a partir desse momento que todo mundo se viu ali enquanto povo. Pelo que eu vi, a repressão da polícia, principalmente a de São Paulo e a questão das filmagens, tudo que começou a rolar pelas redes sociais também foram mexendo um pouco com a população e ela se viu ali enquanto construtor daquele movimento.*

***Diogo:** O que é mais revoltante, mais triste, tem hospitais aí que pessoas estão no corredor do hospital, doente, onde não tem camas para as pessoas ficarem e o cara vê "pow", a gente tá gastando milhões que poderiam ser gasto no caso em hospitais e não tá sendo feito. Tem hospitais agora que estão em péssimas condições e vai continuar o mesmo hospital, a mesma estrutura e não vai mudar nada. Ai o povo vê isso, sabe, vê isso através das redes sociais e entre outros meios por isso os caras vão lá e mostram a sua cara.*

As questões gerais elencadas pelos dois sujeitos nos permitem pensar o desacordo existente nos estudos da cibercultura acerca da dicotomia entre o real e o virtual. Primeiro, o exemplo citado por **Kauê** dá indícios de como as interações sociais com os conteúdos digitais que circulam nas redes, como fotos e gravações, podem reavivar o sentimento de pertencimento dos cidadãos que outrora tenham sido excluídos ou marginalizados socialmente. No caso, evidencia-se a desconstrução dos preconceitos constituídos historicamente no Brasil contra os movimentos sociais através das redes sociais e que podem ter recolocado em cena os sentidos populares quanto à cidadania e aos direitos e deveres públicos sem discriminação a qualquer classe ou grupo social de resistência.

O argumento apresentado por **Diogo** traz à tona a tendência da sociedade do espetáculo em mediar as relações humanas por imagens

(DEBORD, 1997), porém imagens que normalmente representam apenas um fragmento do todo social. Representações de um real descontextualizado que, muitas das vezes, omite uma série de fatos e elementos importantes para a composição da realidade vivida. Aqui expõe-se aquilo que Debord (1997, p. 15) afirmou ser o "pseudomundo a ser contemplado", onde a "realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é o real". Um modo doutrinador de conceber a veracidade do mundo vivido através de um recorte escolhido por filtros econômicos e políticos.

Nessa perspectiva, Kehl (2004, p. 57) ratifica a teoria de Debord afirmando que "o fluxo ininterrupto de imagens oferecidas pela televisão, organizado segundo a lógica da realização de desejos, dispensa o espectador da necessidade de pensamento". A autora coloca a televisão como aparato que veicula a obra "total" (em áudio e vídeo) da "realidade" cotidiana da vida. É um aparelho doméstico, onipresente, no ar 24 horas por dia, o que aproxima a individualidade privatizada e o espaço público, ou seja, o universo espaço-temporal da vida humana é substituído pela irrealidade transmitida da TV.

Desenhado esse quadro, a afirmação de *Diogo* atribui às redes sociais essa possibilidade de conhecer, com mais profundidade e com a ampliação do recorte contextual, os problemas que assolam a realidade de grande parte do Brasil. O que para muitos pode ser contraditório ou surreal seria a proeminência de visualizar e entender o mundo real através da abertura que as redes do mundo virtual proporcionam, diferentemente das opções editoriais muitas vezes interessadas que os meios de comunicação de massa fazem e que acabam fragmentando a realidade.

No que Debord (1997, p. 19) afirmou que "o espetáculo é o herdeiro de toda a fraqueza do projeto filosófico ocidental", ou seja, que a esperança do esclarecimento foi traída pela própria arma, pois a racionalidade técnica-instrumental constituía a falsa ilusão da autonomia do ser. Moraes (2009) acredita que os novos programadores, grupos ativistas da técnica que politizam as tecnologias, provam que a racionalidade instrumental não pertence só ao capital. Para o autor:

Esse tipo de ativismo opera mais para construir uma "política de conexões" entre os agrupamentos de que propriamente para construir um sistema comunicacional orgânico e estável. De fato, nessa ecologia organizacional flexível e cambiante,

variam as metodologias de atuação, os horizontes estratégicos, os estilos e padrões editoriais e os raios de abrangência (MORAES, 2009, p. 242-243).

Sob um mesmo entendimento, Malini e Antoun (2013, p. 206) acreditam que "o entendimento das redes nos permite, hoje, devolver ao pensamento a realidade do espaço, sua cidadania real no seio do mundo, afirmando que o assim chamado 'espaço real' é apenas mais um caso do ciberespaço, e que o espaço virtual é aquele que de fato nós sempre habitamos". Os autores entendem, portanto, que as redes sociais são, atualmente, os ambientes onde se torna possível apontar para uma nova ordem democrática que valoriza os cidadãos e lhes oferece segurança.

Em contraponto à sociedade do espetáculo descrita por Debord, na qual a humanidade teria sido solapada pelos ditames da lógica industrial de produção, consumo e controle social, a conversação e as controvérsias desenvolvidas nas redes sociais estariam provocando a regressão desse processo. Essa imaterialidade das redes pode estar trazendo de volta os sujeitos para os cuidados de si e dos seus direitos sociais e humanos, antes usurpados pelo capital alienante do modelo social vigente (MALINI; ANTOUN, 2013).

As conversas e controvérsias citadas conformam aquilo que vem se chamando de cobertura colaborativa ou "compartilhada", um tipo de interação nas redes sociais que estruturam o ciberativismo como uma forma de "corpo social" (MALINI; ANTOUN, 2013).

Embora em muitos momentos o noticiário colaborativo verse sobre os fatos - envolvendo celebridades, eventos esportivos e culturais, acidentes ou episódios políticos -, a força da colaboração reside na capacidade de produzir uma agenda informativa sobre aquilo que obteria pouca atenção na mídia ou teria tratamento ideológico e consensual pelos editores (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 246).

Destarte, a Figura 20, abaixo, representa um exemplo dessas possibilidades que as tecnologias e os meios digitais de comunicação abrem para disponibilizar, acessar e disseminar o tipo de conteúdo que

expõem acontecimentos que dificilmente teriam espaço para serem veiculados na mídia de massa. Nessa interação em rede, **Kauê** compartilhou um vídeo, ainda no momento inicial das manifestações em São Paulo, que mostra como policiais militares tentavam forjar atos de vandalismo dos manifestantes quebrando, eles mesmos, janelas de viaturas da própria polícia.

Essa fase, em meados de junho, foi um período divisor de águas para as manifestações sociais em algumas capitais e em todo o Brasil. Os atos de protesto, ainda acontecendo em localidades pontuais, iam ganhando legitimidade junto à população, enquanto os discursos oficiais e as ações da polícia procuravam controlar os revoltosos apelando para a violência e criminalizando-os, na tentativa de colocar a grande massa contrária aos manifestantes. No entanto, vídeos como este compartilhado por **Kauê** começaram a ser produzidos por populares que participavam ou que passavam pelos manifestos e foram postos em circulação na rede com o intuito de contar uma outra versão da história oficial que vinha sendo veiculada.



Figura 24: Compartilhamento de Kauê em 14/06/2013.

Outro exemplo da funcionalidade que as redes podem ter ao servir à sociedade informações reveladoras de problemáticas e imbróglis que constituem os bastidores da esfera pública, pode ser visto na Figura 21, abaixo. Em uma das intervenções do pesquisador

como provocador de debate sobre a temática da pesquisa nas redes sociais, **Ronaldo** mostrou-se surpreso com o conteúdo do vídeo que foi compartilhado em sua página e fez uma breve reflexão sobre o não aparecimento na mídia das famílias que estão sendo removidas das suas casas e comunidades para a realização das obras dos megaeventos. Como se vê, no mesmo instante ele replicou o vídeo na sua *timeline* e questionou aos amigos que viessem a visualizar o vídeo, o que achavam sobre o conteúdo.

Nesse caso, podemos perceber a dupla função que a rede social tem nesse processo. Primeiro, por permitir ao sujeito ter acesso e estar ciente de uma informação importante sobre o contexto social e econômico do país. Segundo, ele mesmo já faz uma interpretação própria e uma reflexão acerca do fato que passou a conhecer naquele momento e, logo em seguida, já dissemina o conteúdo para que os seus pares também possam acessar, tomar ciência, interpretar e, quem sabe, continuar difundindo a informação.

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas

Ronaldo Linha do tempo 2013 junho

Ronaldo compartilhou um link via Silvan
25 de junho

E aí, o que vcs acham?

Copa 2014: Quem ganha com esse jogo? - WORLD CUP 2014: WHO WINS THE MATCH?
ENGLISH: <http://www.youtube.com/watch?v=aAX0zSfrJK4> Este vídeo foi realizado com partes de vídeos gravados por moradores, videoativistas, mídias independente...

Curtir · Comentar · Compartilhar 1 1 1

Luan curtiu isto.

Ronaldo Verdadel
25 de junho às 12:06 · Curtir

Escreva um comentário...

Silvan compartilhou um link via Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas.
25 de junho

Quais são as reivindicações sobre os megaeventos que aparecem nas manifestações? Será só gasto excessivo de dinheiro público? Veja esse vídeo, talvez responda algo!

Copa 2014: Quem ganha com esse jogo? - WORLD CUP 2014: WHO WINS THE MATCH?
ENGLISH: <http://www.youtube.com/watch?v=aAX0zSfrJK4> Este vídeo foi realizado com partes de vídeos gravados por moradores, videoativistas, mídias independente...

Curtr · Comentar · Promover · Compartilhar 1 1 2

Ronaldo curtiu isto.

Ronaldo Verdadel! Pouco ou quase nada se fala sobre as desapropriações e as violações de direitos no país por causa dos mega eventos. Temos que aproveitar as manifestações para que todos saibam que não é só o dinheiro, mas sim a dignidade de milhares de famílias que está sendo tratada como lixo... Tudo que apareceu na mídia até agora foi o que protestamos na rua... Só vai para na globo se for assim... já que também estão ganhando dinheiro com isso!
25 de junho às 12:23 · Curtir · 1

Escreva um comentário...

Figura 25: Compartilhamento do pesquisador no perfil de Ronaldo em 25/06/2013.⁴¹

⁴¹ O vídeo que compõe o conteúdo da postagem apresenta um breve panorama dos interesses políticos e econômicos que circundam a realização da Copa do

Portanto, sob o olhar macrossocial, as redes sociais da internet podem prestar esses serviços de esclarecimento social sobre informações problemáticas de bastidores da cena política e econômica conforme explanado e exemplificado acima. Mas, na perspectiva micro, os sujeitos da pesquisa destacaram mais algumas funções que as redes podem ter nos usos e apropriações de cada um.

É válido destacar que nessa multiplicidade funcional concebida pelos interlocutores do estudo, não necessariamente uma utilidade anule a outra. Na concepção deles, a agência de cada sujeito nas plataformas é uma particularidade que se configura, principalmente, a partir dos interesses e demandas pertinentes aos usuários nos dados momentos de uso. Isso posto, as afirmações dos sujeitos da pesquisa indicam que as redes sociais podem funcionar como espaço de formação coletiva com os pares que participam e se comunicam por ali, mas também servem basicamente para atender a interesses pessoais da vida privada ou do ciclo de amigos com quem se relaciona e pode ser um meio de entretenimento virtual, como por exemplo os jogos que o Facebook disponibiliza.

***Daniela:** [...] em relação ao "face" e o que eu compartilhei ou escrevi era mais por desabafo mesmo e pra mostrar para as pessoas aquilo que eu pensava, não que eu tivesse uma expectativa de que as pessoas concordassem ou me criticassem, mas era mais de desabafo.*

***Kaue:** Então, no meu caso tudo que eu compartilhava e postava era principalmente para divulgar quanto para dialogar com aqueles... com grande parte que tava indo ou contra ou tomando outros rumos [...] mas a questão de compartilhar mesmo era mais pra divulgar e pra criar um processo de formação que eu acho que tu ir pra rua sem saber porque que tá ali é meio complicado, daí eu acho que essa questão do que era publicado e que no meu ponto de vista era*

Mundo FIFA 2014 no Brasil, além de mostrar brevemente os problemas sociais de moradia e de desrespeito aos direitos humanos que esse megaevento tem trazido a parte da população brasileira.

interessante é bem "massa" pra conseguir, por menor que seja, levar alguma formação para os amigos [...]Acho que quando tu consegue sensibilizar uma pessoa acho que já é um avanço, se tu consegue fazer com que uma pessoa tenha uma visão diferente acho que tu já alcançou o teu objetivo.

Ronaldo: *O facebook pra mim eu sou viciado, eu uso direto, só que eu uso pra mim sabe, eu não sou de curtir, de compartilhar, eu só curto e faço essas coisas assim... é difícil publicar alguma coisa sobre mim, eu uso mais pra me manter informado sobre algumas coisas [...] não curti muita coisa, curti pouca, mas eu curtia alguma coisa que tinha alguma relevância mesmo, porque era importante e que eu li e achei muito interessante que eu queria que meus amigos lessem e fosse interessante pra eles também, assim eles poderiam curtir e compartilhar para que outros amigos deles pudessem ter esse acesso também, eu fazia isso sabe.*

Amanda: *Ah eu costumo compartilhar pouca coisa também, talvez eu seja da geração antiga que vê esse tipo de mídia mais como entretenimento do que como espaço para isso. Eu acho adequado, acho válido talvez, é um caso a se pensar, mas não costumo compartilhar nada não e nem polemizar.*

Nesse caso, a afirmação dos sujeitos dá o indicativo das múltiplas funções que as redes sociais da internet podem assumir diante da subjetividade de cada usuário que está conectado. Porém, há de se considerar que as respostas dos futuros professores estão permeadas pelo contexto das manifestações que contagiaram a todos com sentimentos de coletividade e participação cidadã naquele momento em que o estudo foi realizado. Portanto, não nos cabe aqui tomar como regras as funções atribuídas por eles às redes sociais, em específico ao Facebook.

Contudo, esses dados produzidos com base na especificidade à que se propôs a pesquisa e nos acontecimentos de ocasião que acabaram se inserindo no recorte do objeto de investigação, deixam rastros das possibilidades de subversão que os diferentes usos das redes sociais da internet podem fornecer a sociedade. Tanto no que se refere à produção de discursos e conteúdos de resistência que promovam o conflito e que se posicionem de encontro aos discursos oficiais e massivos da mídia, como nos cuidados e cautelas que se devem ter com a velocidade e o excesso de informações advindas das interações no ciberespaço, as redes sociais podem exercer variados papéis e podem assumir múltiplas funções de contra-hegemonia ou não.

Visto isso, associamos os indicativos dos desdobramentos e implicações que as perspectivas das manifestações sociais vislumbradas até então podem, na concepção dos sujeitos da pesquisa, fazer delineamentos e trazer demandas para a Educação Física como espaço de intervenção e de formação de cidadãos.

4.4. A dificuldade em associar a prática da cidadania com a prática pedagógica: em busca de uma causa da Educação Física

Durante a apresentação dos dados pudemos visualizar diferentes posicionamentos dos sujeitos da pesquisa com relação à realização dos megaeventos esportivos no país, dos possíveis legados que eles poderão nos deixar como herança e análises detalhadas sobre questões sociais, políticas e econômicas que permeiam o universo do esporte espetáculo. Ficou perceptível que, apesar dos dilemas e indefinições que circundam o debate acadêmico e que acabam lhes deixando confusos quanto à abordagem do tema, eles apresentaram, de maneira geral, perspectivas críticas quanto aos imbróglis que constituem o complexo bastidor que prepara as cenas do show esportivo por acontecer no Brasil.

Não diferente disso, eles também mostraram-se bastante engajados na discussão sobre as manifestações sociais que tomaram o país em junho de 2013. Atentos aos fatos, apontaram a contaminação do espetáculo montado para a Copa das Confederações aos atos de protesto e cidadania que se aproveitaram dos holofotes virados ao país para exporem a luta popular pelos direitos de todos os cidadãos, ressaltando, sobretudo, os conflitos entre o discurso da mídia de massa que se posicionava à direita (conversadora) e as redes da internet que contribuía com a organização da esquerda (subversiva da ordem).

Além disso, deram indicativos dos papéis interativos da comunicação ponta a ponta na rede como importante meio mobilizador de multidões e deixaram transparecer a multiplicidade de funções que as redes sociais podem assumir diante da subjetividade dos seus usuários.

Isso posto, após o entendimento das percepções dos sujeitos acerca da abordagem pedagógica a ser dada à temática dos megaeventos esportivos no contexto escolar e depois de visualizar os espaços e momentos de formação proporcionados pela universidade que podem contribuir no relacionamento profissional e social com o tema em questão, solicitamos que os interlocutores do estudo identificassem os possíveis legados ou não legados que o acontecimento paralelo dos megaeventos esportivos com as manifestações sociais poderiam deixar para a Educação Física. No entanto, as respostas surpreenderam por se contradizerem ao anteriormente afirmado pelo mesmo grupo.

***Kaue:** Então, eu acho que o maior legado que deixou foi a questão de quebrar essa barreira de preconceito com manifestação e ir a rua reivindicar o direito. Na Educação Física, não sei. Acho que na Educação Física também... na Educação não sei fazer relação.*

***Amanda:** Primeiro eu acho que uma atenção mais apurada do posicionamento da mídia como eu disse anteriormente, ficou bem claro me parece. Para a Educação Física eu não sei, acho que ela... é um âmbito muito específico talvez, talvez a própria, os próprios integrantes da área pudessem ter tido um posicionamento mais firme acerca do que no âmbito profissional quer de modificação, aproveitando, puxando o peixe pro nosso lado, não sei, eu não vi isso entende? Não sei se pra Educação Física vai haver modificações significativas.*

***Ronaldo:** Pra mim, não pra Educação Física, que nem eles falaram antes, não consigo direcionar isso a ela, mas para o público infantil, para a criança tenha sido uma experiência legal, até porque tinha vários pais que levaram as crianças, avós que participaram da ditadura e viu as manifestações [...]Mas uma coisa interessante,*

uma coisa que é legal e por esse lado talvez tenha sido legal assim, talvez elas cresçam e daqui uns 3, 4 anos pode ter... mas num prazo maior, para elas poderem crescer e ficarem maior, talvez elas possam querer participar de uma manifestação como essa por terem visto essa do jeito que foi, mas não tem como direcionar direto para a Educação Física, no meu ponto de vista.

As três afirmações acima, em princípio, nos abre precedentes para pensarmos o quão contraditórias são as posições assumidas pelos sujeitos da pesquisa, de quando questionados no primeiro momento sobre o papel da Educação Física escolar no trato com o tema dos megaeventos esportivos, em comparação com a ausência de perspectivas nas respostas apresentadas para a possível herança das manifestações sociais sobre a realização dos megaeventos que poderia ficar e ser aproveitada pela área.

Eles conseguem visualizar pontos complexos da novidade causada pelo fator imprevisível do acontecimento da mobilização nacional, como por exemplo a superação da discriminação sobre os movimentos sociais no Brasil e a cautela que se deve ter com a flexibilidade tendenciosa do discurso midiático nesses momentos de tensão social como o ocorrido, mas nada disso pode estar associado a especificidade da Educação Física na visão deles.

Mesmo tendo mostrado compreensões críticas e efetivas das possibilidades de prática pedagógica que poderiam ser realizadas no tratamento educacional com o esporte na Educação Física escolar, sobretudo na Educação Básica (conforme afirmações supracitadas), ao serem provocados a refletir sobre esse projeto educativo esclarecedor, emancipatório, que valoriza as sensibilidades dos seres e centraliza o sujeito nas ações de ensino-aprendizagem, do qual eles mesmos demonstraram acreditar e terem propriedade, não conseguem filiar-lo ao cerne da luta cidadã que se configurou na pauta central das reivindicações.

Nesse momento, parece que todo o discurso crítico de inovação pedagógica no trato com o esporte na Educação Física escolar torna-se carente de um objetivo maior que lhe sirva de alicerce. As possíveis estratégias didático-pedagógica, que antes fora proferida pelos próprios sujeitos da pesquisa, se perdem na demanda pré-conceptiva pela

materialidade dos conteúdos tradicionais para a área. Essa mudança brusca de posicionamento, ou da ausência final dele, nos provoca a pensar que esse distanciamento entre a prática pedagógica e o exercício da cidadania remonta a dicotomia histórica da área entre teoria e prática, onde se concebe um "ativismo prático", mas se abstrai o "inativismo teórico", reforçando o "ainda não" da Educação Física escolar (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009; 2010).

González e Fensterseifer (2010) consideram que a Educação Física pouco tem sido pensada dentro de um projeto educacional que seja idealizado para uma "leitura de mundo". Os autores ressaltam que, assim, a prática da Educação Física na escola ainda está distante de ser um componente curricular no sentido de matéria escolar como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Desse modo, eles acreditam que:

nosso fazer não passava de uma 'atividade' que acontecia no seu interior. Nosso compromisso resumia-se a uma 'atividade' (fazer) e hoje somos desafiados a construir um saber 'com' esse fazer. Mais que isso, pensar um saber que se desenvolve ao longo dos anos escolares em complexidade e criticidade. (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010, p. 13).

Portanto, uma perspectiva que indica a dificuldade do desafio que está posto à Educação Física escolar e aos sujeitos que compõem o seu universo nas dimensões do processo de ensino-aprendizagem e da prática pedagógica que lhes são concernentes. Questão que se torna complexa, sobretudo, pela necessidade apontada por González e Fensterseifer (2009; 2010) em conhecer os contextos de atuação educacional, no caso a escola, e as responsabilidades socialmente atribuídas a ela como instituição republicana.

Mas, houve posição diferenciada quanto ao legado que as lutas populares do país deixam para a Educação Física. *Daniela* argumentou que, apesar da conformação e comodidade que grande parte dos professores da área apresenta, sem deixar de levar em conta as dificuldades estruturais e das condições de trabalho deles, é possível aproveitar a oportunidade desse momento de reivindicação cidadã vivido pelo país e trabalhá-lo pedagogicamente na formação social e

cultural de sujeitos críticos, preparados para exercer com autonomia e esclarecimento a sua cidadania.

***Daniela:** Para a Educação Física não muda nada, o pessoal tá dormindo igual... Pra quem se interessa dá pra fazer algo diferente com os alunos, pra tentar trabalhar esses assuntos com eles, não sei, começar a ver o que eles pensam e despertar esse lado crítico nos alunos sabe, isso acho que é muito interessante e os professores não fazem nas escolas, que eles se acostumam com o ritmo, eles se moldam com o que tá acontecendo ali e deixam isso de lado, mas deveria ser trabalhado com todos, até aqui na universidade.*

Diante disso, a dificuldade dos sujeitos em ter uma posição bem definida acerca da concepção que referencia a prática pedagógica a ser pensada para a Educação Física escolar deixa indicativos de certa fragilidade no próprio processo formativo dos futuros professores e assim, de maneira geral, reporta a um problema histórico da área que, segundo Santin (2001), constitui-se como uma "prática em busca de uma teoria".

CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS

Chegamos a esse momento final do estudo com respostas, indicativos, indícios, possibilidades, mas também com novas perguntas e novas inquietações. O espaço das considerações finais em um relatório de pesquisa como este vai criar sempre uma expectativa por conclusões com valor científico e apontamentos objetivos que atendam a rigorosidade acadêmica. Porém, diante da eminência de renovação constante das tecnologias e plataformas digitais de comunicação, algumas questões nos convocam um pouco mais de subjetividade. Por exemplo, o Facebook em permanente atualização; a aproximação da culminância dos megaeventos esportivos no Brasil, com a Copa agora em 2014 e as Olimpíadas em 2016; e o (re)nascimento do sentimento de cidadania e de participação política do povo brasileiro depois do Junho de 2013. Assim, deixamos claro, desde já, que tudo o que for considerado aqui nesta seção de encerramento do texto acreditamos que "nunca" será conclusivo como algo finalizador do tema em questão.

De todo o modo, buscamos aqui retomar o problema de pesquisa e as questões de investigação que nortearam o presente estudo. Mais do que uma tentativa de trazer respostas bem definidas dessas perguntas, é um esforço interpretativo de descrever e compreender subjetividades de uma realidade específica na qual nos concentramos sem a pretensão de fazer generalizações socioculturais sobre o objeto. Na verdade, o intuito é de apresentar reflexões que possam de alguma maneira contribuir no contexto da Educação Física e da temática que foi tratada neste trabalho.

É importante lembrar também que, apesar da especificidade local onde o estudo foi desenvolvido (UFSC - Florianópolis - Santa Catarina), o momento social, cultural, político e econômico do Brasil como um todo trouxe elementos imprevisíveis e diferenciados para os desdobramentos finais da pesquisa. As manifestações sociais que saltaram das redes sociais para tomarem as ruas do país exatamente no período em que a pesquisa estava em andamento, nos designaram uma tarefa de grande importância e responsabilidade, mas também nos abriram uma feliz oportunidade investigativa de estudar um fenômeno novo e de muito valor e esperança para a população brasileira.

Portanto, compreender como os professores de Educação Física em formação inicial interagem com o discurso midiático-esportivo no âmbito da convergência digital em meio a efervescência das

manifestações sociais que eclodiram no país via redes sociais, se tornou uma investida perigosa e difícil, mas ao mesmo tempo prazerosa pela exigência reflexiva que o estudo acabou tendo como demanda.

No percurso metodológico e nas estratégias de investigação, alguns desafios e dificuldades se apresentaram para o estudo. O primeiro foi o recrutamento de voluntários para participação na pesquisa. Convencer os estudantes sobre a importância da discussão do tema, da realização da pesquisa e da interlocução deles durante o processo investigativo, foi um esforço que demandou bastante diálogo e aproximação com os alunos do curso. Mostrá-los a materialidade de elementos, por muitas vezes, abstratos, como os que compõem a cultura esportiva, se tornou um desafio comunicativo e também de formação entre o pesquisador e os sujeitos.

Após esse momento inicial de convite e de conquista de voluntários, a dificuldade passou a ser a manutenção do envolvimento dos sujeitos na pesquisa. Tanto que, em princípio, sete graduandos se dispuseram a participar da investigação, mas, ainda na fase inicial de aplicação dos questionários, devido a impossibilidade de encontrar horários para encontros presenciais, dois desistiram. Nesse sentido, apesar do perigo de distanciamento entre pesquisador e interlocutores que pesquisas realizadas exclusivamente em ambientes online pode provocar, ao mesmo tempo acaba sendo uma maneira de facilitar a realização de estudos por não ser necessário a tomada de tempo para deslocamentos e encontros presenciais.

Outro elemento desafiador foi a imprevisibilidade das manifestações sociais que aconteceram no Brasil e que os interlocutores do estudo também acabaram se envolvendo exatamente no momento de desenvolvimento do campo da pesquisa. Discernir os limites entre o que eram posições sociopolíticas deles ou empolgação momentânea com a efervescência dos protestos nas ruas do país, é um dos limites teórico-metodológicos de análise que nos possibilitou apenas apontar indícios sobre o tema em debate.

Além disso, a quantidade de conteúdos que circulava na página pessoal dos sujeitos no Facebook, a velocidade e a instantaneidade com que os fatos das ruas chegavam às redes sociais, foram elementos que impuseram obstáculos ao processo investigativo, sobretudo nos cuidados a serem tomados para não reforçar as dicotomias entre virtual e real, ou online e offline. Isto provocou também a nossa busca por novos

referenciais que já estivessem discutindo sobre as manifestações sociais no âmbito acadêmico.

Assim, o que pudemos perceber a partir dos dados colhidos em todos os procedimentos metodológicos do processo investigativo, tanto nos cenários offline como no online, foi que o relacionamento comunicativo (consumo, circulação e produção) dos interlocutores da pesquisa com o conteúdo midiático-esportivo acontece atendendo aos percursos das mediações culturais (cf. apresentado no capítulo 1) de maneira integrada e entrelaçada. Os usos, apropriações, trajetórias de consumo e formas de interação apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, indicaram a presença tanto de elementos institucionais do Esporte e da Mídia (*institucionalidade*) e da técnica discursiva da Mídia e da Mídia Esportiva (*tecnicidade*), como das relações entre os pares nas redes sociais (*socialidade*) e dos seus rituais de leitura e compreensão contextual (*ritualidade*).

Os sujeitos da pesquisa afirmaram utilizar, basicamente, como principais suportes de acesso às informações sobre esporte, a televisão e a internet, com pouca ou quase nenhuma utilização do rádio e dos jornais. Dados que dão indícios da obsolescência a que essas últimas mídias, mais antigas, estão sendo acometidas.

Da relação com a televisão tanto aberta como fechada os estudantes de Educação Física mostraram acompanhar com frequência regular os canais e respectivas programações de tradição hegemônica na mídia nacional, como a *Rede Globo*, com o *Globo Esporte* e o *Esporte Espetacular*, e a *Bandeirantes*, com o programa *Jogo Aberto*. Na TV fechada, praticamente todos eles assistem ao canal esportivo do *Grupo GloboSat*, o *SPORTV*, mas alguns também disseram assistir canais como a *ESPN*, *FOX SPORTS* e o *OFF*, os quais fogem um pouco do círculo comercial de relacionamento de direitos de transmissão entre o Esporte e a Mídia no país⁴².

Na internet, vale destacar a predominância dos portais de notícia e informação correspondentes aos grandes conglomerados da mídia, como o *Globo.com*, o *Uol* e o *Yahoo*, apesar do portal do jornal *Brasil de Fato* também ter sido citado e ser um veículo que está fora do círculo comercial dos meios de comunicação de massa do país. Já os blogs são

⁴² Internacionalmente a rede de canais ESPN e a FOX são uns dos detentores dos direitos de transmissão dos maiores eventos e campeonatos esportivos do mundo, o que acaba não acontecendo no Brasil devido ao monopólio exercido pelas Organizações Globo há muitos anos.

acessados por apenas um dos interlocutores do estudo e que citou somente a página de uma jornalista local (*Elaine Tavares*) como de acesso corriqueiro. Considerada por muitos estudiosos da cultura digital como uma importante representante desses espaços de resistência e subversão no ciberespaço, a blogosfera é pouco ou quase nada utilizada pelos sujeitos que participaram do estudo.

Além desses meios, os interlocutores da pesquisa afirmaram que utilizam as redes sociais como meio de busca e acesso a informações esportivas. Mesmo não sendo uma prioridade, pois na maioria dos casos a principal utilidade é o contato com amigos e familiares, entretenimento e lazer, eles também acompanham *fan pages* relacionadas a esporte nas redes sociais (no caso, o Facebook) e procuram estar inteirados sobre os assuntos que lhe interessam.

Apesar de a maioria se interessar por conteúdos tradicionais do universo esportivo do alto rendimento, como preparação e negociação dos atletas, campeonatos, resultados das disputas e classificação dos competidores, alguns dos sujeitos da pesquisa também elencaram como de interesse deles elementos políticos e econômicos do fenômeno esportivo. Aspectos que foram possíveis perceber também na propriedade, mesmo que muitas vezes comedida, com que eles trataram e discutiram a realização dos megaeventos no Brasil, o relacionamento comercial do esporte com a mídia e, sobretudo, a atenção com as relações estratégicas que aconteceram entre as manifestações sociais e os meios de comunicação de massa no país.

Da mesma forma, os dados das interações realizadas por eles nas redes sociais também nos conduzem a compreender que mesmo acessando a informação sobre esporte através do discurso midiático-esportivo da mídia tradicional e, normalmente, interessada no produto, os interlocutores da pesquisa, com alguma autonomia e clareza, ressignificam e atribuem novos sentidos ao caráter hegemônico e fragmentado do "esporte telespetáculo" e da "falação esportiva". Nesse sentido, se estabelece uma relação não só informativa e consumidora dos sujeitos com o conteúdo esportivo, mas também de impactos reflexivos e esclarecedores na formação sociocultural deles.

Os conteúdos que os sujeitos postaram e compartilharam nas suas páginas pessoais do Facebook durante o período de acompanhamento estavam, em grande parte, relacionados ao contexto de momento das reivindicações e manifestações sociais que ecoavam por todo o país, inclusive em diversos lugares do mundo. Ou seja, mesmo aquelas

postagens relacionadas aos megaeventos e, no caso, à Copa das Confederações tinham algum teor de manifesto sociopolítico.

Destacou-se nesse ponto, o papel mobilizador de multidões que as redes sociais assumiram naquele momento, na compreensão dos interlocutores, sobretudo nas próprias interações que eles realizaram com seus amigos na rede. Mas, nesse fenômeno foi apontada pelos sujeitos certa preocupação com o excesso de vozes proporcionado pela democracia autoral proporcionada pelo ciberespaço. Esse foi um possível problema a ser enfrentado nesses casos de mobilização social em rede. Pôde-se perceber que essa característica multivocal, apesar do benefício da descentralização de poder dos movimentos, pode também ser uma falha que promova a desarticulação pela falta de coerência e coesão no fortalecimento dos mesmos, por ser algo um tanto quanto superficial e imediatista devido à instantaneidade, a velocidade e a grande quantidade dos conteúdos que circulam nas redes.

Apesar desse papel assumido naquele contexto de momento, as redes sociais demonstraram ter múltiplas funções para os seus usuários. A diversidade de ações e interações possíveis de serem executadas nessas plataformas pode fazer com que a funcionalidade delas dependa basicamente da subjetividade de cada um. Os exemplos que tivemos neste trabalho indica como é preciso ter cautela no trato com esse tema e com esses ambientes online principalmente por abrirem espaço de uso para pessoas dos mais variados contextos socioculturais. Tivemos, para um, a função de formação coletiva entre os pares; para outra, um espaço ou uma espécie de "alto-falante" para desabafo pessoal; e para outra, apenas um meio de entretenimento e lazer.

Entretanto, para além desses papéis e funções, um outro tipo de interação que foi visualizada durante o período da pesquisa no acompanhamento à rede social foi o sentimento nacionalista de brasilidade. Alguns dos interlocutores da pesquisa em suas páginas pessoais chegaram a expressar durante os jogos da seleção brasileira na Copa das Confederações a identificação e o sentimento de pertencimento à "pátria de chuteiras" que tradicionalmente acomete os brasileiros na relação com o futebol. Diferentemente dos Jogos Olímpicos que, como também apareceram nos dados da pesquisa, tem uma relação diferenciada, menos emocional para o público do país.

É também sob essa ótica de proximidade, mas, sobretudo de distanciamento que os sujeitos da pesquisa mostraram estabelecer relações e interpretações acerca da realização dos megaeventos

esportivos no Brasil. Diante dos dilemas e contradições que se apresentam desde a escolha do país e das cidades como sedes destes espetáculos do esporte, eles demonstraram indecisões, condições e também controvérsias quando abordaram o assunto durante os diversos momentos da pesquisa. Mostraram que estão entre o sim, o não ou o sim-e-o-não da realização dos megaeventos esportivos no país, assim como se observa no próprio campo acadêmico-científico da Educação Física e de outras áreas do conhecimento.

Apesar da propriedade com que os estudos sobre os megaeventos esportivos vem se desenvolvendo e que os professores em formação inicial participantes da pesquisa também apresentaram, estando atentos tanto aos problemas dos legados prometidos, como da visibilidade midiática e geopolítica, eles ainda deram indícios da dificuldade em não se renderem ao encantamento do espetáculo. Pudemos perceber que entre a desilusão e a esperança dos legados, a crítica e os questionamentos ao discurso oficial (midiático) legitimador dos eventos no Brasil, ainda perdura e até se sobressai, em alguns casos, o fetiche pelo esquematismo montado pelos produtos da indústria esportiva.

Nesse sentido, ao serem provocados a pensar e atribuírem um sentido para a cidadania, de maneira geral, e para a Educação Física, em específico, sobre a realização dos megaeventos esportivos no Brasil, os interlocutores da pesquisa mantiveram-se entre os dilemas e contradições. Mesmo destacando a importância e a necessidade permanente da mediação institucional da universidade através dos seus três eixos de sustentação do tripé acadêmico (ensino, pesquisa e extensão) na discussão de temas atuais como essa "década esportiva" no Brasil, os graduandos mostraram um *a priori* totalmente diferente dos fins que conseguiam materializar para a Educação Física escolar.

Embora ainda em processo de formação inicial, os interlocutores da pesquisa apresentaram, de início, propriedade crítica e capacidade reflexiva de vislumbrar possibilidades de intervenção pedagógica na Educação Física escolar para tratar do tema dos megaeventos esportivos de maneira subversiva, resistindo à tradição do encantamento e da rendição à festa do espetáculo. Muito disso, inclusive, com indicativos de influências formativas das concepções críticas e pedagógicas da área, como por exemplo a Teoria do Se-Movimentar Humano.

Porém, ao serem solicitados a refletirem sobre as responsabilidades da área na conformação da cultura esportiva e no exercício da cidadania, principalmente diante do cenário de

manifestações sociais pelo qual passou o país nos últimos meses, eles não conseguiram formalizar nenhuma relação. Muito menos chegaram a conceber alguma possibilidade de intervenção pedagógica que mediasse a formação sociocultural dos possíveis alunos mediante o momento tão importante e mobilizador como a Copa e as Olimpíadas no Brasil.

Portanto, o que nos parece sensato considerar como algumas reflexões finais deste investimento investigativo desenvolvido até aqui é que, apesar dos avanços e do constante aprofundamento reflexivo que a Educação Física tem realizado nos estudos em Mídia, Esporte e, mais recentemente, Megaeventos Esportivos, ainda há um longo processo de desenvolvimento para a sua legitimação profissional, sobretudo no projeto educacional de intervenção pedagógica na escola e, antes disso, na formação dos professores.

No caso desta pesquisa, o que fica de indicativo é que mesmo com o advento da convergência digital carregada pelas suas transformações culturais de consumo, produção e circulação de conteúdos em rede, a conformação da cultura esportiva, por exemplo, ainda tem problemas e dificuldades em se desvincular das determinações institucionais e conservadoras a que está atrelada hegemonicamente.

Mais do que isso, a problemática que se coloca em questão não está associada diretamente aos elementos mediadores comunicativos da cultura disponibilizados pelo ciberespaço no contexto da convergência dos meios, até porque eles mostraram, com as manifestações de junho, que eles realmente abrem brechas para a agência e a subversão social. O questionamento que se faz aqui é para a especificidade da Educação Física, pois durante a pesquisa os interlocutores mostraram-se ativos, com uma compreensão ampliada, contextualizada e uma posição crítica diante dos temas levantados no estudo. No entanto, ao serem levados ao solo em que estão inseridos (a Educação Física), apresentaram as dificuldades de associação dos elementos práticos da intervenção pedagógica com as teorias desenvolvidas na área e discutidas por eles mesmos no decorrer da investigação.

Por fim, o que visualizamos como possíveis contribuições do estudo para a Educação Física, como campo de intervenção e área do conhecimento em desenvolvimento, é que a formação instrumental, crítica e produtiva na relação entre Mídia, Esporte e Educação Física permanece como uma demanda urgente do mesmo modo como apresentado em estudos anteriores. Ainda que se tenha percebido que a

produção acadêmica sobre essa temática publicada em periódicos da Educação Física aumentou significativamente nos últimos cinco ou seis anos (SANTOS *et al.*, 2012), é preciso reconhecer que há um longo caminho a ser percorrido na formação profissional da área para que avanços no trato conceitual e didático-metodológico sobre o tema sejam alcançados e consolidados. É necessário, sobretudo, estar em constante atualização para acompanhar a velocidade das transformações tecnológicas, como a onipresença das redes sociais na vida dos sujeitos. Para além disso, a Educação Física precisa estar sempre preparada e atenta para remeter as questões teóricas insurgentes no cotidiano social à sua prática pedagógica, mas também de se comprometer em associar as questões da prática diária na escola ao mundo vivido pelos sujeitos cidadãos do mundo. Que a Educação Física continue "revirando" os panos que encobrem os bastidores do espetáculo esportivo e que desenvolva como mediador cultural, em seu processo de formação de professores inicial e continuada, estratégias esclarecedoras da relação existente entre a cultura esportiva e o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Comitê Olímpico Brasileiro e o financiamento das confederações brasileiras. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 163-179, jan./mar 2011.

ANTUNES, Scheila Espíndola. **O "País do futebol na Copa do Mundo"**: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BETTI, Mauro. **Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

_____. *Esporte na mídia ou esporte da mídia?* **Motrivivência**, Santa Catarina: UFSC, ano XII, Nº 17, 2001.

_____. *Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: inversionalidade e transversionalidade na cultura esportiva e na Educação Física escolar.* **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, p. 16-27, Jun-Dez./2009.

BITENCOURT, Fernando. Esboço sobre algumas implicações do futebol e da Copa do Mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009.

BITENCOURT, Fernando et al. Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/local. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 21-36, Jan./Jun. 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.

_____. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular. In: Caparroz, Francisco (org.). **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 131-143, 2013.

COSTA, Martha Benevides da Costa; LEIRO, Augusto César Rios. Texto televisivo e educação infantil: conhecimento cotidiano e trabalho pedagógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 121-135, janeiro 2010.

DaCOSTA, L. P. *et al.* (Ed.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos. **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 33-44, jan./jun. 2013.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física escolar e megaeventos esportivos: desafios e possibilidades. **Kinesis**, Santa Maria, v. 31, n. 1, p. 125-137, jan./jun. 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Rodrigo. Indústria Cultural 2.0. **Revista de Teoria Crítica**, Constelaciones, n. 3, p. 90-117, Dezembro de 2011.

ECO, Umberto. A falação esportiva. In: _____. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 220-226, 1984.

FANTIN, M. **Mídia-educação: olhares, conceitos e experiências Brasil e Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GHIDETTI, Filipe Ferreira; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. A presença da fenomenologia na/da teoria do se-movimentar

humano brasileira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 886-902, jul./set. 2013.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, p. 9-24, set. 2009.

_____. Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, p. 10-21, mar. 2010.

GOMES, Itânia Maria Mota. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs). **Em torno das mídias: práticas e ambiências**. Porto Alegre: Sulina, p. 95-112, 2008.

GURGEL, Anderson. O papel do jornalismo nos Megaeventos Esportivos. In: XXXV Intercom: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza/CE: **Anais...** 2012.

HORKHEIMER, Max; ADORNO. Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JACKS, Nilda. **Querência: cultura regional como mediação simbólica - um estudo de recepção**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. **Jovem e consumo cultural em tempos de convergência**. Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS, 2010.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, p. 43-62, 2004.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1994.

_____. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 1-13, 2000.

_____. **Educação Física: Ensino & mudanças**. Ijuí: Unijui, 2004.

LIMA, Mariza Antunes de; MARTINS, Clóvis J.; CAPRARO, André Mendes. Olimpíadas Modernas: a história de uma tradição inventada. Pensar a prática, Goiânia, 12/1, p. 1-11, jan./abr. 2009.

LISBOA, Mariana Mendonça. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2007.

LUCENA, Ricardo de F. Esporte, Educação Física e escola: como não sucumbir ao gigante esporte em tempos de megaeventos esportivos no Brasil? **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 45-55, jan./jun. 2013.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilizações nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunamis. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 39-67, jan./mar de 2012.

MASCARENHAS, Fernando *et al.* O Bloco Olímpico: estado, organização esportiva e mercado na configuração da agenda Rio 2016. **Revista da Alesde**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 15-32, outubro 2012.

MEZZARROBA, Cristiano. **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2008.

MEZZARROBA, Cristiano; MESSA, Fabio de Carvalho; PIRES, Giovani de Lorenzi. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e agendamento midiático-esportivo. *In*: PIRES, G.L. (Org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, p. 21-46, 2011.

MEZZARROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fábio. Reflexões e problematizações sobre a pesquisa em Educação Física: perspectivas para os “filhos do casamento (in)feliz”. **Kinesis**, Santa Maria, v. 31, n. 1, jan./jun. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORAES, Dênis de. **O planeta mídia**: tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

_____. **A batalha da mídia**: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

MOTRIVIVÊNCIA. Grandes Eventos Esportivos no Brasil. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XVIII, n. 27, Dezembro/2006.

_____. Dossiê 2007-2016 - A Década dos Megaeventos Esportivos no Brasil. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, junho e dezembro/2009.

MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. *In*: MORICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, p. 13-18, 2013.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2005.

OROZCO, Guillermo Gómez. Hacia una dialéctica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. **Comunicação & Política na América Latina**, São Paulo, ano 8, v. 22 a 25, p. 57-73, 1993.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornal sensacionalista. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, p. 81-106, 2006.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno Esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

_____. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 336 p., 2002 (Coleção Educação Física).

_____. (Org.). **"Observando" o Pan RIO/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

PIRES, Giovani de Lorenzi *et al.* Retrato da Produção em Educação Física/Mídia no Brasil: notas preliminares. Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte, 3, **Anais** eletrônicos... Santa Maria: 20 a 23/setembro/2006.

_____. A pesquisa em Educação Física e mídia: pioneirismo, contribuições e críticas ao “Grupo de Santa Maria”. **Movimento**, Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 03, p. 33-52, setembro/dezembro de 2008.

PIRES, Giovani De Lorenzi; SILVEIRA, Juliano. Esporte educacional ... existe? Tarefa e compromisso da educação física com o esporte. In: SILVA, Mauricio Roberto (org.). **Esporte, educação, estado e sociedade**. Chapecó: Argos, 2007.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas/SP: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Física e esportes).

_____. Observações sobre os impactos econômicos esperados dos Jogos Olímpicos de 2016. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, p. 49-70, jun-dez./2009.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In: RIFIOTIS, Theophilos *et al.* (Org.). **Antropologia no Ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010, p. 15-28.

SANDANO, Carlos. A informação-mercadoria do jornalismo e as novas formas de trocas culturais na sociedade globalizada. In: COELHO, C.N.P.; CASTRO, V.J. (Org). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, p. 61-80, 2006.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: temas pedagógicos**. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

SANTOS, Silvan Menezes *et al.* Estudo preliminar da produção científica sobre Educação Física e Mídia/Tics em periódicos nacionais. In: VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte. Rio Grande/RS: **Anais...** 2012. Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/6csbce/sul2012/trackDirector/index/submissionsAccepted>

SILVA, Cinthia Lopes da. “Morangos com açúcar” na telinha: experiência pedagógica junto a estudantes portugueses de Educação Física. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.1, mar/2010.

SILVA, Cinthia Lopes da; DAOLIO, Jocimar. Experiência pedagógica: análise de anúncios publicitários junto a estudantes de Educação Física Portugueses. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.2 p.449-457, abr./jun. 2009.

SILVA, Maurício Roberto da; PIRES, Giovanni de Lorenzi. Os "Negócios Olímpicos" de 2016 no Brasil: "o esporte pode tudo"? (Editorial). **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, p. 9-15, jun-dez/2009.

SIMSON, Vyv; JENNINGS, Andrew. **Os Senhores dos Anéis: Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas**. São Paulo: Best Seller, 1992.

SOARES, Carmen Lúcia Soares *et al.* (Coletivo de Autores). **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Juliano; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Os “legados” dos megaeventos esportivos no Brasil: algumas notas e reflexões. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XXII, Nº 34, p. 245-255, Jun./2010.

TAVARES, Otavio. Megaeventos esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 11-35, jul/set de 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UVINHA, Ricardo Ricci. Os megaeventos esportivos e seus impactos: o caso das Olimpíadas da China. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, p. 104-125, jun-dez./2009.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, v. 5, p. 4-17, set. 1996.

VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Esporte, sociedade, educação: megaeventos esportivos e Educação Física escolar. **Impulso**, Piracicaba, v. 23, n. 56, p. 87-98, jan.-abr. 2013.

VIDAL, Delcia Maria de Mattos. Notícias de interesse público e de interesse do público: a possibilidade de convergência desses interesses. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 12, **Anais...** Goiânia/GO, 27-29/maio/2010.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário crítico de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone: (048) 3721-9926 Fax (048) 3721-9792



Meu nome é Silvan Menezes dos Santos, sou aluno do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e desenvolvo a pesquisa **“Megaeventos Esportivos, Educação Física e Convergência Digital: consumo, circulação e produção por professores em formação inicial”**, sob a orientação do pesquisador responsável pela pesquisa, Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires (PPGEF/UFSC). O estudo tem por objetivo compreender as relações de professores de Educação Física em formação com o discurso midiático-esportivo sobre megaeventos esportivos no Brasil, no âmbito da convergência digital dos meios.

Nesta pesquisa, propõe-se o acompanhamento das ações sociais desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa (consumo, compartilhamento e produção) nos ambientes virtuais das redes sociais acerca da temática esporte e megaeventos esportivos, pelo período de quarenta e cinco dias, sendo utilizados como instrumentos para coleta e registro das informações: a Análise de Rede Social, questionário misto e entrevistas semi-estruturadas em grupo. As entrevistas serão registradas em aparelho digital de gravação audiovisual e realizadas com professores de Educação Física em formação inicial com interesse por esporte e que tenha participação ativa na rede social *Facebook*. O procedimento de Análise de Rede Social será registrado em um protocolo de coleta de dados na internet.

Este estudo justifica-se pela necessidade de compreender como vem acontecendo a conformação da cultura esportiva dos futuros profissionais da Educação Física que atuaram na educação e na

formação de cidadãos em tempos de megaeventos esportivos no país e em um ambiente comunicacional de convergência digital dos meios. A expectativa é que o estudo traga reflexões e aponte limites e possibilidades acerca da formação cultural esportiva de futuros professores de Educação Física no contexto de comunicação e de consumo das mídias digitais.

Os participantes da pesquisa serão esclarecidos(as) sobre todos os aspectos que envolvem o estudo e sobre qualquer aspecto que desejarem. Cada participante da pesquisa é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, pois a sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. As informações de identificação dos sujeitos participantes da pesquisa serão tratadas com sigilo.

Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelos telefones: (48) 9686-1852 e (48)9989 4891.

Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas somente serão utilizadas neste trabalho, com o máximo sigilo.

Pesquisador principal: _____
Silvan Menezes dos Santos

Pesquisador responsável: _____
Giovani De Lorenzi Pires

Eu fui esclarecido (a) sobre a pesquisa “Megaeventos Esportivos, Educação Física e Convergência Digital: consumo, circulação e produção por professores em formação inicial” e concordo que os meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, ____ de _____ de 2013.

Assinatura: _____

RG: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA COLETIVA

- Qual o entendimento/compreensão que vocês tem sobre esporte?
- O que seria a cultura esportiva?
- Os megaeventos são um fato consumado no país para os próximos anos, como vocês analisam a realização deles no Brasil?
- Falamos sobre Copa do Mundo, mas não de Olimpíadas, o que vocês acham sobre os Jogos Olímpicos no Rio?
- Para a Educação Física, qual a relação e o papel da área no que diz respeito ao trato com o tema dos megaeventos em seu campo de formação e de atuação profissional?
- Passados todos os fatos que aconteceram no Brasil nos últimos meses e em paralelo com a Copa das Confederações, qual a análise de vocês sobre as manifestações no Brasil e do próprio evento teste da Fifa?
- Um dos principais lemas que representou os protestos foi, "não é só por R\$ 0,20", além deste, reivindicações sobre os megaeventos também fizeram parte da pauta dos manifestantes. Quais as questões acerca da realização dos megaeventos no Brasil vocês perceberam e consideraram pertinentes estarem presentes nos movimentos populares?
- Como vocês analisam a mobilização nacional que aconteceu nas redes para o movimento ganhar essas proporções que tiveram nas ruas do país? A partir disso, como vocês se perceberam nessa relação entre o mundo real e o mundo virtual da rede?
- Como vocês analisam a mudança de manifestações anteriores realizadas via redes sociais virtuais não terem ganhado grandes proporções nas ruas e de repente acontece isso no país?

- Durante o dia a dia das manifestações por todo o país como e onde vocês buscavam informações para estarem atualizados sobre os fatos?

- Quais os significados e quais as expectativas que vocês têm no momento em que postam ou compartilham algum conteúdo na sua página pessoal? Sobretudo, como eram esses sentimentos durante a fase de forte mobilização nacional pelas redes de comunicação na internet?

- Dentro desse diálogo que aconteceu, como é que vocês perceberam e analisam o que aconteceu? Foi efetivo? Superficial? Não aconteceu de maneira efetiva?

- Como vocês acompanharam e analisam a cobertura da grande mídia (mídia tradicional) durante todo o processo de mobilização e protesto popular no país?

- Qual o legado ou o não legado que é possível identificar para a sociedade brasileira e para a Educação Física em específico das "jornadas de junho" de 2013?

QUESTIONÁRIO

1. Dados de identificação

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Semestre/Fase: _____

2. Dados sobre tecnologias de comunicação/informação

- Sobre os computadores/notebooks, indique número:

() não possui computador () 1 p/ uso pessoal () 1 compartilhado () 2 ou mais individuais () 2 ou mais compartilhados

- Locais onde estão instalados/usa os computadores em casa (múltipla escolha)

() sala () quartos () quarto dos pais () escritório () outros: _____.

- Locais de acesso à internet (Do conjunto de opções de resposta, escolha até cinco mais usuais e as numere de 1 até 5, sendo 1 = uso principal e 5 = menor uso).

() casa () faculdade () trabalho () lan house () centros comunitários () outros. Quais? _____

- Se acessar internet em casa, qual o tipo de acesso:

() discado () banda larga () 3G () Cabo () Rádio () Satélite

- Acessa internet por celular / por dispositivos móveis?

() não () sim (qual: _____)

3. Sobre alguns usos midiáticos para acesso a conteúdo esportivo.

a) Assiste TV aberta?

diariamente algumas vezes por semana raramente nunca

(se for o caso) Programação esportiva preferida (Cite até 5 programas esportivos que mais assiste e a respectiva emissora de tv aberta, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

b) Assiste TV por assinatura/ segmentada?

diariamente algumas vezes por semana raramente nunca não possui assinatura

(se for o caso) Quais os canais esportivos preferidos (Cite até 5 canais esportivos que mais assiste, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

d) Onde Ouve rádio (múltipla escolha)?

no carro pelo celular em casa no trabalho/universidade
 pela internet não ouve rádio

(se for o caso) Quais as rádios preferidas (Cite até 5 emissoras de rádio que mais ouve conteúdo esportivo, organizando-as em escala de 1 a 5 por prioridade).

e) Suporte principal de leitura do jornal (múltipla escolha)?

impresso computador aplicativo de celular aplicativo tablet
 não lê jornal.

(se for o caso) Quais os jornais preferidos (Cite até 5 jornais que mais lê conteúdo esportivo, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

f) Suporte principal de leitura de revistas (múltipla escolha)?

impresso computador aplicativo de celular aplicativo de tablet não lê revistas.

(se for o caso) Quais as revistas preferidas (Cite até 5 revistas que mais lê conteúdo esportivo, organizando-as em escala de 1 a 5 por prioridade).

g) Onde consome filmes (múltipla escolha)?

cinema TV aberta TV assinatura locação de DVD compra de DVD “pirata” compra de DVD original faz download assiste “online” não costuma assistir

(se for o caso) Quais os filmes preferidos (Cite até 5 filmes que assistiu e que mais te interessaram acerca do conteúdo esportivo, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

h) Suporte principal de leitura de livros (múltipla escolha):

impresso computador aplicativo de celular aplicativo tablet não lê livros.

(se for o caso) Quais os livros preferidos (Cite até 5 livros que leu sobre conteúdo esportivo, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

i) Acessa portais de informação/notícia na internet (múltipla escolha)?

computador aplicativo de celular aplicativo tablet não acessa

(se for o caso) Quais os portais preferidos (Cite até 5 portais que mais acessa em busca de conteúdo esportivo, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

j) Acessa blogs? (Cite até 5 blogs que acessa sobre conteúdo esportivo, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade). (Não acesso!

Sobre as redes sociais

a) Quais as plataformas (redes sociais) que utiliza? (múltipla escolha)

Facebook Orkut Twitter Youtube LinkedIN Google+ Badoo Instagram Tumblr Pinterest Outras: _____

b) Qual a finalidade de acesso dessas redes sociais? (Do conjunto de opções de resposta, escolha até cinco mais usuais e as numere de 1 a 5, sendo 1 = uso principal e 5 = menor uso).

Entretenimento/Lazer Informações gerais Contato com amigos/familiares Trabalho/Faculdade Fazer novas amizades Outras: _____

c) Com quem se relaciona nas diversas redes? (múltipla escolha)

Amigos Colegas de trabalho/faculdade Familiares Celebidades Bandas Esportistas Políticos Outros: _____

d) Onde moram essas pessoas com quem se relaciona? (múltipla escolha)

na mesma cidade no mesmo estado no mesmo país na mesma região em outro país

e) Você costuma se encontrar com as pessoas com quem se relaciona/conversa via redes sociais?

sim não

4. Sobre a relação com o esporte:

a) Com que frequência pratica esporte?

não pratico várias vezes ao dia diariamente semanalmente quinzenalmente mensalmente raramente

b) Quais modalidades esportivas costuma praticar? (Cite até 5 modalidades que pratica, organizando-as em escala de 1 a 5 por prioridade).

c) Assiste transmissões de jogos/competições com que frequência?

não assisto várias vezes ao dia diariamente semanalmente quinzenalmente mensalmente raramente

d) Quais as modalidades esportivas que costuma assistir? (Cite até 5 modalidades que assiste, organizando-as em escala de 1 a 5 por prioridade).

e) Que tipo de informação/conteúdo esportivo procura estar sempre interado? (Cite até 5 tipos de conteúdo, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

f) Onde busca as informações/conteúdos esportivos? (Cite até 5 veículos de comunicação, organizando-os em escala de 1 a 5 por prioridade).

g) Frequenta arenas/estádios/ginásios para assistir jogos/competições esportivas?

SIM --> regularmente quando interessa muito raramente quando é gratuito

NÃO --> não gosta acha caro não há na cidade

Perguntas abertas (roteiro)

1) Tendo em mente as redes que participa, qual o motivo para participar destas e não de outras?

2) Qual o tema/ assunto predominante nas “conversas” nas redes sociais?

3) Que tipo de assunto costuma postar nas redes?

4) Costuma ler, curtir e comentar postagens de outras pessoas? De que tipo?

5) Costuma reencaminhar/compartilhar “posts”? De que tipo?